

Literatura entre irmãos: Brasil e Cabo Verde

Antologia de textos de escritores e escritoras
da Academia Cabo-Verdiana de Letras (ACL) e
da Academia Gloriense de Letras (AGL/SE)

Org. Christina Ramalho

BRASIL CASUAL
Editora

Literatura entre irmãos: Brasil e Cabo Verde

Antologia de textos de escritores e escritoras
da Academia Cabo-Verdiana de Letras (ACL) e
da Academia Gloriense de Letras (AGL/SE)

autores e autoras

Baltasar Lopes
Cacia Valeria de Rezende
Carlos Alexandre N. Aragão
Carlos Araújo
Daniel Medina
Danny Spínola
David Hopffer Almada
Dina Salústio
Domingos Pascoal
Edson Magalhães Bastos Júnior
Euvaldo Lima dos Reis
Fátima Bettencourt
Filinto Elísio
João Lopes Filho
Jorge Barbosa

Jorge Henrique
Jorge Tolentino
José Sergival Silva
Kaká Barboza
Kelber Rodrigues de Souza
Leunira Batista Santos Sousa
Lucas Lamonier
Luiz Alves da Silva
Manuel Veiga
Ramon Diego
Samuel Gonçalves
Sílvio Romero
Tobias Barreto
Vera Duarte

Organização
Christina Ramalho

Brasil Casual
2017

Título Original: *Literatura entre irmãos: Brasil e Cabo Verde*

© Copyright 2017 by Christina Ramalho e outros

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra em seu todo ou em partes, por qualquer meio, sem o consentimento dos autores.

Autores

Baltasar Lopes
Cacia Valeria de Rezende
Carlos Alexandre Nascimento Aragão
Carlos Araújo
Daniel Medina
Danny Spínola
David Hopffer Almada
Dina Salústio
Domingos Pascoal
Edson Magalhães Bastos Júnior
Euvaldo Lima dos Reis
Fátima Bettencourt
Filinto Elísio
João Lopes Filho
Jorge Barbosa

Jorge Henrique
Jorge Tolentino
José Sergival Silva
Kaká Barboza
Kelber Rodrigues de Souza
Leunira Batista Santos Sousa
Lucas Lamonier
Luiz Alves da Silva
Manuel Veiga
Ramon Diego
Samuel Gonçalves
Sílvio Romero
Tobias Barreto
Vera Duarte

R165l Christina Ramalho (org).

Literatura entre irmãos: Brasil e Cabo Verde. Christina Ramalho (org). 1ª edição.
Editora Brasil Casual, Aracaju, 2017. 265 p.

ISBN: 978-85-69888-20-8

1. Literatura brasileira. 2. Literatura cabo-verdiana 3. Miscelânea de textos

I. Título II. Brasil III. Cabo Verde

CDD: B869.8.980

Literatura entre irmãos: Brasil e Cabo Verde

Antologia de textos de escritores e escritoras
da Academia Cabo-Verdiana de Letras (ACL) e
da Academia Gloriense de Letras (AGL/SE)

Organização

Christina Ramalho

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Maria Leal Cardoso (UF5)

Profa. Dra. Anélia Montechiari Pietrani (UFRJ)

Profa. Dra. Conceição Flores (UnP)

Profa. Dra. Ildney de Fátima Souza Cavalcanti (UFAL)

Profa. Dra. Márcia Regina Curado Pereira Mariano (UF5)

Profa. Dra. Sylvia Helena Cyntrão (UnB)

Brasil Casual

2017

Sumário

PREFÁCIO	9
O que nos une tem a matéria do sonho	9
IRMÃOS ILUSTRES	17
Baltasar Lopes (Cabo Verde)	19
<i>Cabo Verde visto por Gilberto Freyre</i>	19
Sílvio Romero (Sergipe, Brasil)	27
Trecho do Capítulo V (tomo 2) de <i>História da Literatura Brasileira</i> (1888)	27
Jorge Barbosa (Cabo Verde)	31
Carta para Manuel Bandeira	31
Carta para o Brasil	32
Você, Brasil	33
Tobias Barreto (Sergipe, Brasil)	37
A escravidão (1868)	37
O beija-flor (1860)	37
O gênio da humanidade (1866)	39
POESIA ENTRE IRMÃOS	43
Daniel Medina (ACL)	45
Epicus	45
David Hopffer Almada (ACL)	55
Cabo Verde de Esperança!	55
CASA di POBRI	57
Edson Magalhães Bastos Júnior (AGL)	59
Couraças	59
Minha alheia vida tua	60

Euvaldo Lima dos Reis (AGL)	63
Um sonho num sonho	63
Meu pai era analfabeto, mas um grande educador	65
Filinto Elísio (ACL)	67
Retro-fomes & seus cinemas	67
Versos Mínimos	67
Ruínas de Polygon	68
Omerus	68
José Sergival Silva (AGL)	69
Num canto da sala	69
Sedentos	70
Tresloucado	70
Kaká Barboza (ACL)	71
Viajar pela pedra	71
Kelber Rodrigues de Souza (AGL)	73
O sol nasce e a esperança continua	73
Sertão em cólera	73
Lembranças que vêm e vão	74
Leunira Batista Santos Sousa (AGL)	75
A Glória de Sergipe	75
Raiz da confiança	76
Alteridade da vida	76
Lucas Lamonier (AGL)	79
Terra Maria	79
Céu vermelho	80
Renascer na fé	81
Morada	82
Nação	82
Luiz Alves da Silva (AGL)	85
A volta de Camões e novas perguntas do rei	85

Ramon Diego (AGL)	95
Solitude	95
Via Láctea	95
Navalha	96
Hiroshima, mon amour	97
Parabólica	97
PROSA ENTRE IRMÃOS (ARTIGOS)	99
Cacia Valeria de Rezende (AGL)	101
Vida e obra de Pe. León Gregório: um belga que se tornou sertanejo	101
Domingos Pascoal (AGL)	119
Loja Maçônica Cotinguiba: um referencial na cultura literária e social de Sergipe	119
João Lopes Filho (ACL)	123
Entre a Terra-Mãe e a Terra-Longe	123
Jorge Henrique (AGL)	133
Um condor solitário	133
Jorge Tolentino (ACL)	147
Na apresentação de “Pré-Claridosos”	147
Manuel Veiga (ACL)	159
A palavra e o verbo em <i>Odju d’agu</i> , de Manuel Veiga e <i>Chuva Braba</i> , de Manuel Lopes	159
Vera Duarte (ACL)	177
O Atlântico: estrada cultural entre Cabo Verde e o Brasil	177
PROSA ENTRE IRMÃOS (CRÔNICAS E CONTOS)	189
Carlos Alexandre Nascimento Aragão (AGL)	191
Um ser especial	191

Carlos Araújo (ACL)	193
Voando no infinito da nossa concha	193
Danny Spínola	201
O canto do cisne de Dante	201
Dina Salústio (ACL)	211
Uma rua chamada Planeta	211
Fátima Bettencourt (ACL)	213
Letra após letra	213
Kaká Barboza (ACL)	223
Nossa casa em Assomada	223
Samuel Gonçalves (ACL)	225
Tchitchiti	225
SOBRE AS ACADEMIAS	231
Academia Cabo-Verdiana de Letras (ACL)	233
Academia Gloriense de Letras (AGL)	237
SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS	241
Dos irmãos ilustres	243
Baltasar Lopes (Cabo Verde)	243
Jorge Barbosa (Cabo Verde)	243
Sílvio Romero (Sergipe, Brasil)	243
Tobias Barreto (Sergipe, Brasil)	244
Da Academia Cabo-Verdiana de Letras	245
Carlos Alberto Barbosa – Kaká Barboza	245
Carlos Manuel de Melo Araújo	245
Daniel Medina	246
Danny Spínola, Daniel Euricles Spencer Rodrigues Spínola	246

David Hopffer Almada	247
Dina Salústio	248
Fátima Bettencourt	248
João Lopes Filho	249
Jorge Tolentino	250
Manuel Veiga	251
Samuel Ferreira Fontes Gonçalves	252
Vera Duarte	252
Da Academia Gloriense de Letras (AGL)	253
Cacia Valeria de Rezende	253
Carlos Alexandre Nascimento Aragão	254
Domingos Pascoal	254
Edson Magalhães Bastos Júnior	255
Euvaldo Lima dos Reis	256
Jorge Henrique	256
José Sergival Silva	257
Kelber Rodrigues de Souza	257
Leunira Batista Santos Sousa	258
Lucas Lamonier	259
Luiz Alves da Silva	259
Ramon Diego	260
Da organizadora	260
Christina Bielinski Ramalho	260

PREFÁCIO

O que nos une tem a matéria do sonho

Sem a matéria do sonho, o que somos em carne e tempo se perde, deixando-se tragar pela teia gelada que faz da vida sinônimo exclusivo de sofrimento e pelo som viciante das caixas registradoras que vendem o ser humano no balcão das mercadorias com prazo de validade. O sonho é, pois, combustível para o que no ser humano é divino.

O sonho de que aqui falo não tem rota definida. Não é o sonho individual, não é o sonho de um povo, não é aquele que a arte sonha. É a soma de tudo isso e mais um pouco. É o que, na cultura de um povo, se reveste de ousadia, perseverança e impulso em direção à sensibilidade do olhar para nós mesmos que é capaz de perceber o outro como parte de um todo, que, afinal, chama-se vida. Vida em espírito de fraternidade.

Seguindo esse raciocínio, o termo “entre irmãos”, presente no título deste livro, não é um recurso piegas, e sequer beira a visão subalterna que atribuiria “paternidade” portuguesa como traço identitário comum capaz de sustentar uma “irmandade” pretendida. Ao contrário, esse tipo de “irmandade”, cuja história tem mais perversidade que júbilos possíveis, deixo-a aos historiadores, sociólogos e antropólogos, que sobre ela se debruçam há séculos.

Falo aqui de irmãos no sonho, no entusiasmo de se descobrirem fontes vivas de capacidade de constante auto-reinvenção. Falo de escritores e escritoras que, em algum lugar da história, entenderam terem questões comuns e alguns pontos de apoio mútuo que, eventualmente, lhes poderia sustentar o aprofundamento em suas questões de descobrir o espaço em que seria possível existir sem a pecha do colonialismo como determinante para “heranças” que, muitas vezes, são formas de castração de pulsões maiores em direção à busca necessária de um “si mesmo”.

Falo de um encontro que teve início com a vinda de Vera Duarte e David Hopffer Almada a nosso pequeno estado de Sergipe, em 2015. Na ocasião, os contatos com a Academia Sergipana de Letras

(ASL) e a Academia Gloriense de Letras (AGL) sinalizaram uma fraternidade a ser construída pela descoberta de semelhanças entre os universos cabo-verdiano e sergipano e pelo desejo de conhecer melhor as diferenças. Convênios foram assinados e assumi eu a honrosa tarefa de, com este livro, selar a concretude das trocas culturais almejadas.

O pequeno e bravo Cabo Verde. O pequeno e tenaz Sergipe. Um emerge das águas em pleno Atlântico, espalha-se mundo afora, enfrentando signos fortes que clamam pelo espírito aguerrido de lutar pela sobrevivência. O outro, ponta pequenina de um gigante, o menor entre todos, não tem sina diferente. A seca como signo comum; a cabra, saltando nos dois espaços para permanecer como símbolo de enfrentamentos semelhantes; a academia literária como opção para firmar em terreno próprio o direito à circulação e à preservação de suas literaturas. E Nossa Senhora da Glória, como metonímia do pequeno Sergipe e como joia cultural do sertão, torna-se, naturalmente, um espaço para que “ser irmão” metaforize sonhos compartilhados de terras com mais literatura circulando pelas ruas.

Há muitos traços comuns que poderão ser vistos nos textos aqui apresentados. Mas também há as discrepâncias, as diferenças no próprio modo de ver a escrita literária, por exemplo. Mas essas diferenças, inclusive, acontecem dentro dos próprios grupos, separadamente. Não importa. Importa o encontro. A elegância de ouvir o que o outro tem a dizer. A determinação de fazer do Oceano Atlântico um rio navegável, cujas margens conseguem ver uma à outra, ainda que simbolicamente. Ser irmão, assim, deriva de irmanar-se em prol da oportunidade de ir além daquilo que os limites geográficos chamam de “pequenas extensões”. Quilômetros quadrados jamais serão páreo para o ser infinito da palavra literária. E o sonho em comum de viver a literatura é, sim, belíssimo signo de fraternidade.

Quanto ao fato de eu assumir esta organização, ele tem origem nos meus estudos de pós-doutorado sobre a trilogia épica de Corsino Fortes, realizada com bolsa FAPESP, junto à USP, entre 2010 e 2012, com a supervisão da sem dúvida maior especialista brasileira em cultura e literatura cabo-verdiana, a querida Simone Caputo Gomes, professora-doutora que há décadas se debruça sobre as infinitas matérias literárias e culturais que Cabo Verde oferece a quem deseje

mergulhar em suas águas profundas. Se hoje a Universidade Federal de Sergipe e a Universidade de Cabo Verde põem em funcionamento um convênio de cooperação mútua, será este mais um fruto plantado por Simone, através de mim, em sua incansável determinação de enriquecer os Estudos Cabo-Verdianos no Brasil. Desde já, minha gratidão a ela e, é claro, a Corsino Fortes, dono da palavra metafórica precisa que dignifica e eterniza Cabo Verde.

Feitas essas explicações iniciais, ilustro o modo como esta antologia se organizou, desculpando-me, desde este início, pelo exíguo espaço para recortes críticos aprofundados sobre os textos aqui apresentados.

A primeira parte, “Irmãos ilustres”, homenageia dois cabo-verdianos do século XX e dois sergipanos do século XIX (ainda que Romero tenha cruzado a fronteira entre os séculos), que, sem sombra para qualquer contestação, são partes indissolúveis da cultura de Cabo Verde, de Sergipe, do Brasil e, por que não, de todo o mundo que cabe nos interesses que pessoas de qualquer parte podem ter em conhecer seus legados literários e culturais.

Pequeníssimos trechos da prosa de Baltasar Lopes (Cabo Verde) e da de Sílvio Romero (Sergipe, Brasil) vêm ilustrar, além dos estilos próprios, a capacidade reflexiva de ambos. Do primeiro, temos o trecho inicial do livro *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre* (1965), que é bastante revelador, no sentido de mostrar a decisão firme de Baltasar Lopes em firmar o necessário terreno para a configuração de uma “cabo-verdianidade” isenta de ser refém dos tais paradigmas de ser fruto de um sistema colonial. O corajoso enfrentamento à superficialidade com que Freyre contemplou Cabo Verde é preciso e extremamente necessário. Serve-nos de parâmetro para não repetirmos jamais o deslize do brasileiro. De outro lado, a alusão que faz à chegada da Literatura Brasileira ao meio cultural cabo-verdiano (por meio de mãos “fraternalmente juntas”) e a descrição do impacto de obras como “Evocação de Recife” no seio da vivência das ilhas são instigantes no sentido de nos mover a buscarmos mais e mais nossas afinidades. Destaca-se, nesse âmbito, a referência de Lopes a *Os Corumbas*, de Armando Fontes, paulista de nascimento, mas sergipano por justiça histórico-cultural.

Já no trecho do Capítulo V de *História da Literatura Brasileira* (1888), Sílvio Romero nos deixa perceber sua argúcia crítica e seu desejo imenso de por todos os pingos nos “is” de sua fala sobre a história da literatura e da cultura brasileiras. Dimensionando o lugar do índio e do negro no espaço da reflexão sobre a cultura brasileira, Romero mostra, igualmente, coragem.

Cabe dizer que ambos também foram poetas e deixaram a leitores e leitoras o convite à busca por seus textos em prosa e em verso.

Os poemas de Jorge Barbosa (Cabo Verde) e Tobias Barreto (Sergipe, Brasil) têm sabores peculiares. Barbosa, tal como Baltasar Lopes, é um dos sustentáculos da base que formou a independência cultural e literária de Cabo Verde. Sua relação com o Brasil, país que visitou com a imaginação que o profundo mergulho em manifestações literárias brasileiras lhe proporcionou, emociona. Por isso, não há como não se envolver com “Carta para Manuel Bandeira”, “Carta para o Brasil” e “Você, Brasil” e chegar a imaginar Bandeira e Barbosa sentados, juntos, confabulando sobre as afinidades entre os dois países. Já os poemas “A escravidão”, “O beija-flor” e “O gênio da humanidade”, de Tobias Barreto (Sergipe, Brasil), apresentam um pouco do estilo cheio de personalidade de um poeta que a História da Literatura Brasileira não soube conservar bem e sobre quem ainda cabem resgates críticos mais aprofundados, tal como bem aponta Jorge Henrique Vieira Santos em seu artigo.

Na segunda parte, temos textos líricos de poetas (muitos deles também prosadores, cabe dizer) dos dois países, todos membros das academias literárias que aqui se irmanam para trocar palavras e vivências. A poesia nunca soube bem caber nas amarras das estéticas coletivas. Ainda que momentos como o parnasiano ou o simbolista da trajetória da lírica ocidental tenham, até certo ponto, “domado” o espírito rebelde da poesia como arte que nunca elide a subjetividade do sujeito (ainda que o disfarce), não há como deixar de dizer que a poesia, por ser de todos e de todas, não merece o claustro de uma clivagem estética.

Entre Daniel Medina (ACL), com “Epicus”; David Hopffer Almada (ACL), com “Cabo Verde de Esperança!” e “CASA di POBRI”; Edson Magalhães Bastos Júnior (AGL), com “Couraças” e “Minha alheia

vida tua”; Eivaldo Lima dos Reis (AGL), com “Um sonho num sonho” e “Meu pai era analfabeto, mas um grande educador”; Filinto Elísio (ACL), com “Retro-fomes & seus cinemas”, “Versos Mínimos”, “Ruínas de Polygon” e “Omerus”; José Sergival Silva (AGL), com “Num canto da sala”, “Sedentos” e “Tresloucado”; Kaká Barboza (ACL), com “Viajar pela pedra”; Kelber Rodrigues de Souza (AGL), com “O sol nasce e a esperança continua”, “Sertão em cólera” e “Lembranças que vêm e vão”; Leunira Batista Santos Sousa (AGL), com “A Glória de Sergipe”, “Raiz da Confiança” e “Alteridade da vida”; Lucas Lamonier (AGL), com “Terra Maria”, “Céu Vermelho”, “Renascer na fé”, “Morada” e “Nação”; Luiz Alves da Silva (AGL), com “A volta de Camões e novas perguntas do rei”; e Ramon Diego (AGL), com “Solitude”, “Via Láctea”, “Navalha”, “Hiroshima, mon amour” e “Parabólica”, há rios de águas plurais, que ora margeiam o lirismo como barco para navegar o ser, ora se fazem palavra-constructo, de onde brotam barcos inaugurais. Sem qualquer pretensão de fazer do título de “irmãos” um jargão apelativo ou buscar aproximações forçadas que pareçam sustentar esse mesmo título, o que aqui se apresenta é o retrato da diversidade que deve caracterizar a experiência lírica.

Em alguns poemas, percebe-se claramente os laços com a tradição popular do cordel nordestino; em outros, a afinidade caboverdiana com o texto longo, de feição épica; em outros, ainda, a herança da palavra contida, bem à moda de um Cabral de Melo Neto ou de um Corsino Fortes, para falar em importantes referências das duas literaturas. Há temas para todos os gostos; há estéticas mais afeitas ao verso ritmado e rimado; há quem explore os brancos da folha; há quem faça da intertextualidade presença basilar. Há poemas cheios de graça; outros que usam a palavra como trapaça; outros que guardam a ingenuidade boa que faz da poesia caminho para viver os sentimentos com delicadeza. Como em alguns contextos eu já afirmei, “a poesia é o mundo sendo”. E o mundo só é poesia em sua diversidade.

A terceira parte, “Prosa entre irmãos: artigos”, reúne: “A vida e a obra de pe. León Gregório: um belga que se tornou sertanejo”, de Cacia Valeria de Rezende (AGL); “Loja Maçônica Cotinguiba: um referencial na cultura literária e social de Sergipe”, de Domingos

Pascoal (AGL); “Entre a Terra-Mãe e a Terra-Longe”, de João Lopes Filho (ACL); “Um condor solitário”, de Jorge Henrique (AGL); “Na apresentação de ‘Pré-Claridosos’”, de Jorge Tolentino (ACL); “A palavra e o verbo em *Odju d’agu*, de Manuel Veiga e *Chuva Braba*, de Manuel Lopes”, de Manuel Veiga (ACL); e “O Atlântico: estrada cultural entre Cabo Verde e o Brasil”, de Vera Duarte (ACL).

Em seus artigos e ensaios, esses autores e essas autoras revelam aspectos históricos, culturais e literários genuínos, por meio dos quais pode-se debruçar sobre suas culturas. A História, sendo relida por meio da palavra ensaística de estudiosos e estudiosas, muitos e muitas também poetas, contistas e romancistas, insere neste livro uma interessante perspectiva: a de ser a palavra ensaística componente igualmente valioso para se compreender a arte que uma cultura produz.

Ainda que eu não possa tomar um a um os artigos e ensaios apresentados, posso antecipar a riqueza de informações que sua leitura proporcionará. Certamente, de cada texto podem ser recolhidas valiosíssimas reflexões sobre nomes, produções, momentos de valor cultural relevante, entre outros.

A última parte da antologia, “Prosa entre irmãos: “crônicas e contos”, agrega as contribuições de Carlos Alexandre Nascimento Aragão (AGL), com “Um ser especial”; de Carlos Araújo (ACL), com “Voando no infinito da nossa concha”; de Danny Spínola, com “O canto do cisne de Dante”; de Dina Salústio (ACL), com “Uma rua chamada Planeta”; de Fátima Bettencourt (ACL), com “Letra após letra”; de Kaká Barboza (ACL), com “Nossa casa em Assomada”; e de Samuel Gonçalves (ACL), com “Tchitchiti”. Seus textos trazem para nós uma mescla de referentes que transitam entre as pequenas graças do cotidiano, ao sabor da crônica, e as tramas ficcionais sucintas, mas reveladoras, que só contos podem propiciar.

Em Fátima Bettencourt, encontraremos uma crônica-ensaio, por meio da qual Cabo Verde se revela intenso, múltiplo, instigante. Das mulheres do sertão, de Carlos Alexandre Nascimento Aragão, à figura personalíssima de Tchitchiti, apresentado por Samuel Gonçalves, as leituras transitarão entre o espaço quase surreal aos traços de realidade que firmam o chão do conhecimento. Em todos eles e em

todas elas, o estilo próprio, convidando à aprendizagem de coisas novas a cada leitura.

Agradeço a confiança de todos esses autores e essas autoras, cujos textos são facetas de sonhos materializados. Sonhos de uma vida também dedicada à literatura. Alimento, portanto, para sermos, cada vez mais, iguais e diferentes.

Finalizo, tomando de empréstimo as palavras de Baltasar Lopes, logo adiante disponíveis para leitura no texto completo, sobre a “desejada fraternidade”: “por fraternidade não entendo, nenhum de nós jamais entendeu a adesão laudatória; o que queríamos então, como queremos hoje, é a atitude crítica, mas documentadamente, construtivamente crítica” (LOPES, 1956, p. 17).

Que este livro não seja um pretexto para superficialidades sem força de sementes. Ao contrário, por acreditar firmemente na força das formigas e dos pequenos, como nosso Sergipe e esse Cabo Verde, tão múltiplos em sua identidade, estou certa de que outras publicações como esta nascerão, pois, como diz o poema “Epicus”, de Daniel Medina: “Reflexos seremos dos outros/ Ou dos nossos sonhos/ Pela via nos reconheceremos”.

Christina Bielinski Ramalho
Universidade Federal de Sergipe
Membro Honorário das duas academias, com muito orgulho!

Irmãos ilustres

BALTASAR LOPES (CABO VERDE)

Trecho inicial do livro *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre* (1965)

Há pouco mais de vinte anos, eu e um grupo reduzido de amigos começámos a pensar no *nosso problema*, isto é, no problema de Cabo Verde. Preocupava-nos sobretudo o processo da formação social destas ilhas, o estudo das raízes de Cabo Verde.

Entrevíamos o problema, mas faltava-nos a especialização e também a experiência desta espécie de estudos. Se exceptuarmos um ou outro raro domínio como, por exemplo, a da linguagem, éramos perfeitamente hóspedes em tantos outros, como o da antropologia cultural, da aculturação, das relações de raça e de cultura, do folclore entendido como ciência.

Precisávamos de certezas sistemáticas, que só nos podiam vir, como auxílio metodológico e como investigação, de outras latitudes.

Ora aconteceu que por aquelas aturas nos caíram nas mãos, fraternalmente juntas em sistema de empréstimo, alguns livros que considerámos essenciais *pro domo nostra*. Na ficção, José Lins do Rego do “Menino de Engenho” e do “Banguê”, o Jorge Amado do “Jubiabá” e do “Mar Morto”; o Amando Fontes d’ “Os Corumbas”, o Marques Rebelo do “Caso de Mentira”, que conhecemos por Ribeiro Couto; em poesia, foi um “alumbramento” a “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira, que, salvo um ou outro pormenor, eu visualizava, com as suas figuras dramáticas, na minha Vila da Ribeira Brava. O Totónio Rodrigues, que punha o “pince-nez” na ponta do nariz, era o velho Nhô Pedro António, que ainda cheguei a conhecer, e tinha a cara do Padre António Vieira das ilustrações dos livros escolares. E a moça nuinha no banho fora surpreendia nos tanques da Ribeira de João, logo acima do trapiche da Pequena; em poesia, outro deslumbramento foi Jorge de Lima, em quem o sinhazismo da “Nêga Fulô” e o super-realismo do “Menino Impossível” emparceiraram na nossa receptibilidade com o Jorge de Lima da “Túnica Inconsútil”, com as tosses, asma e máquinas de costura, que precisam dormir, e com o tema, ilhéu e tão nosso, do avião que matou a saudade das mães pelo destino de seus filhos

vagabundos. Claro que o avião, para a nossa temática, é proteiforme, podendo ser até o veleiro das travessias entre as ilhas, de certos poemas de Jorge Barbosa.

A vinte anos de distância, teimo em considerar essas reacções nossas como autênticas. Esta ficção e esta poesia revelava-nos um ambiente, tipos, estilos, formas de comportamento, defeitos, virtudes, atitudes perante a vida, que se assemelhavam aos destas ilhas, principalmente naquilo que as ilhas têm de mais castiço e de menos contaminado. E pensávamos: esta identidade ou quase identidade de sub-jacências não pode ser deturpação de escritores, ficcionistas e poetas, aliteratados; ela deve corresponder a semelhanças profundas de estrutura social, evidentemente com as convenções que outros factores, uns iniciais, outros supervenientes, exigem.

Nisto (melhor: simultâneamente no tempo, mas não simultâneamente no assimilar) deu-se a revelação. Da revelação era grandemente responsável um livro magnífico – a “Casa Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, ao lado dos volumes, densos de investigação e interpretação, do malgrado Artur Ramos.

Logo, como fogo em mato seco, começou a alastrar-se entre os do nosso grupo a esperança de que viessem um dia a Cabo Verde deslocar a sua tenda de estudos de campo estes dois especialistas das culturas tropicais, munidos, como estavam, de técnicas e experiência que nenhum de nós possuía. O que eles apurassem, somado com o amadorismo do nosso grupo e com a contribuição dos estudiosos de nossa metrópole, cairia sobre a nossa necessidade de conhecimento e interpretação como maná em deserto.

No que diz respeito a Artur Ramos, o maná não pôde cair directamente. Se não fosse a sua morte prematura, estou a ver o que ele poderia apurar e sistematizar em matéria de aculturação, das relações de raça e de cultura, seguindo as pisadas de Donald Pearson, e das sobrevivências culturais das duas forças que actuaram na formação do arquipélago como entidade social. Temos de nos contentar com mais de uma sugestão útil que sai dos seus trabalhos, dirigidos no sentido brasileiro. Outro tropicalista, este português de nascimento, mas experimentado no vasto laboratório brasileiro, Edmundo Correia Lopes, morreu no seu posto de estudo em Binta, na Guiné Portuguesa.

Ainda não estávamos familiarizados com a proficiência e o interesse de homens de estudo portugueses, como por exemplo, Orlando Riberio.

Para abreviar: dos tropicalistas, ou luso-tropicalistas que na primeira hora nos fizeram vislumbrar a importância e a densidade do problema, restava-nos Gilberto Freyre.

Enfim, Gilberto Freyre veio. Chegou, viu, interpretou. Porém, na minha ignorância, mas também na minha suspeita dos métodos da ciência que o mestre brasileiro cultivava com tanto brilho, poderia ele dar das nossas ilhas uma interpretação não eivada de pressa jornalística ou turística, no tão pequeno espaço de tempo e na pobreza de contatos com que teve, *tant bien que mal*, de receber um vislumbre da nossa vida? Gilberto Freyre apenas “arranhou o litoral” de três das nossas ilhas – Santiago, S. Vicente e Sal. Torno a perguntar, agora concretizando: – em Santiago, Gilberto Freyre saiu da Praia, observou o sistema de trabalho rural, o binômio proprietário-rendeiro, o nítido sentimento aristocratizante de sentido europeu da classe não rural, a diluição da África de que falarei mais adiante, hoje ou na próxima palestra? Esteve num batuque, e neste observou, ao lado do que suponho sobrevivências da velha África, a algumas vezes estranha poesia dos cantadores e improvisadores de finaçon? Viu a tabanca, mesmo sem sair da área maior da cidade, na Achada Grande, na Achada Santo António, na Achadinha? Pesquisou e encontrou um tipo perfeito de equilíbrio de antagonismos, de que ele Gilberto tão eloquentemente fala na “Casa Grande & Senzala”, a propósito de Portugal, e invocando em apoio da tese interessantíssima o final da “Ilustre Casa de Ramires”? Teria Gilberto Freyre sido impressionado pelo tipo de cobertura de casas, com palha de cana sacarina e soca – em Santiago creio que se chama pala de balão – e pela perícia e arte, que me encantaram, com que o *badio* rural e até mesmo o dos arrabaldes da cidade, como Boncoio, cobre a sua casa em sistema de dois oitões triangulares, como conhecemos em Barlavento, ou, até, num requinte do domínio do homem sobre a matéria, em sistema de quatro abas de desaguamento?

E mais, e mais, que oferecia a sua resposta sem véus ao grande escritor. Não sei, mas desconfio, pelo teor do seu livro de viagem “Aventura e Rotina”, que nem mesmo no meio mais acessível de S.

Vicente, porque limitado praticamente à sua zona urbana, de pequena cidade tropical, Gilberto Freyre se documentou (ou pôde documentar-se) melhor.

Tenho para mim que quem não conheça intimamente todas as ilhas, ou delas tenha observado apenas a epiderme urbana, hoje padronizada por modelos que nos vêm pelos mil veículos de comunicação que a civilização tecnológica pôs ao alcance de todos, não pode em boa consciência dar-se ao luxo de perorar sobre o arquipélago, o seu povo e os seus problemas. Será, quando muito, pura intuição, com a luz intensa que ela concentra às vezes, mas com os perigos de generalização de simples pormenores insignificativos, ou de sumarização, inerentes a esta técnica de conhecimento.

Gilberto Freyre esteve por cá no mês de Outubro de 1951. Chegou à Praia, dali navegou para S. Vicente, onde viu Ulisses (Jorge Karantonis), o Judeu Exógamo (o nosso conhecidíssimo e, há tanto tempo, tropicalíssimo Schofield), conheceu o sócia (fisionómico) de Mário de Andrade e (cultural) de Pixinguinha, teria assistido a uma ou outra manifestação de folclore urbanizado, e... molhou os pés *liricamente* nas águas sofisticadas da Baía das Gatas, em que o tubarão só entra com consentimento da Polícia e da grã-finagem. Uma espécie de Praia da Polana para trópicos pobres.

Depois de cumprido este quase-rito esconjuratório do tubarão, embarcou para a Ilha do Sal num veleiro, diz Gilberto Freyre, “tão arcaico, que já devia estar tranquilamente em seu canto de museu”.

Bom. O veleiro responsável pelas desditas trágico-marítimas de Gilberto Freyre foi o nosso familiaríssimo “Areias”. Claro que ninguém morre de amores pela estética bojuda do famoso veleiro, agravada pelas asmações sazonais do seu motor. Mas ninguém que esteja familiarizado com as viagens em barco à vela entre as ilhas deixará de proclamar a verdade comesinha de que, se ele é feio, é ao mesmo tempo forte e funcional. Para empregar o vocabulário sociológico de Gilberto Freyre, o “Areias” é a *Rotina* conduzindo a *Aventura*, a passo de boi. Coerentemente, não há razão válida para Gilberto Freyre vituperar a Rotina-Areias em nome da Aventura.

Tenhamos a isenção da justiça. O veleiro das ilhas será arcaico: – arcaico nestes tempos em que os próprios transAtlânticos já sabem

um pouco a arcaico. Mas se me fosse dada a mim a alta qualidade de sociólogo, para quem o ecológico é de soberano interesse; para quem o ajustamento das técnicas da vida ao meio é de excepcional relevância; para quem, por isso mesmo, o importante é verificar se há, ou não, a harmonia entre a condição do meio e as técnicas em uso; para quem o interessante é descortinar ao certo ou desacerto com que o homem humanizou a sua paisagem; – se me fossem dadas (caso as merecesse) estas veneras, creio que suprimiria do meu relato de viagem os feios adjectivos e equivalentes com que o nosso de há muito admirado Gilberto Freyre agrediu o veleiro que o conduziu à ilha do Sal.

Porque, se Gilberto Freyre tivesse tido tempo e oportunidade de se assenhorar dos nossos “estilos de vida”, veria imediatamente, com a sua receptibilidade e a sua formação de cientista, que, afinal de contas, o veleiro arcaico, todos os veleiros arcaicos a que desde sempre temos confiado as nossas vidas e os bens de consumo com que procuramos subsistir, é, dentro do condicionamento cabo-verdiano, um elemento harmonioso, “lírico”, e indispensável da nossa paisagem humana, isto é, no caso restrito, das relações entre os núcleos humanos destas ilhas.

Isto que digo, a propósito do veleiro que conduziu Gilberto Freyre ao Sal poderá parecer gasto bizantino de palavras, mas não é quando se trata de um ensaísta de alta estirpe do nosso visitante de vai para cinco anos. A nota sumária com que etiqueta o seu meio de condução parece-me tão desajustada à temática que veio inquirir por estes trópicos, como se condenasse ou achasse ridículo o uso da bicicleta como meio normal (ou natural?) de condução em terras em que elas são hoje um imperativo da adaptação do homem às suas necessidades de mobilidade. Veleiro no caso de Cabo Verde; bicicletas em outras áreas do Globo; até as etnográficas andas em regiões como as landes francesas da área do Garona, outra coisa não são do que tentativas de ajustamento ecológico que, até ver, se revelaram mais sensatas; portanto, se não laboro em grosseiro erro, expressões autênticas de nossa cultura material.

Com todo o arrazoado que aí fica, pretendi sugerir que metodologicamente não devemos tomar como traduzindo o Cabo Verde cabo-verdiano certas conclusões a que implícita e explicitamente chegou Gilberto Freyre no seu livro “Aventura e Rotina”. Muito mais, mas muitíssimo mais, teria o mestre brasileiro de observar, talvez melhor, de surpreender, para que essa necessidade de interpretação a que há pouco eu aludia pudesse ser satisfeita. As próprias dificuldades de comunicação que impressionaram Gilberto Freyre determinam vivências insuspeitadas, que não se apreendem com uma rápida visita a cetros urbanos de poucas ilhas. Sem embargo da existência do “lastro comum” a que o sociólogo se refere, há no arquipélago mais ilhas sociológicas do que poderá resultar dessa exclusiva observação urbana, em grande parte descaracterizada, estandardizada. Ainda há dias, um amigo, a propósito de uma efeméride da ilha do Fogo, que se exprime por um contacto de classes sociais, dizia-me, e com inteira razão, que nas mesmíssimas condições de contacto, um habitante de Santo Antão da chamada por cá, não sei bem porquê, gente do povo, reagiria de uma maneira inteiramente diferente.

O vocabulário sociológico empregado nas suas obras por Gilberto Freyre é rico e fértil em sugestões úteis; apropriando-me de algumas das suas migalhas, creio não errar se disser que a composição social destas ilhas se caracteriza pela unidade na pluralidade.

Isto é patente no terreno que piso com um bocadinho mais de firmeza e segurança: o da linguagem crioula. Se isto é assim, como suponho, torno a perguntar: será a intuição, mesmo servida por largas experiência anteriores, suficiente para a pesquisa e o estabelecimento da verdade?

Voltando ao sentimento biográfico com que iniciei com estas notas, direi que a geração com que cresci se sente frustrada na sua necessidade de interpretação vinda do exterior. Para quê não falar claro? O Messias desiludiu-nos. Verificamos que, afinal de contas, com todas as nossas deficiências e todo o nosso amorismo, temos, devemos ter, uma ideia mais justa da problemática que há vinte anos nos preocupava.

E, no entanto, bem precisados estávamos desta ajuda. Por força das circunstâncias, somos, vá lá o termo, policlínicos. Do nosso

lado, contribuição nossa, todas as intuições, todas as presciências, todas as chamadas “hipóteses de trabalho”. A mais não éramos obrigados. A equação certa, a correcção, a rectificação, a determinação da verdade – essa já pertencia a outros que a oportunidade houvesse dotado melhor.

Para quem já foi verdadeiramente moço e se sentiu, à moda polaca (a reminiscência é de Gilberto Freyre), responsável individualmente pelos destinos da sua terra, o depósito que fica das fraternidades entrevistadas mas não cumpridas amarga como fel. Vá lá uma rectificação: por fraternidade não entendo, nenhum de nós jamais entendeu a adesão laudatória; o que queríamos então, como queremos hoje, é a atitude crítica, mas documentadamente, construtivamente crítica.

As notas que redigi para a palestra de hoje serão entendidas como introdução a uma série de crónicas neste programa da Rádio Barlavento. Pessoalmente, penso que não se trata de problema somenos. Nele se incluem aspectos que, nem pelo fato de se não exprimirem em termos do cifrão, deixam de ser de grande relevância; e esta, a relevância, não é de mero valor especulativo, pode, e deve, sugerir soluções práticas.

(Emissão de 12 de maio de 1956).

SÍLVIO ROMERO (SERGIPE, BRASIL)

Trecho do Capítulo V (tomo 2) de *História da Literatura Brasileira* (1888)

O índio brasileiro está condenado à sorte dos povos da Polinésia. Ali não só o homem desapareceu ante o concurso europeu, como ainda desapareceram algumas espécies animais e até vegetais com a introdução das espécies estrangeiras. É fato provado por centenas de viajantes e que M. de Quatrefages pôs a limpo na *Revista Científica de Paris*, de 9 de junho de 1877.

O índio não é ainda plenamente entre nós um objeto de ciência; é antes, e acima de tudo, um assunto de poesia. Exceção feita dos trabalhos linguísticos de Batista Caetano, alguns estudos de Couto de Magalhães e Carlos Hartt, sob o ponto de vista etnográfico, tudo o mais que no Brasil se tem escrito à conta do selvagem, é sem mérito absolutamente.

E se a questão é de amor para com as raças que constituíram o nosso povo, por que motivo não se estuda o negro, como se estuda o índio? Por que motivo em nosso Museu não há uma seção africana? Por que não se investigam as línguas dos negros, sua poesia, seus contos anônimos, seus usos e costumes, suas adagas e festas, suas idéias religiosas, etc.?

É que para esta enormíssima injustiça contribui com toda a sua força a massa imensa do prejuízo nacional... Ninguém tem a coragem de estudar o negro para não passar por eivado de casta... Esta é a questão e, muitas vezes, o maior defensor do índio contra o negro é o pardo evidente e carregado!

É ainda um resíduo do romantismo. O Dr. Araripe, folgo em reconhecê-lo, não participa grandemente da mania indiana.

Hoje defende o caboclisto mais por uma tradição da escola a que pertencera em sua puerícia literária do que por uma preocupação sistemática.

A verdade é, em geral, que se deseja fazer do estudo do selvagem uma especialidade. O intento pode ser em certo sentido louvável, mas tem sido improficuo.

Não possuímos ainda a calma necessária, nem os métodos precisos para abordar o estudo das raças selvagens objetivamente, como um problema puramente antropológico ou histórico. Sonhamos ainda e sempre um Brasil tapuio.

Se na própria Europa e nos Estados Unidos os grandes estudos americanistas são ainda muito incertos; se os imensos trabalhos sobre as civilizações do México, Guatemala e Peru são na máxima parte flutuantes, como se depreende de todos os congressos europeus, o que não se dará com o Brasil, sem especialistas, sem escolas adequadas?

Dá-se o que se tem visto: hipóteses fantasmagóricas e absurdas, frases, frases e mais frases...

Ainda não há muito a Exposição o demonstrou. O espécimen pré-histórico velho de muitos milênios, pertencente, por certo, a uma raça diferente do índio do tempo da descoberta, achava-se mesclado aos espécimens dos tempos coloniais e até aos pertencentes às populações mestiçadas da atualidade!

Apesar da boa vontade do pessoal do Museu, dali não surgiu uma destas obras imponentes e decisivas que pudesse elucidar de uma vez os problemas e trevas que cercam as nossas raças selvagens. Não critico; assinalo apenas um fato.

Como quer que seja, porém, e a despeito das dificuldades, os estudos americanos, apesar de imperfeitíssimos, acham-se iniciados entre nós, protegidos pelo romantismo e em grande parte pela fatuidade nacional, que ainda adormece no ledor sonho de julgar-se indígena...

É velha mania da nobreza tupinambá de que muitos brasileiros são ainda em extremo afetados.

No tempo da Independência a moléstia chegou a seu auge, e até mulatos, como o finado Francisco Gomes Brandão, tomaram nomes indígenas. Ele chamou-se Acayaba de Montezuma.

Um disparate, como outro qualquer.

Louvo os estudos americanos; mas como estudos, não como pasto a veleidades étnicas.

Deveríamos também iniciar os estudos africanos. O negro, espalhado pela África e América, é uma raça que oferece interessantíssimos problemas.

Muitos sábios europeus, seguindo o exemplo de Bleek, atiram-se a estas pesquisas. Façamos o mesmo. O negro e seu parente mestiço tocam o nosso povo bem de perto. Não sejamos presunçosos, nem tenhamos medo de dizer a verdade.

O predomínio aparente do indianismo na civilização brasileira é um velho prejuízo, difícil de extirpar. Causas numerosas e especiais contribuíram para arraigá-lo, e hoje ainda ele está de pé.

Estriba-se falsamente em razões literárias, históricas, geográficas e sociais. Na literatura aparece como um protesto contra os invasores; vê-se no índio a encarnação do gênio do Brasil e o nativismo traduz-se no caboclisto.

Na história apela-se para o número avultado das tribos primitivas, e recorre-se à grande porção de aldeamentos dos selvagens catequizados na zona colonizada. É embalde que se demonstra serem as enumerações dos velhos cronistas inexatas, tomando eles simples denominações de famílias e de variedades de um só grupo por outras tantas tribos e nações diversas.

É embalde que se mostra a decadência progressiva dos aldeamentos e sua extinção quase completa desde o século XVIII.

Sempre o prejuízo vai fazendo seu caminho.

Na geografia apela-se para os nomes tupis que abundam em nossa carta, sem reparar que esse fenômeno natural nada prova, além do respeito à tradição. Na esfera social o índio tem mais simpatias, deixou há mais tempo de ser escravizado e, por ser menos escuro do que o negro, é mais querido.

O caboclo é mais idealizado, mais estudado, mais conhecido.

Sonhamos um Brasil tapuio, disse eu, e não reparamos que desejamos o mal. Todas as nações americanas em que o elemento europeu não predomina, como o México, Peru, Equador e Bolívia, são as menos progressivas do continente. Não podem competir com os Estados Unidos, o Chile, a República Argentina e o próprio Brasil.

Devemos desejar que em nosso país a imensa mestiçagem da população seja habilmente reforçada pelo elemento branco. Mas historicamente é de justiça e verdade conferir ao negro papel mais eminente do que ao botocudo, ente fraco, desequilibrado e prestes a extinguir-se. É luta pela existência; o mais débil devia ser devorado. O exato conhecimento de nossas condições etnográficas facilita a compreensão dos tipos literários.

JORGE BARBOSA (CABO VERDE)

Carta para Manuel Bandeira

Nunca li nenhum dos teus livros.
Já li apenas
a Estrela da Manhã e alguns outros
poemas teus.
Nem te conheço
porque a distância é imensa
e os planos das minhas viagens nunca passaram
de sonhos e de versos.
Nem te conheço
mas já vi o teu retrato numa revista ilustrada.
E a impressão do teu olhar vagamente triste
fez-me pensar nessa tristeza
do tempo em que eras moço num sanatório da Suíça.

Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,
tu me preocupas, Manuel Bandeira,
meu irmão Atlântico.

Eu faria por ti qualquer coisa impossível.
Era capaz de procurar a Estrela da Manhã
por todos os cabarés
por todos os prostíbulos.
E eu ta levaria
pura ou degradada até à última baixeza.

Bateria de manso
à porta dos apartamentos de poeta solitário
ali na Avenida Beira Mar do Rio de Janeiro.
Terias qualquer pressentimento
porque se fosses pôr a vitrola a funcionar
riscarias o disco,
se estivesse a escrever na máquina portátil

deixarias o poema no meio.

E virias abrir-me a porta.

Então
sem qualquer palavra
passar-te-ia a Estrela da Manhã.

Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha
no outro lado do Atlântico.
E traria saudades do teu sorriso sem ressentimentos
sem orgulho
que eu descobriria naquele instante
através da porta entreaberta.

Carta para o Brasil

(Ao cuidado de Gilberto Freyre)

Estou a ver-me entrando no Guanabara
para essa visita finalmente
que eu tenho há muito tempo
guardada no meu desejo!

Não sei quando será.
Alguns dias, meu Amigo,
alguns dias!

Quando o vapor atracar
talvez Você me conhecerá facilmente
se souber conhecer por palpite
os que são seus amigos.
Talvez me conhecerá
se ouvir a mensagem da minha simpatia
nesta telegrafia silenciosa
do meu coração alvoroçado.

Senão
repare bem e verá:
sou aquele
já de cabelos brancos – quem sabe? –
revoltos pela brisa da baía,
o que traz duas rugas
vincadas no rosto.

(As duas rugas meu Amigo
foi o hábito de sorrir que as deixou ficar.
Algumas vezes foram também caminho
para as lágrimas rolarem...)

Estou a ver-me entrando no Guanabara
a sentir-me já
dizendo baixinho:
– abençoi-me, Senhor!

É que ali no alto do Corcovado
o Cristo Redentor está de braços abertos
para a minha recepção na terra amável!

Você, Brasil

(Para o poeta Ribeiro Couto)

Eu gosto de Você, Brasil,
porque Você é parecido com a minha terra.
Eu bem sei que Você é um mundão
e que a minha terra são
dez ilhas perdidas no Atlântico,
sem nenhuma importância no mapa.
Eu já ouvi falar das suas cidades:
A Maravilhosa do Rio de Janeiro,
São Paulo dinâmico, Pernambuco, Baía de Todos-os-Santos,
ao passo que as daqui

não passam de três pequenas cidades.
Eu sei tudo isso perfeitamente bem,
mas Você é parecido com a minha terra.

É o seu povo que se parece com o meu,
é o seu falar português
que se parece com o nosso,
ambos cheios de um sotaque vagaroso,
de sílabas pisadas na ponta da língua,
de alongamentos timbrados nos lábios
e de expressões terníssimas e desconcertantes.
É a alma da nossa gente humilde que reflecte
a alma da sua gente simples,
ambas cristãs e supersticiosas,
sentindo ainda saudades antigas
dos sertões africanos,
compreendendo uma poesia natural
que ninguém lhes disse,
e sabendo uma filosofia sem erudição
que ninguém lhes ensinou.

O gosto dos seus sambas, Brasil, das suas batucadas,
dos seus cataretês, das suas toadas de negros,
caiu também no gosto da gente de cá,
que os canta e dança e sente
com o mesmo entusiasmo
e com o mesmo desalento também.
As nossas mornas, as nossas polcas, os nossos cantares,
fazem lembrar as suas músicas,
com igual simplicidade e igual emoção.

Você, Brasil, é parecido com a minha terra.
As secas do Ceará são as nossas estiagens,
com a mesma intensidade de dramas e renúncias.
Mas há uma diferença no entanto:
é que os seus *retirantes*

têm léguas sem conta para fugir dos flagelos,
ao passo que aqui nem chega a haver os que fogem
porque seria para se afogarem no mar...

Nós também temos a nossa cachaça,
o grogue de cana que é bebida rija.
Temos também os nossos tocadores de violão
e sem eles não haveria bailes de jeito.
Conhecem na perfeição todos os tons
e causam sucesso nas serenatas,
feitas de propósito para despertar as moças
que ficam na cama a dormir nas noutes de lua cheia.
Temos também o nosso café da ilha do Fogo
que é pena ser pouco,
mas – Você não fica zangado?
é melhor do que o seu.

Eu gosto de Você, Brasil.
Você é parecido com a minha terra.
O que é é que lá tudo é à grande
e tudo aqui é em ponto mais pequeno ...

Eu desejava fazer-lhe uma visita
mas isso é cousa impossível.
Queria ver de perto as cousas espantosas que todos me contam
de Você,
assistir aos sambas nos Morros,
estar nessas cidadezinhas do interior
que Ribeiro Couto descobriu num dia de muita ternura,
queria deixar-me arrastar na onda da Praça Onze
na terça-feira do Carnaval.
Eu gostava de ver de perto o luar do Sertão,
de apertar a cintura de uma cabocla
– Você deixa? –
e rolar com ela num maxixe requebrado.

Eu gostava enfim de o conhecer mais de perto
e Você veria como sou um bom camarada.
Havia então de botar uma fala
ao poeta Manuel Bandeira,
de fazer uma consulta ao Dr. Jorge de Lima
para ver como é que a Poesia receitava
este meu fígado tropical bastante cansado.
Havia de falar como Você,
com um i no si
– «si faz favor» –,
de trocar sempre os pronomes para antes dos verbos
– «mi dá um cigarro?» –

Mas tudo isso são cousas impossíveis – Você sabe? –
Impossíveis.

TOBIAS BARRETO (SERGIPE, BRASIL)

A escravidão (1868)

Se Deus é quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Se ele consente esse crime,
Que se chama a escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Se não lhe importa o escravo
Que a seus pés queixas deponha,
Cobrando assim de vergonha
A face dos anjos seus,
Em seu delírio inefável,
Praticando a caridade,
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus!...
(Da Parte I – Diversas, de *Dias e noites*, 1881)

O beija-flor (1860)

Era uma moça franzina,
Bela visão matutina
Daquelas que é raro ver,
Corpo esbelto, colo erguido,
Molhando o branco vestido
No orvalho do amanhecer.

Vede-a lá: tímida, esquiva...
Que boca! é a flor mais viva,
Que agora está no jardim;

Mordendo a polpa dos lábios
Como quem suga o ressábio
Dos beijos de um querubim!

Nem viu que as auras gemeram,
E os ramos estremeceram
Quando um pouco ali se ergueu...
Nos alvos dentes, viçosa,
Parte o talo de uma rosa,
Que docemente colheu.

E a fresca rosa orvalhada,
Que contrasta descorada,
Do seu rosto a nívea tez,
Beijando as mãozinhas suas,
Parece que diz: nós duas!...
E a brisa emenda: nós três! ...

Vai nesse andar descuidoso,
Quando um beija-flor teimoso
Brincar entre os galhos vem,
Sente o aroma da donzela,
Peneira na face dela,
E quer-lhe os lábios também
Treme a virgem de surpresa,

Leva do braço em defesa,
Vai com o braço a flor da mão;
Nas asas d'ave mimosa
Quebra-se a flor melindrosa,
Que rola esparsa no chão.
Não sei o que a virgem fala,
Que abre o peito e mais trescala
Do trescalar de uma flor:

Voa em cima o passarinho...
Vai já tocando o biquinho
Nos beijos de rubra cor.

A moça, que se envergonha
De correr, meio risonha
Procura se desviar:
Neste empenho os seios ambos
Deixa ver: inconhos jambos
De algum celeste pomar! ...

Forte luta, luta incrível
Por um beijo! É impossível
Dizer tudo o que se deu.
Tanta coisa, que se esquece
Na vida! Mas me parece
Que o passarinho venceu! ...

Conheço a moça franzina
Que a fronte cândida inclina
Ao sopro de casto amor:
Seu rosto fica mais lindo,
Quando ela conta sorrindo
A história do beija-flor.
(Da Parte I – Campestres, de *Dias e noites*, 1881)

O gênio da humanidade (1866)

Sou eu quem assiste às lutas
Que dentro d' alma se dão,
Quem sonda todas as grutas
Profundas do coração:
Quis ver dos céus o segredo;
Rebelde, sobre um rochedo
Cravado, fui Prometeu;
Tive sede do infinito:

Gênio feliz ou maldito,
A Humanidade sou eu.

Ergo o braço, aceno aos ares
E o Céu se azulando vai;
Estendo a mão sobre os mares,
E os mares, dizem: passai! ...
Satisfazendo ao anelo
Do bom, do grande e do belo,
Todas as formas tomei:
Com Homero fui poeta,
Com Isaías profeta,
Com Alexandre fui rei.

Ouvi-me: venho de longe,
Sou guerreiro e sou pastor;
As minhas barbas de monge
Tem seis mil anos de dor.
Entrei por todas as portas
Das grandes cidades mortas,
Aos bafos do meu corcel.
E ainda sinto os ressábios
Dos beijos que dei nos lábios
Da prostituta Babel.

E vi Pentápolis nua,
Que não corava de mim,
Dizendo ao sol: — “Eu sou tua,
Beija-me... queima-me assim!”
E dentro havia risadas
De cinco irmãs abraçadas
Em voluptuoso furor...
Ânsias de febre e loucura,
Chiando em polpas de alvura,
Lábios em brasas de amor!...

Travei-me em lutas imensas,
Por vezes, cansado e nu,
Gritei ao céu: em que pensas?
Ao mar: de que choras tu?
Caminho... e tudo o que faço
Derramo sobre o regaço
Da história, que é minha irmã:
Chamam-me Byron ou Goethe,
Na frente do meu ginete
Brilha a estrela da manhã.

E no meu canto solene
Vibra a ira do Senhor:
Na vida, nesse perene
Crepúsculo interior,
O ímpio diz: anoitece!
O justo diz: amanhece!
Vão ambos na sua fé...
E às tempestades que abalam
As crenças d'alma, que estalam,
Só eu resisto de pé!...

De Deus ao sutil ouvido
Eu sou como que um tropel,
E a natureza um ruído
Das abelhas com seu mel,
Das flores com seu orvalho,
Dos moços com seu trabalho
De santa e nobre ambição,
De pensamentos que voam,
De gritos d'alma, que ecoam
No fundo do coração!...

(Da Parte I – Filosóficas, de *Dias e noites*, 1881)

Poesia entre irmãos

DANIEL MEDINA (ACL)

Epicus

TEMOR EM MIM!

No rosto da casa

Construía-se

Da porta à boca

Das janelas

Ventos de amor

Que espreitavam pelas dobradiças

Já gastas pelo tempo

Versos que seriam engolidos

Pelo nariz sorvidos

Inalados pelo sol-pôr

Ventríloquos falantes

Do coração

Procurando trovões

Dos sentimentos

Que iriam escrever emergências

Na essência dos homens

Ah tambor! Por que não te revelas pleno (?)

Pela pena do artista que ama

Aprendente da luz

Difusa do astro

Superior ao sol e a tudo

Irradiante na construção

Do Homem

Magnânimo na sua dor

Na película do beijo

Que emanaria dos sentidos

Do próprio corpo

Versejados no desejo

De ser alma e fragrância'

Cada Árvore e ramo de Mulher
Cada raiz que a Obra requer
Plantada no mesmo Poema

Oh prosa onde vais?
Oh Engenheiro, oh obreiro, oh mestre,
Oh capataz, oh arquiteto, oh pintor,
oh mim, oh tu, oh nós

É hora de fortalecer o Edifício
Todas as obras são construções
Do amor pelo Amor

Onde boca e ilhós e entranhas
E janelas e pulsares e medos
E Emoções se iluminam

No mesmo Poema
O movimento parece eterno
Enquanto se vive no pó da tinta
No relâmpago que se fará luz e estrondo
E chuva e caminho
Ou seremos Todos

Só um Poema?

Pela noite dentro
Da minha vida
Oh coração amante
Porque foges do espelho da razão
E te quebras na volúpia
Ardente

Do corpo desejado?

Oh loucuras intermitentemente
Febris de desejos, de raivas
De posses, de vaidades
Porque me toldas os sentidos
Embriagando-me até à exaustão
Para testar as minhas Virtudes?

Oh ritmo porque não voltas
Para Trás até o cristalizar
De Toda a minha experiência?

E enquanto Escrevo

O Ditado Aprendo a direção

Para onde vou e iremos
Gritando e cantando a alegria
Do re-Encontro
Connosco mesmos.

O relógio insiste em apontar
As horas

O Tempo redige nas minhas têmporas
As raízes dos meus Passos

Fora de mim o tempo se Constrói
Numa azáfama militante

Porque esse buscar incessante

Se tudo já está plasmado em Nós?

O caminho do Caminho

O passo do Passo

O compasso mecânico da Engrenagem

Não dá tréguas

É preciso abrir Tudo

Para que a Missão se cumpra em Pleno

A plenitude guarda e Aguarda a Vida

Pela luz de cada verso

Integradora celestial

Num universo Único

Onde só haverá um alvorecer

Sem horas sem Relógio sem tempo

A bigorna parará

Os rotores do avião silenciarão

As ondas do mar Quedar-se-ão
O vento emudecerá
E todos os cânticos nos levarão
De volta ao Amor

Tu e Eu seremos
Caminhos um do Outro
Completaremos os versos
Na bíblia das nossas almas

Todos iluminarão o Espaço
Reflexos seremos dos outros
Ou dos nossos sonhos
Pela via nos reconheceremos
Saberemos
Que importa
Quem Reconstruiu
As palavras
Os versos, as estrofes do Maior Poema
Da Vida que é o Amor

Medito no porquê dos desafios
E num ápice a resposta
Vem
Não há limites para nós
Somos um universo lapidante
Cada um num ritmo construtivo
Laboriante
Sem ou com tempo
Enluzando-nos
No Foco dos dias tranquilos à nossa
Espera
Onde uns escreverão com sangue e combate
Outros com alegria do circo
As glórias e derrotas de todos nós

Descobrimos que todas as estrelas só servem
Para iluminar nossos passos

Como as tartarugas saberemos
O caminho do mar
E como os mamutes conheceremos
A estrada final

Não importa o tempo
O Tempo sabe esperar
O tempo que cada um necessitará para aprender a Amar a todos

Não queres vir escrever
Um verso Novo neste texto
Nesta árvore que sou eu
Para me elucidares

Deixas-me tocar o teu Corpo
Depois teu espírito
Desapegar-me e descobrir como se aprende a voar
Com a Força de todos nós

Oh amor
Perdoa não ter compreendido
Ter demorado em ver
A Luz que trazias no espírito

Este é o Caminho
Por vezes viagem turbulenta
Depois de se chegar ao Destino
Compreendemos as etapas
As conexões e transferências, as paragens
As finalidades de cada ida e cada regresso
Amor ou Ensinar a Amar
A Vida

No norte das Vidas
Está escrito que construirás em liberdade

A Tua
E seguirás teus desígnios

Quais serão os meus
E os teus?

Regressarei ao teu porto de abrigo
Sempre que precisares que te ensine a Caminhar como me ensinaram
Pelas portas do Amor

Há Luz em ti
O Dia
Amanheceu
Não estamos aqui por acaso.

DAVID HOPFFER ALMADA (ACL)

Cabo Verde de Esperança!

(In memoriam de Norberto Tavares)

Gerados
Em diversos Continentes
Nascidos
De várias Mães
Somos Filhos
De todos os Povos!

Formatados
Por diversas culturas
Cultura própria
Criámos!
Partilhando
Com outros
A Lusa Língua
Herdada
Língua própria
Crioula
Inventámos!

Cantando
Música feita
De vários sons
E tons
Dançamos
Ao ritmo
De vários compassos!
De várias massas
É feito o pão
Que comemos!
De múltiplas fontes

Brota a água
Que Bebemos!

Salpicados no Oceano
Vivemos
No meio do mar!
Fincados
No meio do Mundo
A todos os Continentes
Se estendem
Os nossos braços!

Somos Filhos
Deste Arquipélago
Vizinho do Cabo
Verde de esperança
E de certeza
Terra
Por Norberto Tavares
Cantada!

CASA di POBRI

Quáto paredi saquédo
di pedra nú
padja cana stendêdo
riba cumêra
pâ tádja sol
cinco metro di cumprido
três di largura
um stêrado na meio
pa tem um “sala”
na parede um fodja jornal
pa dal finura
na cantunêra um candêro di vidro
di civilizaçon
na cantu casa um tamboro midjo
pa mostra nhôs.

Num banda casa
mi cu nha mudjer tâ fazê fidjo
na queloto banda
nôs cinco fidjo
(três matcho, dôs fémea)
ta ronca sono...
Na batente porta
“piloto” ta spanta finado
baxo mesa nôs galo
Ta cordano pâ trabadjo...

(do livro *Cabo Verde de esperança*, 2013)

EDSON MAGALHÃES BASTOS JÚNIOR (AGL)

Couçaças

Da ínfima arcada que lhe resta agora
A Boca da Mata ainda resiste
Provando na exuberância que existe
Vestígios de uma majestade de outrora

Há muito sua relva nos conta as histórias
De grandes guerreiros, de vida e legado
Da luta entre a rês e o seu encourado
Das sinas das raças e suas memórias

Avisto o cortejo chegando crescente
Marchando seguro pro posto de ataque
Encaram o curral e se aprontam pro embate
E a rês, confinada, estuda o oponente

Num estalo nem tempo nem espaço, nem nada
Humano e equino se unem em um só
Centauro ofegante, farejando o pó
Das patas aladas da rês libertada

Três raças, dois corpos, um rastro, um destino
Nas tranças das grotas, no tronco caído
Do toco que rasga o corpo abatido
Mas faz com que a alma cavalgue ao divino

Abaixo e acima, farejando a sorte
Na busca incessante o centauro transpira
A astúcia da rês que seduz e inspira
Ao bravo e ao louco na dança com a morte

Do passo das patas, da garra das mãos
As três criaturas duelam pegado

Na luz e na sombra do mato embolado
Com fogo, com água, doentes ou sãos

Da luta retornam com riso ou com choro
Nos olhos o sangue não ofusca o brilho
Ali, vejo avô, vejo pai, vejo filho
Unidos em prece entoada em um coro

A pega no mato é passado e presente
É encontro de mundos e de gerações
É a tradição que, nas contradições,
Renova e se torna bem mais consciente

A astúcia da rês já não é castigada
O equino guerreiro não é mais punido
O humano do bicho não está dividido
E a cultura traz uma nova alvorada.

Minha alheia vida tua

Nessa boca de sertão
Ser tão viva uma tradição
Causa espanto e encantamento
Casam o bochico e o vento
Une a língua e o fermento
Das vidas que vêm e vão

Nas raízes desse canto
Passeiam o profano e o santo
Retalhos da consciência
Um hábito habita a essência
Entrelaça a existência
E um novo vem se achegando

Na Glória em que a vista estendo
Enxergo um enfrentamento

Entre o tempo da conhecida
Do cúmplice, da referência
Da malícia e da inocência
E o anônimo estranhamento

Ambas forças são modais
Uma lâmina, dois gumes
Pelo corte dos costumes
Vem a guerra, vem a paz
Vem o velho, vem o novo
Gente juiz, gente polvo
Mas também vem gente cais

Vida minha, vida tua
Vida alheia, vida nua
Vida uma, vida em tela
Vinte preces, uma vela
Pelo corte do estranho
A rua tem mais tamanho
E as frestas tem mais janelas

“Mas, menina, quem é aquela?
Viram só eles passando?
E ‘apois’, depois da viagem
Chegaram tudo bossando
Diz o povo, eu sei de nada,
Que ela é de berço abastada
E que ele ‘botou torando’.”

“Oxe, gente, tenha nervo
Oração e vigilância
Nem toda nuvem cinzenta
Chora benção e abonaça
No berço desse menino
Bem se sabe na cidade
No tom da honestidade
Toda cria ouve o sino”

Nessa altura a outra arremata:
“É por isso que aqui não me basta
Gosto mesmo é de ‘cidadona’
É tanta gente que passa
É distrito, bairro, zona
É tanta corrida, é caça
É tanta vida em mistura
É gente ‘farinhando’ a massa
Sem o fermento da censura.”

Do verão da proximidade
Ao inverno da indiferença
A peleja do duelado
Entre o anônimo e a conhecêcia
Traz um mal e um bem viver:
Urbanita sem urbanidade
Matutagem sem consciência
São as pontas de uma corda
Na dança da experiência.

EUVALDO LIMA DOS REIS (AGL)

Um sonho num sonho

Acordei, se é que acordei,
Fui correndo a um ancião,
Filho dos filhos mais velhos
Da minha honrosa região,
Para que me traduzisse
Um sonho, conforme eu disse,
Emoção por emoção.

Louvado seja pai João!
Bati palma em frente à porta,
Ô de casa, pai João!
E, aos poucos, abre-me a porta
Com um cachimbo na mão
Aquele velho ancião,
Falava com a boca torta.

Era uma casa quase morta,
Praticamente o padrão
Daquelas que vi no sonho,
Varas, cipós e torrão,
Algumas redes de aranha
E uma energia estranha
Causava-me palpitação.

E eu adentrei então
Num mar de simplicidade,
Sentei-me num cepo frio
De árvore da antiguidade
E sobre um tronco, ou mesa,
Eu me expus com sutileza
Para aquela majestade:

Eu venho aqui, em verdade,
Pois não estou entendendo
Nem dormindo ou acordado
Alguém duvida, eu dizendo,
Sonho demais com meu roçado,
Meus pais já do outro lado,
Mas eu continuo vendo.

Deus sabe o que estou dizendo!
Vejo nítido o velho abrigo,
As cantigas de ninar,
Papai e mamãe comigo,
Minha farda, minha escola,
Eu pequeno a jogar bola,
Ou nas festas, entre amigos.

É que calo e me intrigo:
É como se fosse real!
Meu pai berrando com as vacas
Na porteira do curral,
O latir do cachorrinho,
Lili, o velho gatinho
Com breve acorde: miau!

O verão em alto astral
Queimando a nossa esperança,
Meu pai a enlouquecer
Sem o leite das crianças...
E, pouco a pouco, eu contei
Tudo, tudo o que sonhei
E estava em minha lembrança.

Até contei com elegância
O que vivi, o que fiz,
Sobre quanto eu fui amado
E cada sonho me diz

Que quando eu tinha meus pais
Talvez sofresse bem mais,
Mas era bem mais feliz.

E o ancião João Assis
Disse-me, filho, em verdade,
O que está te acontecendo
Não é anormalidade,
São lembranças do passado,
Quando amaste e foste amado.
Chame a isso de saudade.

Meu pai era analfabeto, mas um grande educador

Trago as lembranças vivas
Das luzes do meu barraco,
O meu pai de saber fraco,
Mas de ações criativas,
De lições educativas
Que tanto expressavam amor.
Ele não era professor
Nem sabia o alfabeto.
Meu pai era analfabeto,
Mas um grande educador.

Foi domador de animais,
Foi capataz, foi vaqueiro,
Desencarnou carroceiro,
Sem dinheiro, mas em paz.
E hoje o que a gente faz
Que expressa maior valor
Foi meu pai quem ensinou:
“Jamais largue o rumo reto”.
Meu pai era analfabeto,
Mas um grande educador.

Não tinha olhos azuis,
Não tinha religião,
Mas tinha um coração
Quase do tamanho da luz
E eu via nele Jesus
A semear o amor,
Discriminado, sem cor,
Sem um salário completo,
Meu pai era analfabeto,
Mas um grande educador.

Não bebia, não fumava,
Não tinha outra mulher,
E professava a sua fé
À noite quando deitava.
Numa prece recitava
A gratidão em louvor
Endereçada ao senhor
Por ter dado tudo certo.
Meu pai era analfabeto,
Mas um grande educador.

Hoje pra entender direito
O custo de alguma lição
Creio na reencarnação,
Na lei de causa e efeito.
Nenhum de nós é perfeito
E o que meu pai nos legou
Tem muito da lei de amor,
De se doar com afeto.
Meu pai era analfabeto,
Mas um grande educador.

FILINTO ELÍSIO (ACL)

Retro-fomes & seus cinemas

para João Cabral de Melo Neto

Toda a fome reside no fruto,
na sua adentrada sumaúma
e no desidratar desta lágrima
primordial.

Toda a fome, até a severina,
mora na ínsula e sua viagem,
como quando, bem de partida,
tudo lhe esboroa.

Toda a fome, pão e vinho,
temperos, ventos e marés,
esta voracidade de comer
o sideral.

A luz e a sombra, o silêncio,
o grito que na cidade medra
e a estiagem do diadema
de a fome toda...

Versos Mínimos

Bashô em mim,
como cai em ti,
o haiku de folhas
outonais.

Versos mínimos.
De quase nada.

Metade Melo Neto.
Ou apenas ponto.

O poema é zero.
Sem fonema...

Ruínas de Polygon

De tudo, ficam teus olhares.

A fome dos olhares.
A fome dos horizontes
Os esgares atômicos.

Ficam as rochas calcinadas,
seus musgos de caramelo.
Ficam cristais de Polygon,
e seus seres transformados.

Num prédio arruinado,
anuncia-se, pelo estilhaço de néon,
nossos passaportes radioativos...

Omerus

Nos mares navegados, vou,
de teimoso, contra vendavais;
assim nas ilhas e naufrágios
deusas do afago de Ulisses,
vão, estivais, à minha partida.
Arriba a viagem, tudo é sina,
tudo redondo, terreiro meu,
tudo assaz retorno ensina:
odisseia, Derek a navegar,
lajedo e pedra de tão rolada
- rochas álgidas, água, tempo...

JOSÉ SERGIVAL SILVA (AGL)

Num canto da sala

Meu pássaro está solto
Vagando pelas portas das gaiolas
Abertas feito sorriso
Escancaradas mais que preciso
Dependuradas como um adorno
Num canto da sala.

As telas que você pintou
Repletas de verdes árvores
Abrigam meu pássaro livre
Que canta ao entardecer
Enquanto o sol banha de dourado
As paineiras das aquarelas.

O sofá (cama) sempre nos espera
De braços abertos
Encosto repleto de estofa
Revestido com nossa pele
De tanto nele nos entregarmos
Na penumbra.

Ahhhh, nossas pernas entrelaçadas
Em sufocantes beijos
Até que você encontre o eu poeta
Meus desejos

Até que meu pássaro pouse em teu ninho
Aprisionando ao soçobrar das asas
A luz do luar que entra
Por uma fresta da janela.

Sedentos

Através da janela de teu olhar
Vejo teu íntimo
Envolto em sedentos frêmitos
E não me surpreendo.

Pois de teus abismos
Muito mais que de nossos corpos desnudos
Vem o perfume que me inebria
E um desejo que me consome

E de tua boca, sussurros
Que sopras em meus ouvidos
Feito brisa do campo.

Tresloucado

É no sopé de teus cabelos
Negros como a noite
Que nasce todos os dias, a Lua
Dando cor à tua pele
Que reflete na escuridão da rua.

Cor de Lua... é isso!!! Cor de Lua...
Por isso teus ombros são assim,
Ponteados de estrelas,
Esparramadas desordenadamente,
Ignorando as constelações e os signos do zodíaco.

Tento em vão sugá-las
E deixar meu céu da boca estrelado,
Mas elas nem se movem,
Deixando-me tresloucado.

KAKÁ BARBOZA (ACL)

Carlos Alberto Barbosa

Viajar pela pedra

1.

dei por pedra no coração
a que se escondeu num dia qualquer
quando me tornei paixão por ela
sem dar conta doeu-me o dentro
quando tudo-tudo terminou

parecia chuva a rasgar a lama
embrião a forçar a epiderme
é no partir desabrido das alegrias
que pesa a pedra no coração.

2.

canto a pedra porque canta a vida
no estuário de montes e de maresia
canto as paredes que decoram as pedras
pedras de carne e osso como as árvores
que nas bolanhas hasteiam expectativas
tatuadas de corpúsculos húmidos
que adormecem o sereno e o ressonar
da rabeca de grilos e de cachoeiras

KELBER RODRIGUES DE SOUZA (AGL)

O sol nasce e a esperança continua

Ah! Que belo o nascer,
Vendo os raios a aparecer,
Bem perto, no horizonte.

Acende a chama do “Nilo”
E faz brilhar o Velho Chico
Que agoniza suas águas,
Pedindo ajuda e abrigo.

Há pouco, o rio estufava de peixes,
E as águas límpidas asseguravam saúde,
Hoje o rio entupido de lixo transborda
Doenças e prevê os perigos.

Em sua margem vivem amigos
Que sofrem com o descaso
De ver nosso Chico gritando socorro e
Apontando o perigo.

Como é triste o crepúsculo...
Nas montanhas o sol se esconde,
O condor canta liberdade,
E o Velho Chico agoniza suas águas.

Sertão em cólera

Era tarde,
A brisa noturna começava a apontar.
O horizonte começava a ofuscar.
O olhar indicava a cólera,
E enxergava o voo negro
Que circundava os destroços

E a angústia que pairava no ar...

Era um ente!

Crente, confiante, distante...

Era um ser!

A padecer, perecer, entristecer...

Com a fome vem a cólera,

E com ela a morte...

Que morte!

Que sorte?

Sofre...

Morte.

Lembranças que vêm e vão

Meus desejos se fundem,

No mais profundo ócio.

Repousa em mim

Um frêmito murmúrio.

Sinto uma calma retroceder,

Não entendo, apenas compreendo.

E percebo que nós já passamos,

Mas a calma não te mostra isso.

Chega dezembro e de mim não escapa

A lembrança de estar contigo.

São só lembranças

Que vem e vão.

Tua ausência me dá sonolência,

Vejo tua face, reproduzida na memória.

A monotonia incerta,

De ser feliz sem ter a ti.

LEUNIRA BATISTA SANTOS SOUSA (AGL)

A Glória de Sergipe

O berço da natureza laçou o coração
Entre arvoredos e caatingas de Sergipe
Onde os pássaros alicerçaram o seu canto
Despontou a liderança do Sertão.

Torrão de Sergipe no Nordeste brasileiro
Carrega nos ombros estiagem e cactáceas
Com êxito tropeiros e boiadeiros
Fundaram Boca da Mata.

Hoje Nossa Senhora da Glória
A cidade do Alto e Médio Sertão
Enche de encanto a história
Domina o progresso da região.

A geografia
Deu-lhe pompa com muita razão
Por isso ela é cognominada de
Capital do Sertão.
O desenvolvimento encabeça a feira livre
Com a economia de base diversificada
A bacia leiteira está coroada
Alça espaço à educação e à cultura.

A urbe dá asas às Academias Literárias
Uma gloriense e outra de âmbito regional
A literatura e a arte no firmamento produzem um eco
E despertam no cidadão o intelecto.

As festas vêm dos hábitos e costumes do povo
Padroeira Nossa Senhora da Glória, Santos Reis, quadrilhas,
Cavalgada, carnaforró, vaquejada, corrida de mourão
E muito mais dá vida a esse rincão.

Raiz da confiança

Pernas longas do infinito...
Afeição guia sozinha
Atravessa ribanceira
Faz versos numa trincheira.

O desvelo generoso
Realiza-se no indulto
A ação leva à láurea
Dança com a benevolência
Na trilha da paciência.

Na direção do progresso
Só conhece a lealdade
Quem teme o individualismo
E serra as asas do conformismo.

Pernas longas do infinito...
Andam pela rua do coração
Com a liberdade dos sonhos
Que alicerçam a razão.

Alteridade da vida

O porta-voz se embaraça no tempo
Faz vista grossa com coragem
No vento que arrepia
Na encruzilhada do caminho
Descarta seguir viagem.

A dureza que a vida oferece
Frutifica na escolha benfazeja
E alimenta o campo da vitória
Explode-se num som orquestrado
Que suaviza o encontro esperado.

A alegria enterra a tristeza
No túmulo que registra a incerteza
A existência é um álbum de direção
Só você faz a sua seleção.

LUCAS LAMONIER (AGL)

Terra Maria

Valei-me, Nossa Senhora!
Maria, Mãe da Conceição,
Que protegeis a capital
E algumas terras do sertão.

Valei-me, Nossa Senhora!
De Aracaju e Poço Redondo,
Que protegeis a capital
E algumas terras que escondo.

Virgem Maria, velai-me!
Das Dores e da Piedade,
Nos Enforcados e Lagarto,
Dai-me Amparo e propriedade.

Virgem Maria, velai-me!
O Socorro e o alcance,
Em Tomar do Geru,
As bênçãos e o romance.

Abençoi-me, Rainha Maria!
Da Glória e Das Graças,
Na Boca da Mata festeira
E da Feira Nova de praças.

Abençoi-me, Rainha Maria!
Da Purificação e D'Ajuda,
Na Capela dos bacamartes
E da Itaporanga sortuda.

Maria, Senhora de Fátima!
De Propriá, sede calejada,

Sois Imperatriz dos Campos
Da Tobias Barreto desejada.

Maria, protetora e padroeira!
Nas dioceses sois louvada,
Por cidades e paróquias,
Mãe por Sergipe amada.

Céu vermelho

Saiu a contemplar o céu noturno
Imaginou-se negro
Sem vida
Procurou perdidamente
Estrela em seu firmamento
Mas encontrou um céu avermelhado

Cheio de vida e não acidentado
Céu vermelho,
Reflexos das luzes da rua?
Não!

Céu de sangue,
Reflexo do martírio
Das tantas almas perdidas no sertão?
Não!

Céu de esperança,
Vermelho reluzente
Do coração sertanejo desejoso

Vermelho do sangue
Gravado nas mãos do roceiro
Que ainda planta e colhe
o dia inteiro

Céu vermelho,
Quão olhos cansados e feridos
Fadigados do dia de labuta.
Escravo!

Céu vermelho,
Do sertão,
Do amor,
Do rincão,

Ah! Céu vermelho.

Renascer na fé

Calabouço livre
Mandacarus cortantes
Cobras rasteiras
Veneno incurável

Caminhos titubeantes
Fé musicista
Mãos tarimbadas
Choradeiras avermelhadas

Espinhos florais
Beleza seca
Rega choro
Bem-aventurada cicatriz

Carcará lume
Anúncio fiel
Recomeço chagado
Sertão céu

Mãe peregrina
Contas repetidas
Preces ouvidas
Povo milagroso

Morada

Cortina rasgada
Sol penetra
Sala escura
Solidão nua

Sofá agasalhado
Lençol velho
Cheiro tempo
Solidão vento

Estante escorada
Alvenaria encostada
Ruínas lar
Solidão ar

Flores artificiais
Jarro quebrado
Disfarce tristeza
Solidão incerteza

Leito acinzentado
Colchão criptado
Ar sufocante
Solidão eterna

Nação

Majestoso verso
Que interpola,
Que fere,
Que rebola.

Grandiosa letra
Se encaixa,
Se golpeia,
Se sacode.

Medíocre assassino
Que sufoca,
Que escancara,
Que ri.

Hediondo criminoso
Se alastra,
Se propaga,
Se gorjeia.

Pecaminosos somos nós
Frios,
Silenciados,
Imóveis.

Impuras nossas ações
Inertes,
Involuntárias,
Impensáveis.

“Somos todos nação!”

LUIZ ALVES DA SILVA (AGL)

A volta de Camões e novas perguntas do rei

Camões fez várias proezas,
Muitas não foram contadas,
Porém é incalculável
As que já foram versadas.
Leia a volta de Camões
E dê boas gargalhadas.

O leitor deve lembrar-se
Da última que Camões fez,
Que correu deixando o reino,
Depois o rei Milanês
Mandou chamá-lo de volta
Para o reinado outra vez.

Camões voltou, mas ficou
Bastante desconfiado.
Milanês, com falsidade,
O recebeu com agrado,
Dizendo: – Sentimos falta
De você neste reinado.

Eu sei que fui o culpado
De tudo o que aconteceu.
Vamos viver o presente,
Que o passado já morreu.
Camões pensava consigo
Vou lhe mostrar quem sou eu.

O rei sempre procurava
Um jeito pra dar-lhe fim
Um dia, Camões estava
Passeando no jardim,
O rei lhe vendo o chamou
E foi lhe dizendo assim:

– Camões, você é esperto,
Então irá decifrar
Perguntas que vou fazer
Pra você adivinhar.
Se errar uma somente,
Eu o mando degolar.

Camões disse: – Senhor rei,
Às suas ordens estou,
Pergunte com rapidez,
Que alguém ali me chamou.
O rei disse: – Então escute –
E pra ele assim falou:

– Camões, você me responda
E aqui, perante o povo,
Este problema que eu trago,
É antigo e não é novo,
Não se quebra com marreta,
Mas se quebra com um ovo.

Camões disse: – Senhor rei,
Esta pra mim é comum,
Durante o ano tem muitos,
Mas eu nunca guardei um,
Digo, com toda certeza,
Que é um dia de jejum.

O rei foi para o palácio
Com raiva e enfurecido,
Dizendo consigo mesmo
Tudo que eu faço é perdido,
Mas vou encontrar um jeito
Pra matar este bandido.

Um dia Camões estava
Bastantemente feliz,
O rei perguntou-lhe: o que
Mais cheira neste país?
Camões disse: – Não é rosa,
Nem cravo, é o meu nariz.

O rei disse pra Camões:
– Nós dois estamos em guerra,
Você parece que é
O mais esperto da terra,
Então me diga por que
É que o boi sobe a serra?

Camões disse: – Senhor rei,
Vou dizer sem cambalacho,
O boi possui muita força,
Mas sabe o que é que eu acho?
Que ele só sobe porque
Não pode passar por baixo.

O rei disse: – Então responda,
Cuidado pra não errar,
Qual é o trabalhador
Que vive sem reclamar,
Mas tem um defeito que
Só trabalha se apanhar?

Camões coçou a cabeça,
Disse o rei: – Nesta eu lhe pego!
Camões falou: – Tenha calma,
Que ainda não me entrego,
Quem trabalha quando apanha,
Na minha casa, é o prego.

O rei disse: – Está exato,
Revelador de segredos.
Um dia eu vi lá na mata,
Preso entre dois rochedos,
Uma mão misteriosa,
Mas ela não tinha dedos.

Quero que você me diga,
Na sua decifração,
Qual foi a mão que eu vi?
Se errar, vai pra a prisão
Camões sorriu e lhe disse:
– Foi uma mão de pilão.

O rei respondeu, assim...
Já que você é sagaz,
Quero que responda esta,
Mostrando que é capaz,
Só cresce antes de nascer,
Nascendo não cresce mais?

Camões disse: – Senhor Rei,
Com essa eu não me comovo,
Que ela é fácil demais,
Para mim e para o povo,
É um bichinho redondo
Que nós chamamos de ovo.

O rei disse: – Um deles tem
Cabeça e não tem miolo,
Um tem miolo e não tem
Cabeça e parece um bolo,
Me diga quem são os dois,
Veja se sai desse rolo!

Camões disse: – Eu vou dizer
Sem fazer meditação,
É algo que precisamos
Um se come, o outro não.
Que o primeiro é um prego
E o segundo é um pão.

O rei disse: – Então me diga,
Na sua sabedoria,
Onde é que está o boi
Às doze horas do dia?
Se errar, você irá
Morar numa cova fria.

Camões disse: – Eu tinha um boi,
Um dia montei-me nele,
Desci até o riacho,
Para ir dá água a ele
E vi ele às doze horas
Em cima da sombra dele.

Disse o rei: – Está correto,
Você é muito perito.
Veja se responde esta
Com estilo e gabarito.
Diga onde é que passa o boi,
Porém não passa o mosquito?

Camões disse: – É no buraco
Da teia de uma aranha,
Onde o mosquito se engancha,
Ela vem e lhe abocanha,
Mas o boi passa rompendo-a
E ela não o apanha.

Rei Milanês afastou-se
Com uma raiva danada
E Camões também seguiu
Direto a sua morada,
Mas esperando do rei,
Logo em breve, uma cilada.

Com oito dias, Camões
Por Milanês foi chamado.
Chegando ao palácio, o rei
Já tinha se acalmado.
Pra fazer novas perguntas,
Tinha tudo planejado.

Foi perguntando a Camões:
– Diga, se for competente,
O que é que não tem boca,
Mas come porque tem dentes?
Camões respondeu: – Serrote,
Serrando rapidamente.

O rei respondeu: – Camões,
Você é um cabra da peste,
Mas só escapará desta
Se agora passar no teste.
Me diga qual é o pano
Que nenhum vivente veste?

Camões disse: – Eu tenho fé
No autor da criação,
Pois foi ele quem me deu
O dom de adivinhão
E o pano que ninguém veste
É o pano de facão.

O rei disse: – Muito bem,
Nesta eu não o recrimino.
Reconheço que você
É um sujeito ladino.
Então me diga por que
Onça não pega menino?

Camões lhe disse: – O senhor
Deve estar com brincadeira.
Onça não pega menino,
Porque não é a parteira.
O rei disse: – Eu faço outra
Pela seguinte maneira

Me diga o que é que anda
E vai pra todo lugar,
Todos vemos, mas ninguém
Consegue lhe segurar.
E se ela entrar num riacho
Sai dele sem se molhar.

Camões lhe disse: – É a sombra
De gente, ou de animal.
Com essa resposta, o rei
Fez uma pausa geral,
Pensou e disse: - Responda,
Senão irá se dar mal,

Tem mais ou menos um palmo,
Não é carne nem é osso,
Quando envermelha a cabeça,
Corre um caldo do pescoço,
Com essa pergunta o povo
Fez ali grande alvoroço.

Depois foram se acalmando,
Camões disse: – Com certeza,
Moça quando quer casar
Precisa de uma e deseja.
É uma vela, que ela
Vai acender na igreja.

O Rei disse: – Me responda
Esta que não é comum:
O que é que nesta terra
Cada padre possui um,
Até o papa tem dois
E Jesus não tem nenhum?

Camões disse: – Eu lhe respondo,
Sem fazer nenhum desdém,
No nome de papa e padre,
Observem muito bem,
Que possuem a letra p,
Mas no de Jesus não tem.

O Rei disse pra Camões:
Essa você respondeu.
Quero que você me diga
Quem foi que nunca nasceu,
Mas no dia que morreu
A própria mãe o comeu?

Camões disse: – Senhor Rei,
Minha língua não emperra,
Foi Adão, que foi criado
Com o pó da própria terra.
Morreu, na certa, ela come
Quem vive certo e quem erra.

Camões, me diga o que é
Que quem faz pra si não deseja,
Quem nele está não o vê,
Quem vê diz: - Deus me proteja!
Todos querem fugir dele,
Por mais bonito que seja?

Camões disse: – Essa eu respondo,
Com certeza, é um caixão
Com um morto dentro dele,
Sem saber qual a razão.
Quem o vê não quer estar
Naquela situação.

O Rei disse: – Muito bem,
Outra lhe perguntarei.
Foi na água que eu nasci
E na água me criei,
Se me jogarem na água,
Eu na água morrerei.

Camões disse: – Esta eu respondo
Até mesmo sem pensar.
É o sal, que, na comida,
Dá o melhor paladar.
É retirado de dentro
Das profundezas do mar.

O Rei disse pra Camões:
Comprovou a sua fama.
Responda-me esta pergunta,
Ligeiro sem fazer drama:
O que é que a pessoa faz
Ao se levantar da cama?

Camões disse: – Senhor Rei,
Eu posso lhe afirmar
Que esta pergunta eu já sei,
Porque pude observar.
Pode prestar atenção,
Que o primeiro é se sentar.

Camões, eu fui visitar
O meu Conselheiro Braz
E vi alguém trabalhando
Com a cabeça pra trás.
Diga-me agora quem era,
Se não achar que é demais.

Camões disse: – Era a agulha
Que estava costurando
Com a cabeça para trás
Alguém num pano furando.
Eu digo e não tenho medo,
Pois sei do que estou falando.

Disse o rei para Camões:
Já vi que é competente.
Responda-me esta pergunta,
Procure na sua mente:
Tem barba, mas não é homem
Tem dente, mas não é gente?

Camões falou: – Eu lhe digo
Ligeiro e não me atrapalho,
Que uma perguntinha dessa
Responderei e não falho.
Na minha terra e na sua
É a cabeça de alho.

– Camões, você me responda:
Um homem entra na luta,
Levando uma companheira,
Porém ela não escuta,
Mas o seu ouvido é bom,
Que sendo ruim não labuta.

Que ouvido é esse dela,
Que não escuta ninguém,
Apesar de estar bom
E quem é ela também?
Se você não responder,
Não verá o ano que vem.

Camões disse: – Senhor rei,
Casamento é uma sina
E por companheira surda
Só quero uma carabina,
Mas sendo mulher, prefiro
A sua filha Cristina.

O rei disse pra Camões:
– Exijo que me respeite,
Não fale na minha filha,
Tenha cuidado e se ajeite
E me responda por que
Vaca parida dá leite?

Camões disse: – Senhor rei,
Com gosto vou responder.
Vaca parida dá leite,
Porque não sabe vender,
Mas eu me tornar seu genro
Talvez possa acontecer.

Eu digo assim porque sei
Que a princesa a mim adora.
O rei teve tanta raiva
Que quis pegá-lo na hora,
Porém Camões, mais esperto,
Dizendo assim foi embora.

O rei, no mesmo momento,
Chamou Cristina a atenção
E perguntou: – Minha filha,
Responda-me sim ou não,
Se você ama Camões
De todo o seu coração?

Cristina disse: – Papai,
Se foi Camões a falar,
Agora eu tenho certeza
Que comigo quer casar.
Eu pensei que ele estivesse
Somente a me enganar.

O rei disse: – Minha filha,
Eu estou admirado,
Vamos fazer uma festa,
Comemorar seu noivado,
Porém pensava consigo:
Eu mato aquele danado.

O rei tinha um jardineiro
Que se chamava Crispim.
Sujeito muito perverso
Da espécie de Caim,
Desses que odeia o bom
E adora o que é ruim.

O rei foi à casa dele,
Chamou, ele respondeu,
Porém quando abriu a porta,
Vendo o rei estremeceu.
Depois perguntou com medo
O que quer do criado seu?

O rei disse: – Vai haver
Uma festa de noivado
De Camões com minha filha,
O dia já está marcado.
E eu tenho para você
Um trabalho complicado.

Pegue este anel de brilhante
Com cuidado e atenção,
Chegue perto de Camões,
Na hora da agitação,
E solte no bolso dele,
Que ele passa por ladrão.

Ali, no meio da festa,
Eu digo que fui roubado,
Depois de examinar todos,
O brilhante é encontrado.
Ele é pego com o roubo
E será morto enforcado.

Tudo ficou acertado
Até o dia da festa.
Camões, sem saber de nada,
Será que escapa desta?
Agora é que vamos ver
Se adivinhação presta.

Todos foram convidados
Até que chegou o dia.
O noivado anunciado
Foi uma grande alegria.
E Camões bem satisfeito
Beijava a noiva e sorria.

Porém o tal jardineiro
Por perto dele passou
E o anel do rei de brilhante
No seu bolso colocou.
O rei viu e, no momento,
Gritou “Alguém me roubou!”

A festa parou e foi
Um por um examinado.
Chegou a vez de Camões
Foi o anel encontrado.
O rei ordenou que ele
Depressa fosse amarrado.

Camões ia ser levado
Direto pra guilhotina,
Mas antes que o levassem
Disse a princesa Cristina:
Deixai o réu defender-se,
Segundo a lei determina.

Não se condena ninguém
Sem ouvir a sua defesa.
Se é culpado ou inocente,
Precisamos ter certeza.
Todos ali concordaram
Com a proposta da princesa.

O rei disse: – Está correto,
Minha filha tem razão.
Hoje Camões morrerá
Se não der a explicação.
Como o meu anel sumiu
Do dedo da minha mão.

Fez-se silêncio geral
Entre todos no salão,
Esperando que Camões,
Perante o rei da nação,
Desse provas que não era
Como acusado: um ladrão.

Camões disse: – Ontem à noite
Eu tive um sonho ruim
Que alguém com um anel
Aproximou-se de mim
E essa pessoa era
O jardineiro Crispim.

Nesta hora o jardineiro
Começou a se tremer
E disse: – Tudo o que eu fiz
Foi com medo de morrer,
Sendo uma ordem do rei
Tive que lhe obedecer.

O rei combinou comigo
Pra na festa eu colocar
O anel dele em seu bolso
E depois lhe acusar
E assim talvez conseguisse
Um jeito de lhe matar.

E quando estava dançando
Com a princesa eu passei
Por perto e o anel do rei
No bolso eu coloquei.
Confesso que foi só esse
O crime que pratiquei.

Camões respondeu: – Por mim,
Você está perdoado.
A culpa é do nosso rei,
Que fez tudo planejado.
E obedeceu porque
A ele é subordinado.

Ali todos deram vivas
Pra Camões adivinhão.
O Rei na vista de todos
A ele pediu perdão,
Dizendo: – És o meu genro,
Futuro rei da nação.

Liberto Camões ficou,
Alegre junto a Cristina.
Logo após o casamento,
Viajaram pra Palestina
E foram viver felizes,
Segundo a lei nos ensina.

FIM

RAMON DIEGO (AGL)

Solitude

Quando uma orquídea se fecha:

Um grilo sufoca, inquieto.

Um minuto pausa entre os discos.

Uma garçonete nos lança
a sua simpatia ensaiada.

Um batom em fúria destoa
entre dois lábios cinzentos.

Um sujeito magro na loja
assume sua virgindade.

O café com leite é disfarce
para a confusão do absurdo,
as rosas se intimidam todas,
na ânsia da cor esperada.

Uma betoneira cozinha
as concretudes do adorno
e o carro atropela o operário,
que nem se deu conta das férias.

Via Láctea

Há um gato no avesso da noite.

Me incorporo ao bigode
de estrelas
que compõe
o seu rastro insone.

Seu suspiro
é um pesar inquieto
como a cauda
de um cometa
em chamas.

Há um gato no avesso da noite.
Seu miado revela a malícia
dos que, há muito,
não dormem, nem comem,
sob a pedagogia do corpo.

Nos seus olhos
dois sóis se equilibram
farejam e se impacientam,
aos prazeres da sombra
no húmus.

Há um gato no avesso da noite.
Espelhado na luz que o incendeia,
a tigela em que ele reflete
constitui a sua via láctea.

Navalha

O aço da palavra
está cá,
fora.

Fundido
em seus estreitos
intercâmbios.

Na forma
que lhe molda
consistente
o bálsamo
do fim
camoniano.

O corte
é bem
mais leve
que o silêncio
e finge
a quem,
de longe,
o ultrapassa.

A marca
de sua lâmina
contorna
a jugular
da imagem
semi-árida.

Hiroshima, mon amour

Uma hora me conserta,
no escuro.
Um poeta é só ferramentas
de corte e silêncio.
Uma metáfora
consome semanas
de voz e de luz.
Só o tempo
é reator do caos,
enquanto o homem
semeia destinos.

Parabólica

Deixa tua marca
velada
abrir-se
ao som

das seis horas,
num canto
rouco
e disperso,
no parapeito
da tarde.

O mundo agora
é só nervo
o mundo é só nervo
E tutano.

E as sereias caem
às dúzias
das escadarias
dos prédios
enquanto
um homem sério
arrebenta a missanga do tempo.

Prosa entre irmãos (artigos)

CACIA VALERIA DE REZENDE (AGL)

Vida e obra de Pe. León Gregório: um belga que se tornou sertanejo

1. As guerras de León

Léon Lambert Joseph Grégoire nasceu em 25 de março de 1925 na cidade de Barchon, Bélgica. Cidade dos artesãos, foi administrada durante 22 anos por seu avô Joseph Grégoire, prefeito Municipal. Seus pais Toussaint Joseph Grégoire e Germaine Tyeyssse Grégórie tiveram suas vidas marcadas pela Primeira Guerra Mundial, já que seu pai Toussaint foi combatente e por quatro anos foi mantido preso pelos alemães. Assim, sua esposa teve de assumir a direção da família. A distância do esposo, o medo de tê-lo perdido e as constantes mortes dos conhecidos traziam dor e pesar para a família.

Grégoire cursou a escola primária, secundária e humanidades. Em BeauPlateau, no seminário redentorista, fez dois anos de Filosofia e quatro de Teologia para ser padre. Vale ressaltar que teve seus estudos interrompidos quando fazia o ensino secundário, devido à invasão dos alemães em território belga. Participou de vários congressos, conferências em Lovalnia/Bélgica e fez o curso de Medicina Tropical, o que lhe ajudou a combater enfermidades frequentes, em território sergipano com remédios naturais.

Sou apaixonado por leitura, então depois de tudo isso, mas não tenho nenhum diploma universitário, não fui fazer uma matéria especial na universidade, não. Fiz dois anos de filosofia e quatro de teologia para ser padre (LÉON GREGÓIRE, 2007).

A guerra marcou a adolescência e juventude de Léon Grégoire. Sua vida é tocada pela morte, já que a guerra não poupava ninguém, principalmente as crianças que cresciam, na maioria das vezes, sem a presença masculina, já que milhares homens belgas lutaram pela pátria, e muitos desses morreram no campo de guerra. Esposas chorosas lamentavam a morte de seus cônjuges, mães aflitas

aguardavam notícias de seus filhos, que ansiavam pelo fim da “maldita guerra” que os privou da companhia de seus irmãos, pais e avós.

Passou muito mal, quando era menino, durante a guerra a gente pegava alimento com tickets, a gente era escravo, durante cinco anos, a Bélgica foi ocupada pelos alemães. Tudo era limitado. À noite tudo tinha de estar fechado, não podia haver nenhuma luzinha, se não os militares atiravam (DESSY, 2012).

As cinzas de um tempo escuro cobrem os corações daqueles que viveram em meio à turbulência do início a meados do século XX. Quantas histórias penosas, dolorosas a separação proveniente das guerras trouxe à sociedade daquela época. Milhares de túmulos foram construídos para enterrar uma geração de homens que perderam suas vidas em nome da pátria. Placas com seus nomes foram erguidas para homenageá-los, eles perpetuaram seus nomes na história.

Léon tinha 15 anos quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial. Em 1940, a Bélgica foi invadida pelos alemães, e Grégoire viu o povo sendo torturado. O nazismo produziu revolta na juventude, que decidiu interromper os estudos para proteger seu país das mãos da tirania de Hitler. Grégoire e alguns amigos tornaram-se da Polícia Secreta Belga contra os nazistas. Eles se reuniam no esconderijo da resistência e, nesse espaço, organizavam o contra-ataque aos inimigos. Eles sabiam do perigo, pois os alemães tinham vários espiões e por muitas vezes esses encontros eram descobertos.

Grégoire teve vários colegas de luta levados pelos alemães, mas o desejo de livrar o país da presença dos inimigos o fez continuar no grupo. O risco criava um ambiente de tensão, prudência e companheirismo, porém, mesmo diante do zelo que tinham, eles foram surpreendidos pelos alemães. Capturados, foram levados num caminhão para serem executados. Mas os dias foram passando e eles permaneceram presos no transporte, sem água e comida. Devido à falta de ar, o jovem Grégoire caiu desmaiado próximo a uma fenda na carroceria do veículo, mas seus colegas não tiveram a mesma sorte e

morreram. Sem expectativa de resgate, Grégoire adormeceu entre os corpos de seus amigos.

Inconsciente, permaneceu imóvel por várias horas, a morte era a sentença certa para os traidores, porém a resistência belga conseguiu alcançar o adversário e resgatou o caminhão, e, por um triz, Grégoire foi salvo do corredor da morte. Ele assistiu à cena que jamais esqueceria e sempre fazia questão de relatar: os corpos de seus fiéis amigos amontoados naquele espaço, onde o “cheiro de morte” pairava no ar. Segundo ele, almas que lutaram e partiram juntos para a eternidade.

Em 1955, eu fiquei cinco anos no colégio dos redentoristas. Pe. Gregório era professor e depois foi o superior do convento, mas continuou sendo nosso professor. Ele gostava de falar com os alunos sobre a vida dele. Ele participou da resistência e foi condenado à morte, ele lutava contra os alemães, por isso se enganchou no grupo de resistência, mas foi pego e condenado à morte, no corredor da morte, ele escapou, o pessoal foi libertar eles na cidade de Liège. (DESSY, 2012).

Em 1945, a tribulação da guerra havia terminado, mas as imagens do que viu e viveu o acompanharam. Sempre compartilhava com os amigos a perda de seus companheiros, uma geração marcada pela barbárie humana. As imagens eram tão fortes que os anos não conseguiram apagar. Pe. Léon guardou várias fotografias da guerra que denunciavam o horror do nazismo, são imagens de corpos de judeus sendo lançados em valas coletivas, o dia-a-dia dos campos de concentração, a atuação da polícia nazista com a população, o desespero e o olhar profundo de crianças magras, enfermas, que não compreendiam o motivo da opressão.

Segundo Guido¹, ex-aluno de Pe. Grégoire na Bélgica, Pe. Léon era de família católica, seus pais sempre o ensinaram o amor ao próximo. E por isso, o colocaram para estudar numa escola redentorista para que aprendesse o papel do cristão. O sofrimento da guerra só o fez repensar na carreira de sacerdote, principalmente quando escapou do corredor da morte. Assim, depois de vivenciar o horror da guerra, decidiu servir aos pobres e viver em função dos mais fracos e marginalizados.

Em 15 de setembro de 1948, fez seus votos religiosos. Enquanto seminarista ficou gravemente doente. Acometido de tuberculose, devido aos rigorosos invernos e à falta de aquecimento na casa de formação dos seminaristas redentoristas. Essa pneumonia grave era uma enfermidade que lesava a saúde de vários seminaristas jovens, a ponto de levar a óbito. Por isso, muitos colegas afirmavam que ele não viveria muito tempo, pois passou a respirar praticamente por um pulmão.

Depois de terminar os seus estudos no seminário redentorista, foi ordenado padre em 15 de setembro de 1953. Atuou como professor de Artes e Música na escola redentorista. Pe. Léon coordenava os recreios, as crianças amavam esse momento de diversão ao lado de seu professor divertido, brincalhão e culto. Segundo Etienne Paul Marie Armand Lemaire², ex-aluno de Grégoire, a presença de Léon era sinônimo de riso e descontração. Deste a sua infância, Pe. Etienne nutria um sentimento de respeito e fidelidade a um amigo que passou a ser um pai.

Eu estudei no colégio redentorista, onde conheci padre Léon Gregório. Eu tinha 11 anos e o Pe. Gregório tinha 33 anos. Durante os meus estudos tive Pe. Gregório como professor em várias matérias. Ele era professor de teatro, o que permitiu

¹ Filho de Leon Dessy e Celine Werner, nasceu em 17 de outubro de 1938, natural de Sovet- Bélgica. Foi aluno de Padre Léon Gregório e grande companheiro de ministério no sertão sergipano.

²Filho de Emile Romain Lemaire e Simone Elise de Winter, nasceu em 17 de julho de 1944, na cidade de Bruxelas- Bélgica. Foi aluno de Padre Léon Gregório e passaram a ser grandes amigos.

um contato muito mais descontraído. Ele também era encarregado de cuidar dos recreios. Desde a infância se criou um laço de amizade como de pai e filho. Pe Gregório ficou amigo de meus pais e nas férias ele vinha passar alguns dias na casa de meus pais, o que evidentemente reforçou os laços de amizade (LEMAIRE, 2012).

Segundo Pe. Etienne, enquanto ensinava na escola dos redentoristas nunca escondeu o desejo de ser missionário. Sempre quis servir em comunidades pobres. O sentimento missionário latejava em seu coração. Mas para onde ir? Na época, vários padres redentoristas foram enviados à África e outros para a América.

2. Outras guerras

O bispo Dom José Brandão de Castro (bispo da diocese de Propriá do Estado de Sergipe) era da ordem religiosa redentorista e solicitou ajuda de seus irmãos na Bélgica, para auxiliar num trabalho árduo, que era anunciar o evangelho numa região de difícil acesso, onde a maioria das pessoas era analfabeta e com o corpo de sacerdotes reduzido. O pedido de socorro foi logo atendido por Pe. León que na época tinha 40 anos de idade. Em 8 de Abril de 1965, Pe. Gregório chegou ao Brasil.

A presença de Pe. Gregório em Propriá foi motivo de festa. Houve uma mobilização por parte da população cristã. As alunas do colégio das freiras preparam uma festa com a apresentação de uma peça teatral que contava a história de Maria Bonita e Lampião. O bispo com receio de que Pe. Gregório não entendesse, explicava a história de Virgulino, o rei do cangaço. Eles deram muitas risadas. Ao final da peça, as jovens deram as boas-vindas ao belga que ficou deslumbrado com a recepção da comunidade. Neste local, a comunidade o chamava de Pe. Gregório e foi assim que se tornou conhecido.

O processo de adaptação ao clima da cidade ribeirinha foi marcado por adversidade. Pe. Gregório foi acometido de uma forte anemia, ao ponto de ir a Congonhas para se recuperar. Com sua saúde fragilizada devido ao clima de Propriá, mantinha um rigor quanto à sua alimentação.

Em 1966, já em Propriá desde quase um ano, fiquei com anemia inquietante. Um médico de Belo Horizonte, primo de D. José Brandão, aproveitava uma viagem em Recife para participar de um congresso, para visitar o primo-bispo em Propriá. O diagnóstico dele sobre meu estado foi assim, diminuição grave dos glóbulos vermelhos devido ao clima terrível de Propriá (baixo e constantemente úmido) e minha idade de 40 anos (já avançada para uma adaptação fácil a um clima esgotante). Me marcaram uns exames mais profundos em Belo Horizonte, para onde me dirigi... Foi no convento dos redentoristas em Congonhas que refiz sangue num ar fresco e alimentação boa, (PADRE LÉON GREGÓRIO. Ata da igreja de Nossa Senhora da Glória, 1971).

Na década de 1960, Dom José Brandão de Castro recrutou vários belgas, irmãos e irmãs para auxiliar nos problemas vivenciados pelas comunidades das cidades do sertão e ribeirinha. O irmão Michel Alphonse Leon Pierre Ghislain Dessy, conhecido como Guido e a voluntária Anita Nissink participaram atividade do dia-a-dia das comunidades. Segundo eles, o povo necessitava do evangelho, de proteção, médicos e educação. A igreja comprou um Jipe de quatro portas, para funcionar como transporte para os sacerdotes e também de ambulatório para o povo. Muitos medicamentos (remédios e material ambulatorial) vinham da Bélgica para auxiliar o trabalho social desenvolvido pela igreja.

A presença de estrangeiros nas cidades ribeirinhas e no sertão foi um bálsamo para as comunidades carentes, que recebiam remédios, alimentos, roupas e cuidados com a saúde, inclusive Pe. Gregório e o irmão Guido realizaram vários partos. Na época havia poucos médicos, a maioria das comunidades padecia de enfermidades simples, mas, por falta de médico, acabavam prolongando o mal-estar físico, assim a atuação dos belgas funcionou como refrigério.

A atuação de Gregório na juventude de Propriá foi estimulante e rendeu reuniões para tratar das questões culturais do município. Os jovens queriam se organizar para apreciar as palavras do novo padre que estava cheio de novas ideias. A simpatia do vigário amontoava um número significativo de jovens. Esse espaço de cunho cultural chamou a atenção dos militares e ele foi convocado a comparecer no 28º Batalhão de Caçadores, na cidade de Aracaju para ser admoestado “que sendo padre, ele se prendesse a organizar time de futebol, do que reuniões intelectuais”. A ameaça não frustrou o propósito do “militante da paz” e Gregório permaneceu implementando as ações para beneficiar a comunidade.

Na cidade de Propriá, um número relevante de jovens não estudava, pois a maioria das escolas era particular. Devido à dificuldade financeira, uma minoria da juventude propriaense dava continuidade aos estudos. Através do movimento da CNEG, Pe. Gregório fundou o Ginásio Santo Antônio. Segundo Palmira Maio, foi uma batalha para convencer as autoridades do município sobre a importância da escola para a cidade e outra adversidade foi recrutar os jovens que já estavam distantes da escola (para trazê-los para o universo escolar). Além disso, havia um número insuficiente de professores disponíveis para ensinar, assim vários jovens que participavam do processo de evangelização da igreja se prontificaram a ensinar voluntariamente.

Quem vai dirigir o Ginásio Santo Antônio? Na época eu trabalhava como alfabetizadora e Movimento de Educação de Base, eu era supervisora, eu dava aula via rádio e depois a gente reunia os monitores. Então, eu aceitei ser a diretora (MAIO, 2012).

O colégio tornou-se um marco na comunidade e cidades vizinhas, inclusive vinham alunos de Alagoas para fazer o ginásio. A instituição formou várias gerações de jovens que se tornaram profissionais da educação e saúde da rede privada e pública, entre outras profissões. Atualmente o prédio foi cedido para a Universidade Tiradentes, a qual montou um campus da Universidade.

Dom José Brandão de Castro juntamente com sua equipe se reuniam com as comunidades para averiguar as necessidades do povo.

De acordo com as opiniões do povo, traçavam o plano de ação para atuarem conforme debatiam nesses espaços. A unidade da equipe de sacerdotes era harmoniosa e coerente. Segundo Palmira³, em 2012 os párocos tinham D. José como pai.

Pe. Gregório e o irmão Guido eram enfermeiros práticos, assim eles se engajaram na Ação Social da igreja com mais intensidade. Eles visitavam os enfermos e cuidavam de vários tuberculosos. Naquela época, muitos morriam dessa enfermidade. A tuberculose era uma doença comum na região e para muitos foi fatal. Ela atingia crianças, jovens e adultos. A partir do diálogo desses belgas de como prevenir e os cuidados que se devem ter com as pessoas infectadas, eles conseguiram realizar um trabalho de prevenção e salvaram várias vidas.

Padre Léon Gregório passou cinco anos trabalhando na cidade de Propriá, onde também atuou nas paróquias de Canhoba, Amparo de São Francisco e Telha. Realizou um trabalho de conscientização sobre os cuidados quanto a água, comprou vários filtros e repassava para a sociedade a mesma quantidade que comprava, e ainda o povo podia parcelar para que as comunidades pudessem adquirir e amenizar os problemas de saúde. Além disso, ele e o Padre Nestor, um grande companheiro do ministério, construíram a Igreja de São Pedro.

D. José comunica com angústia que os padres franciscanos de Porto da Folha (Angelino e Juvenal) lhe entregaram os municípios de Poço Redondo e Canindé São Francisco, e me pede para tomar conta também deles, pelo menos provisoriamente, para não deixa-los abandonados, não tendo outro padre disponível. Apelo a Deus! Que dará as graças necessárias. Como recusar? Assim a paróquia passa a cobrir quatro municípios, e com o tamanho de Poço Redondo (o maior de Sergipe: 1.097 Km²), é quase a metade geográfica da diocese (LÉON GREGÓRIO, 1971).

³Filha de Antônio Rodrigues do Nascimento e Esmeralda Freire do Nascimento, nasceu em 21 de março de 1945.

No ano 1971, segundo Palmira (2012), o bispo Dom José Brandão de Castro reuniu sua equipe de sacerdotes para eles escolherem as paróquias que queria assumir. Pe. Gregório escolheu a paróquia de Nossa Senhora da Glória. Na época, não havia padres suficientes para atender os municípios de Monte Alegre (1971-1988), Poço Redondo (1971-1979) e Canindé do São Francisco (1971-1979). Assim, ele assumiu a responsabilidade de cuidar do rebanho desse território extenso e de difícil acesso, já que as estradas eram de barro.

3. Uma vida de batalhas

Em 1971, chegou à cidade de Nossa Senhora da Glória o pároco Gregório. Num momento de seca e fome no sertão. Ele realizou durante quinze dias suas refeições no hotel Nossa Senhora de Lourdes, localizada na praça da igreja Matriz, sob os cuidados de D. Odete que sempre escolhia o cardápio do dia. Pe. Gregório geralmente almoçava e jantava acompanhado de Anita Nissinpa e o técnico agrícola Evilázio, que era um excelente animador de comunidades. Segundo Gregório, a cidade de Nossa Senhora da Glória tinha 3.500 habitantes, um posto de gasolina, correio, curso ginásial, banco do Brasil, receita federal, DNOS, posto de saúde, casa paroquial, energia elétrica de Paulo Afonso, EMATER, cartórios, juiz de direito, oficinas mecânicas, e as cidades mais importante da redondeza eram Nossa Senhora das Dores e Paulo Afonso.

Dona Odete de Souza, zeladora da igreja com Dona Iponina (que fabricava velas), apresentou uma cozinheira-faxineira- lavadeira para a casa paroquial. Agora almoçamos e jantamos no pequeno chalé baixo, vizinho da casa paroquial que os Padres Poloneses compraram de D. Conceição, mãe de Valdemar. As irmãs Prudência e Maurícia (professora de desenho no ginásio Diocesano de São Vicente de Paulo de Ghijzeghem – Bélgica) e a voluntária Anita que mora com elas na casa da paróquia, no terreno atrás da casa paroquial, vêm

almoçar comigo. Assim não tem nada de cozinha na casa paroquial, reservada para o trabalho pastoral e como dormitório (LÉON GREGÓRIO, 1971).

Gregório descreve num manuscrito que havia aproximadamente 23 meses que não chovia no sertão. Caminhões cheios de retirantes saíam da cidade, os flagelados da seca se reuniam na calçada da igreja e davam adeus ao sertão. A pobreza se estendia à maioria da população. Muitos homens andavam descalços, pois não tinham nem sequer o alimento diário. O encarecimento dos alimentos batia à porta da comunidade, que não tinha a quem recorrer. Os fazendeiros dispensaram vários trabalhadores, pois eles perderam uma grande parte da boiada. Por falta de água, viram seus animais morrerem. O desemprego foi fator preponderante para a saída do sertanejo à procura de trabalho que garantisse comida, moradia e dignidade.

Duas as três vezes por semana, caminhões de retirantes iam saindo da cidade. Os retirantes se reuniam nas calçadas da igreja com crianças, bagagens, umas cabras; além da falta de água, falta trabalho, pois os fazendeiros não oferecem mais alguns dias de serviço (como roçagem de pastos, cavação de tanques, desmatamento), a seca arruína todo mundo, a vida se torna impossível para muitas nesta região, assim castigada pela natureza (LEON GREGÓRIO, 1971).

Padre Gregório, no seu jipe e acompanhado por Narciso Antônio dos Santos, pernambucano, muito religioso, conheceu o sertão sergipano. Nas estradas de chão, observava as cabras soltas pelas estradas, homens e mulheres simples trabalhando de chapéu de palha, roupa simples, uns usavam sandália de couro, outros de pés descalços, crianças pálidas e animais magros. A população criava recursos para não desfalecer em meio ao caos. Eles queimavam macambira e alimentavam os animais. E por mais que o sol castigasse o sertão, sempre saíam vivos. Essa coragem de administrar as circunstâncias adversas era admirada por Pe. Gregório.

Segundo relata Gregório, após quase dois anos sem chuva, a água do céu desceu sob o solo árido e sofrido do sertão. O povo festejou com gritos, risos, abraços. Finalmente o sofrimento chegava ao fim, porém quase ninguém tinha sementes. Então, Gregório fez um apelo urgente à Bélgica e conseguiu comprar sementes de feijão, milho e algodão em Alagoas e distribuiu entre as comunidades carentes.

A saúde dos glorienses sempre esteve comprometida devido à água. Na década de 70, não havia água encanada, assim a população utilizava as águas dos açudes que havia na cidade. Infelizmente bebiam da mesma água em que os cachorros, vacas e a própria população tomavam banho. A falta de tratamento da água provocava várias enfermidades, como anemias, hepatite, coceiras e vermes. Na época, as crianças tinham barrigas enormes, e devido à quantidade de lombriga, muitas chegavam a falecer.

A população sofre dos mesmos males devido à água não tratada do São Francisco. Aqui, a grande culpada é a água não tratada dos açudes que abastecem a cidade e este povoado: entre a cidade e o povoado há um grande açude que serve para todos: o povo vem buscar água carregando potes na cabeça, outros enchem latas para vendê-la carregando quatro latas em cada jegue, outras trazem umas vacas magras para beber. Visitando as casas, vimos que ninguém tem filtro de água, nem sabe o que é. Entendemos que devemos fornecer logo à população os bons filtros de Carrapicho (a 2 km de Neópolis) como fizemos em Propriá, e conscientizar o povo em relação a estes problemas graves (LÉON GREGÓRIO, 1971).

A ação social da igreja no processo de conscientização do filtro foi fator preponderante para amenizar o problema de saúde manifestado na comunidade. Milhares de filtros foram repassados para a comunidade a preço de custo e ainda parcelado, para que o povo pudesse adquirir. Infelizmente, a ignorância quanto ao uso do filtro fez

alguns sertanejos darem outra serventia a ele, como plantar “crotés” termo que se refere a plantas no sertão.

Em 12 de dezembro de 1971, Pe. Gregório fundou o povoado São Clemente, no município de Nossa Senhora da Glória. O terreno foi comprado por padre Gregório que havia ganhado, na época, uma herança de sua ex-professora Pauline (ela havia morrido aos noventa e sete anos) e decidiu criar uma associação de agricultores para beneficiar vinte famílias. Essa comunidade iniciou com um número reduzido de famílias e, atualmente, o povoado tem várias ruas e não para de crescer.

Construiu as igrejas do Angico, Aningas, Lagoa Bonita, Nova Esperança, São Clemente, Monte Alegre, Mezinha e tanque de Pedra. A população se somava ao Pe. Gregório, elaborando festas para arrecadar doação para levantar esses espaços de orações. Enquanto não tinham lugar fixo, reuniam-se nas escolas e nos terreiros das casas para celebrar as missas.

Ele ampliou o colégio Nossa Senhora da Glória e fundou o 2º grau. Nesse espaço, eram ofertados três cursos: pedagógico, científico e contabilidade. Foi nesses bancos que a sociedade gloriense se formou. Elevou-se o nível educacional e qualificou-se a mão de obra. Desta instituição saiu a maioria dos professores, médicos, advogados, entre outros profissionais.

A Escola Pequeno Príncipe foi fundada pela Ação Social em 1974. A primeira professora foi Rosa. Ela apenas trabalhou durante dois meses, passando o cargo para Maria Adenilde Melo Oliveira. Na época, a diretora da escola era Rivanete, esposa de Avelã Cruz, presidente da Ação Social. Essa instituição era de cunho elitista, a maioria dos alunos eram filhos dos funcionários públicos. A escola iniciou apenas com uma classe, e depois foi ampliada para três salas. A procura pelo ensino infantil era grande e mesmo a instituição funcionando em dois turnos não dava conta da demanda. Ao lado da Escola Pequeno Príncipe, Padre Léon alugou uma casa para funcionar a Creche Sorriso de Criança, para atender as mães que precisavam trabalhar e não tinham onde deixar seus filhos.

Em 1982, padre Gregório comprou o terreno e iniciou a construção do Jardim Pequeno Príncipe, utilizando o dinheiro que havia

ganhado de Pauline, sua ex-professora. Ele recrutou a frente de trabalho do MAGNU para construir a escola. Na época, o governo criava esse grupo constituído por homens e mulheres desempregadas, para garantir à população emprego em meio ao período de seca. Nesse espaço, fez seis salas de aula espaçosas e ventiladas, cantina, diretoria, galpão, um lago e, reservou um espaço para fazer hortaliça e criar animais para o consumo das crianças.

Em 1984, a escola muda-se para o novo prédio, mas a distância da instituição de alguns bairros como Alto da Glória, COAB, entre outros, dificultava o dia-a-dia dos pais, sendo assim, Gregório comprou uma Combi para transportar os alunos, mas o número de alunos aumentava gradualmente e a Combi tinha de dar duas viagens. Então, ele comprou um caminhão e mandou gradear, já que não tinha dinheiro para comprar um ônibus.

Em 2002, a escola passou a ofertar deste o ensino infantil à 4ª série, atual 5º ano. Nesse período Adenilde, que na época era diretora, sugeriu a mudança de nome da instituição e mesmo diante da relutância do padre, a Escola foi renomeada para Escola Padre Léon Gregório. Atualmente a escola atende aproximadamente 800 alunos.

Ele implantou o projeto Brasil Criança Cidadã para atender às crianças de risco, ou seja, os meninos de rua. Neste trabalho ajudava várias famílias que viviam em miséria, dando a feira, material escolar, fardamento e medicamento na tentativa de impedir que as crianças ingressassem na marginalidade e prostituição. Derrubou várias casas de taipa e construiu de bloco, forneceu roupas e agasalhos no período de frio. Transportou vários enfermos para a cidade de Aracaju para se tratarem. Acompanhava várias gerações do nascimento, infância, juventude, casamento e, alguns, até a morte. Auxiliava no conforto espiritual e financeiro daqueles que necessitavam de socorro.

Fundou o orfanato para atender às crianças que eram abandonadas, logo ao nascer. Acolheu vários filhos de prostitutas e portadoras de necessidades especiais que engravidavam e não tinham condições física, psíquica e financeira de criar seus filhos. A maioria dessas crianças foi adotada por belgas. Mesmo depois de adotada, Pe. Gregório acompanhava as vidas desses sertanejos que eram inseridos

em um novo lar. Ao complementarem 18 anos, eles geralmente voltavam para o Brasil para conhecerem seus pais biológicos.

Pe. Gregório fundou o Lar de Caridade Coração de Jesus, espaço em que alguns idosos que não têm casa ou ninguém para tomar conta residem. Implantou a Pastoral Carcerária, a Pastoral da Saúde e o Projeto Luz do Sol, onde portadores recebem oficinas ocupacionais de acordo com a habilidade de cada um. Essa oportunidade tem rendido trabalhos belíssimos de artesanato realizado pelos alunos que, sob a direção de Dr. Cordeiro e todo a sua equipe, têm realizado um trabalho belíssimo. Muitas famílias são beneficiadas com medicamentos gratuitos que recebem dessa instituição acolhedora que busca os alunos em suas casas.

Pe. Léon gostava de viajar e registrar as imagens que chamavam sua atenção, através da fotografia. Ele mantinha um rico acervo de slides que mostravam ambientes diversos, pessoas, animais e paisagens exuberantes. Ele gostava de registrar cada instante que ansiava perpetuar ou denunciar.

Pe. Gregório lutou com a vida para pregar a caridade. Mostrou que o mais importante não é o dinheiro, mas o humano. Nas suas lutas diárias não temia as adversidades, mas tinha algo que o incomodava:

08-03-1978 dia fatídico em que se iniciava uma perturbação de espírito e de sentimento que ia me atormentar até hoje. Experimentei que eu não sou feito para briga e discórdia, e sim para paz, amizade, união, sinceridade. A falsidade e a inimizade me perturbam e me deixam enfraquecido, desanimado, sem pensamento nem iniciativa: fraqueza natural minha (LÉON GREGÓRIO, 1971).

O respeito à vida humana era perceptível na busca constante para beneficiar o outro que estava numa situação de pobreza. Foi, sem dúvida, o grito em meio ao deserto para fazer ecoar o amor fraternal, o qual pregava com sua própria vida. Doar-se, mais, mais e sempre mais foi seu lema missionário. Veio ao sertão para servir aos pobres. Nesse lugar, ele enfrentou um turbilhão de problemas, mas não desistiu de sua missão.

Em 3 de Janeiro de 2011, Pe. Léon Gregório, acometido de câncer, faleceu. A notícia se espalhou rapidamente na cidade de Nossa Senhora da Glória. Foi decretado luto pela morte do estrangeiro que se tornou sertanejo. O sertão parou para chorar, pessoas vindas do alto, médio e baixo sertão encheram a cidade de Nossa Senhora da Glória. O velório foi acompanhado por representantes religiosos, políticos, grandes empresários, mas, principalmente, pelo povo. O corpo foi velado na Escola Padre Léon Gregório.

No dia 04 de janeiro de 2011, a cidade recebeu pessoas de todo o Estado de Sergipe e uma grande comitiva conduziu o corpo de Pe. Gregório até à igreja Matriz de Nossa senhora da Glória. A cidade parou para chorar a perda do “militante da paz”, o luto era perceptível nos rostos dos sertanejos que choravam ao mesmo tempo em que cantavam os louvores prediletos de Pe. Gregório. Depois homenageado, seu corpo foi sepultado na Igreja Nova. No entanto, as instituições fundadas por essa personalidade continuam beneficiando muitos sertanejos. Sua marca permanece viva nos rostos das crianças, adultos e dos idosos.

Considerações finais

A importância de Pe. Léon Gregório no cenário sergipano é marcada por várias obras. Na busca para humanizar o homem com paciência e persistência, mostrou como as marcas da vida podem ser administradas em favor de si mesmo e do outro. As cenas da Primeira e Segunda Guerra Mundial estiveram presentes nas lembranças do soldado que levantou a “bandeira da vida”. Ele que lutava com armas para defender seu país, agora lutava semeando palavras de ânimo.

Em solo árido do sertão sergipano, mostrou-se hábil para fundar instituições, no objetivo de amenizar o sofrimento do outro. Sua atuação foi reconhecida pelas autoridades sergipanas e ele ganhou o Título de Sergipano. Pe. Gregório, que sonhava com a liberdade e com a paz, militou até 85 anos para ver sua missão cumprida. O corpo estava envelhecido pelos anos de vida, mas, mesmo assim, ele não parava de beneficiar o outro com sua disposição.

Das cidades ribeirinhas ao sertão anunciou um evangelho diferente. As palavras eram acompanhadas de obras. A paixão pelo sertão esteve presente até a hora da morte, pois, mesmo consciente da grave enfermidade, brigou pela vida. Lutou como um soldado para não morrer, já que pensava em todas as famílias que se dependiam dele. No entanto, no hospital São Lucas, fez sua última viagem. O “militante da paz” morreu em solo sergipano, mas sua pregação incentivou muitos outros a permanecerem dando continuidade às obras que ele fundou.

Referências

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

TOMPSOM, E. P. *A formação da classe operária inglesa: 1 a árvore da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

TOMPSOM, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES

Entrevistas

ANDRADE, Doralice Azevedo da Silva. Entrevista realizada em 23 de outubro de 2012.

DESSY, Michel Alphonse Leon Pierre Ahislain. Entrevista realizada em 13 de Outubro de 2012.

GRÉGOIRE, Léon Lambert Joseph. Entrevista realizada em 25 de julho de 2007.

GRÉGOIRE, Léon Lambert Joseph. Entrevista realizada em 24 de julho de 2007.

JESUS, Isabel Bispo de. Entrevista realizada em 16 de outubro de 2012.

NETO, José Fereira. Entrevista realizada 14 de outubro de 2012.

SILVA, Milton da. Entrevista realizada em 16 de outubro de 2012.

OLIVEIRA, Anne Marie Louise Delcroix e. Entrevista realizada em 17 de outubro de 2012.

OLIVEIRA, Maria Adenilde de Melo. Entrevista realizada em 24 de outubro de 2012.

LEMAIRE, Etienne Paul Marie Armand. Entrevista realizada em 28 de outubro de 2012.

MAIO, Palmira do Nascimento e. Entrevista realizada em 06 de novembro de 2012.

Documentos

Ata da criação da Paróquia de Nossa Senhora da Glória, e posse do seu primeiro vigário, 14. 02.1959 a 1971.

Ata de criação do prédio do Hospital de Nossa Senhora da Glória, 1969. Homenagem realizada pela deputada Lilian Moura, no dia que Padre Gregório recebeu o título de cidadão sergipense.

Estatuto da Associação dos Agricultores de São Clemente em 12-12-1971

Jornal A defesa. Órgão informativo da diocese de Propriá. Fevereiro de 1982.

Ata da fundação da Associação dos Agricultores. Nossa Senhora da Glória. 12-12-1971

Ata da reunião da U.R.B. – Aparecida SP- 30 de outubro de 1994.

Diversos bilhetes que os entrevistaram nos cederam.

1.900 fotos de acervos particulares – comunidade e do próprio acervo pessoal de Padre Léon Gregório.

DIAS, Katyusia Grasielle Santos e SANTANA, Ednaldo Vieira de. Vida e obra do Pe. Gregoire. Monografia, Itabaiana, 2007.

DOMINGOS PASCOAL (AGL)

Loja Maçônica Cotinguiba: um referencial na cultura literária e social de Sergipe

“Precisamos projetar na treva que há na alma do analfabeto o clarão radioso que vem do livro!”

Graciliano Ramos

Nada se transforma se não for pela primazia da Educação. Educar é libertar o outro da dicotomia maniqueísta de que não é possível. Educar é mostrar caminho, é abrir portas, construir espaço, erguer pontes para que o outro possa, confortavelmente, transitar. Educar é doação, é caridade. Mas, diferentemente da “esmola” ou da “cota”, é também a oportunidade de o outro fazer a sua parte e engrandecer-se com isso, elevando a sua autoestima e orgulho: eu quero, eu posso, eu faço.

A Maçonaria sempre esteve muito atrelada ao aperfeiçoamento integral do homem e, sabedora de que somente através da educação, da profissionalização, do aprimoramento constante, é que há esta possibilidade e, também, por ser uma instituição voltada para as boas causas sociais e familiares, sempre esteve muito atenta ao que ela, metaforicamente, denomina de “polimento da pedra bruta”.

Esta milenar instituição, no que pese carregar por muito tempo a pecha de coisa “diabólica”, nunca o foi. Na verdade, somente o bem tem feito à humanidade como um todo. A Maçonaria foi e é credencial de decência, honestidade, respeito e trabalho.

A Loja Maçônica Cotinguiba, existe desde 1872.

São 143 anos de uma rica e virtuosa história voltada, exclusivamente, para as boas obras sociais. A vocação de “doadora” da centenária Loja Maçônica Cotinguiba procurou, desde o início do século passado, ser um referencial representativo nas causas sociais: caridade, educação, saúde e preparação. Foi assim que manteve, e mantém ainda, uma hospitalaria para fazer a Caridade direta junto aos necessitados, que recebem benefícios sem saber nem de onde vêm:

comida, roupa, enxovais para nascituros, fraldas, auxílios variados nos momentos difíceis... Esta função de identificar o carente e levar até ele o lenitivo normalmente é exercida pelas fraternidades femininas: esposas e filhas de Maçons que se integram ao trabalho da Loja para cumprir esta missão tão nobre feita pela Maçonaria sem a menor divulgação ou propaganda.

Na Saúde, a Loja Maçônica Cotinguiba atuou, por muito tempo, no atendimento aos necessitados, com seus Postos de Atendimentos, onde eram recebidos pacientes sem condição financeira para pagar um médico.

Na Educação, a Loja Maçônica Cotinguiba tem um trabalho bellissimo, que marcou a vida cultural, literária e profissionalizante de Sergipe, que foi a criação, no dia 24 de setembro de 1916, (completou 100 anos agora em 2016), da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo, escolas dirigidas à alfabetização e à profissionalização de adultos. Ensinava a ler e a escrever e preparava para o trabalho e para os concursos com a profissionalização através dos cursos de: Datilografia, Corte e Costura, Confeiteira, Marcenaria e Práticas Rurais. Chegou a manter ativas por muito tempo 29 salas de aula espalhadas por todo o Estado de Sergipe, lugares onde todos estudavam, se preparavam e não pagavam nada. Durante quase setenta anos prestou um serviço gratuito e de primeira aos sergipanos desprovidos de recurso financeiro para custear uma Escola ou um professor particular.

Temos que entender que, naqueles tempos, não havia a presença do Estado em quase nada, na verdade, nem o “Estado”, nos moldes atuais, existia. Tais funções eram exercidas, normalmente, por entidades como a Maçonaria, a Igreja, os Clubes de Serviços e as Congregações. Devemos perceber também que à proporção que o Estado começou a assumir tais funções, essas entidades foram pouco a pouco se retirando do cenário da assistência direta e efetiva, deixando por conta exclusiva daquele que de fato tem a responsabilidade institucional de manter e socializar estes direitos dos cidadãos, que é a própria entidade estatal.

Na atualidade, ainda é mantida a Caridade direta e efetiva, a doação voluntária e sem alarde. Não é divulgada a origem de onde

emana o recurso ou o bem ofertado, seguindo o princípio maçônico de que: “o que a mão direita faz não há necessidade de a esquerda saber”.

No que diz respeito à vocação desta centenária Instituição para a Educação, foi criado em 2013 o PELMC – Planejamento Estratégico da Loja Maçônica Cotinguiba, e, no PELMC, foi instituído entre outras Ações, O CONCURSO LITERÁRIO, LOJA MAÇÔNICA COTINGUIBA DE CONTO, CRÔNICA E POESIA. Este Concurso – o primeiro e único no Brasil – tem a pretensão de abranger todas as Escolas, públicas e particulares, do Estado de Sergipe e até de outras unidades da Federação.

A ideia está se revelando como uma das mais exitosas já realizadas nesta área, pois do Concurso é feita uma seleção de textos e publicado um livro: A ANTOLOGIA LITERÁRIA LOJA MAÇÔNICA COTINGUIBA DE CONTO, CRÔNICA E POESIA. Já foram publicadas três. Esta iniciativa é tão boa que está se revelando como um marco na história recente da literatura sergipana e brasileira por ser um certame:

GRATUITO, não há nenhuma espécie de pagamento;

INCLUSIVO, todos podem participar independente de sua situação financeira, religiosa, racial, cultural ou social, seguindo os princípios maçônicos de liberdade, igualdade e fraternidade;

REVELADOR, muitos jovens sergipanos de todas as paragens têm se revelado como excelentes POETAS, CONTISTAS E CRONISTAS.

No I Concurso, 2014, foram inscritos 300 textos de escolas de todo o Estado de Sergipe e 93 trabalhos foram selecionados para o livro; no II Concurso, 2015, se inscreveram 760 textos e 110 foram selecionados e, nos dois anos, houve dois monumentais e emocionantes lançamentos com os autores autografando o livro para seus amigos, pais e parentes, tudo isso acontecendo durante esplendorosas festas patrocinadas pela Fraternidade Feminina de nossa Loja Maçônica Cotinguiba para celebrar com a publicação dos textos selecionados no livro e premiar os primeiros, segundos e terceiros lugares das três categorias: Conto, Crônica e Poesia. Essas grandes festas aconteceram na sede da Loja Maçônica Cotinguiba, onde foi feita a comemoração, a confraternização e a premiação aos vencedores, além da entrega dos exemplares a todos os participantes.

No projeto ainda existe uma ação fantástica, que é a doação de 1000 exemplares destes livros a uma entidade de caridade para que ela mesma venda e reverta em seu benefício toda a renda.

O III e o IV concursos aconteceram em 2016 e 2017, concretizando, ainda com maior força, o que, afinal, tornou-se uma tradição literária do estado de Sergipe.

JOÃO LOPES FILHO (ACL)

Entre a Terra-Mãe e a Terra-Longe

Povo duplamente sofredor, porque sujeito a cíclicas crises devido às irregulares pluviométricas (com trágicas consequências) e pelo abandono a que, na sua condição de colonizado, foi votado durante séculos, o cabo-verdiano possui, contudo, uma fortíssima Identidade Cultural que foi revigorada após o acto libertador da sua Independência, por então desenvolver, em plenitude, as dimensões de uma complexa sociocultura, que desde os seus primórdios esteve ligada a migrações populacionais. Todavia, diz a tradição oral local

*“Corpo, qu’ê nêgo, sa ta bai;
Coraçom, qu’ê forro, sa ta fica...”*
(O corpo, que é escravo, vai;
O coração, que é livre, fica...)

Para além de expressar os sentimentos de uma sociedade que se formou a partir de uma base escravocrata, esta passagem de um “batuque” (música da ilha de Santiago) enquadra importantes aspectos do imaginário cabo-verdiano, que devido aos condicionalismos geográficos (insularidade) e económicos (ilhas de escassos recursos) viu-se obrigado a deixar a terra-mãe rumo à terra-longe.

Daí que numa verdadeira errância por destinos vários (consoante o impeliram circunstâncias diversas) presentemente se encontra espalhado pelos quatro cantos deste planeta, numa percentagem de emigrantes que atinge quase o dobro da população residente no arquipélago.

Porém, as múltiplas dificuldades que esses cabo-verdianos têm de enfrentar nos países de acolhimento, muitas vezes sem conseguirem alcançar o desejado êxito, levam a que uma emigração quase sempre sonhada como de curta duração, se transforme em diáspora (errância), embora o “coração crioulo” fique sempre preso à ilha natal (permanência), porque “obrigado” a partir, contudo, nunca esquece a sua terra.

Acontece que, face à sua elevada capacidade de adaptação, o cabo-verdiano (sociedade mestiça resultante da mistura de um vasto painel de etnias) tenha tendência para se adaptar às culturas dos países (desenvolvidos ou em vias de desenvolvimento) que o recebe, por vezes aculturando-se parcialmente, mas sem nunca perder a Identidade Cultural e o apego ao chão onde “deixou o umbigo enterrado”.

Por isso se constata a presença/registo desta circunstância na literatura cabo-verdiana, especialmente no género lírico. Convém, todavia, esclarecer que não cabe nestes apontamentos uma análise literária, nem tão pouco apelar à história da literatura cabo-verdiana. Pretendemos apenas apresentar breves anotações de alguns aspectos relacionados com condicionalismos históricos, geomorfológicos, socioculturais e vivências cabo-verdianas, partindo do pressuposto que o poeta consegue transmitir simbolicamente o sentir do seu povo.

Enquanto originário de um país-arquipélago, o cabo-verdiano estabelece um forte encadeamento do seu espaço físico com o mar. Esta ligação permanente conduz a um estado de alma provocado pela situação de insularidade, que amplia a solidão e a nostalgia que ele experimenta (representadas na “fininha melancolia” a que se refere Jorge Barbosa) quando pretende ultrapassar o isolamento islenho proporcionado pela extensa fronteira que é o Atlântico.

Neste sentido, pareceu-nos pertinente evocar um comentário de Jaime de Figueiredo ao livro “*Arquipélago*” (1935) de Jorge Barbosa:

Um ritmo vital próprio, perfeitamente nuançado, aflora hoje no complexo do sentir humano: a psique atlântica. O infinito azul que nos rodeia, a distância que nos envolve e beija, sublimaram de sonho a longa simbiose de sangues... E fluindo sempre para o diferenciado, rasga-nos a vida novo ciclo. Esse *processus*, consciencializando-se, determinará valores virgens, um inédito emocional, o nosso verdadeiro caminho para a integração viva na alma do mundo⁴.

⁴ Jaime de Figueiredo, in faixa que envolve a 1ª edição de *Arquipélago*, livro de poemas de Jorge Barbosa, 1935.

Assim, Cabo Verde é um espaço arquipelágico que actualmente se estende por muitas outras “ilhas” formadas pelas comunidades de cabo-verdianos na diáspora:

Para lá destas ondas que não param nunca,
atrás deste horizonte sempre igual,
no extremo deste sulco branco sobre o mar azul
(cinzento nos dias de ventania)⁵.

Razão pela qual o mar é um elemento omnipresente no imaginário ilhéu e surge espontaneamente na poesia cabo-verdiana⁶ como se se pretendesse exorcizar o isolamento a que estão submetidos os seus habitantes. Deste modo a sua imensidade exerce algum temor, mas igualmente fascínio, apelo e ansiedade no cabo-verdiano, porque constitui um elemento de ligação, fomentando os desejos tanto de partida como de regresso.

A sensação de que o mar o separa de um mundo mais além, acrescida do desejo/ necessidade de conhecer o que está por trás da linha do horizonte, produzem no cabo-verdiano sentimentos de angústia e de inquietação que “fabricam sonhos”, imaginando a possibilidade de conseguir uma vida melhor nessas outras terras distantes (terra-longismo), que aguçam a ânsia da aventura (apesar de ao mesmo tempo também algum receio de enfrentar o desconhecido) traduzido por Pedro Corsino de Azevedo nestes termos:

Aqui, perdido, distante
Das realidades que apenas sonhei,
Cansado pela febre do mais além⁷

⁵ Excerto de poemas “Écran”, de Manuel Lopes, in *Falucho Ancorado*, Org. de Alberto Carvalho, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

⁶ Recordem-se, a título de exemplo, “Poema do Mar” e “Prisão”, de Jorge Barbosa, ou “Écran” e “Mar-Alto” de Manuel Lopes, onde o mar é o horizonte infinito.

⁷ Excerto do poema “Terra-Longe”, de Pedro Corsino de Azevedo, in *Claridade*, Dir. e Org. de Manuel Ferreira, Lisboa, A.L.A.C., 1986.

De igual modo não se pode negligenciar o facto que constrangimentos geográficos (enquanto arquipélago, constituído por ilhas relativamente pequenas), condicionalismos climáticos (situa-se na região dos Sahel e tem longos períodos de seca) e a falta de postos de trabalho (devido ao fraco desenvolvimento), contribuem para marcar profundamente a maneira de ser, de sentir e de pensar do cabo-verdiano, que na luta pela sobrevivência vê na emigração a grande solução, pois, por muito que lhe sejam queridas, nas suas ilha só encontra:

Árvores
 de ramos arreganhados
 a pingarem suor e lágrimas
 Terra
 calcinada até à exaustão
 da angústia
 Almas
 sideradas até o cerne das raízes
 Árvores sem carne
 Terra de fogo
 Homens bloqueados
 (espantosamente bloqueados)

Irmãos
 no cataclismo periódico
 da falta de água
 Já sem forças
 para mandarem calar
 o mar⁸.

A pequenez da ilha, confrontada com a imensa vastidão do oceano, sedimenta e gera sonhos porque um espaço islenho (como é o

⁸ Poema "Seca", de Ovídio Martins, in *Gritarei, Berrarei, Matarei, Não vou para Pasárgada*, Rotterdam, Edições Caboverdianidade, s.d.

de Cabo Verde) condensa problemas de ordem natural e de índole social (a seca, o isolamento, a fome, a pobreza, a doença), que aumentam inexoravelmente a procura na terra-longe de uma possível melhoria das condições de vida.

A conjugação das diversas limitações que enformam a realidade insular, proporciona de certo modo uma dualidade espacial, que assenta nos binómios dentro/ fora e aberto/ fechado, originando contraditórios estados de espírito que conduzem ao conhecido dilema “querer partir e ter de ficar” ou então “querer ficar e ter de partir”, representando a luta permanente entre o desejo de emigrar e o apego à terra berço.

Atormentado principalmente pelas crises de chuvas, impeditivas da prática da agricultura (então o seu meio de subsistência fundamental), o cabo-verdiano “embarca” na aventura da emigração, passando esta a significar (mais do que a concretização de um sonho) uma forma de sobrevivência. Mas apesar de tudo (e em simultâneo) o cabo-verdiano prefere continuar sempre que possível no contexto socioeconómico a que está habituado, em vez de ter de enfrentar o desconhecido da terra-longe. Tanto mais que a velha tradição aconselha:

Ai, não montes tal cavalinho
Tal cavalinho vai terra longe,
Terra longe tem gente gentio,
Gente gentio come gente⁹.

Todavia, almejada ou necessária a viagem acaba por conceber um percurso que transcende a sua luta interior, na medida em que se é sonhada por um lado, acontece imposta por outro e neste caso, à primeira vista antitético, o real e o imaginário não só convivem como se confundem, ao interligarem-se na concretização, como escreveu Jorge Barbosa:

Quando eu puser os pés no vapor que me levará

⁹ Excerto do poema “Terra-Longe”, de Pedro Corsino de Azevedo, *in Claridade*, Dir. e Org. de Manuel Ferreira, Lisboa, A.L.A.C., 1986.

Quando deitar os olhos para traz
Em derradeiro choro de desprendimento,
Não chorem por mim.
(...)
Levarei as minhas lágrimas comigo
Mas ninguém as verá
Porque as deixei cair pelo caminho
Dentro do mar¹⁰.

Neste contexto, a vontade de ficar, absolutamente entregue a um sentimento afectivo/telúrico, estabelece-se numa espécie de força centrípeta, como uma herança que, quase geneticamente, passa de geração em geração, garantindo nessa fixação à terra o desejo de afirmação que toca a necessidade de preservação de uma Cultura, cujos traços mais significativos acompanham (como um amparo) o cabo-verdiano nessas andanças por terras estranhas, nas quais se sente uma espécie de exilado.

Por oposição, a vontade de partir, consignada numa força centrífuga, implica identicamente a determinação de projectar o arquipélago noutros espaços, acrescido do facto de também trazer, aquando do seu regresso (ansiado desde o momento da partida), prestígio pessoal e “melhorias de vida” não só para a sua família, como para a sua terra. Mesmo assim,

Se eu trazer esse ar de felicidade
que fica a arder na chama de charutos caros
que cintila em pedrarias da anéis vistosos
se denuncia em risadas ruidosas
e se garante na abundancia das cifras bancárias
então chorem por mim
tenham pena de mim!¹¹

¹⁰ Excerto do poema “Imigrante”, de Jorge Barbosa, *in Ambiente*, Praia, Minerva de Cabo Verde, 1941.

¹¹ Excerto do poema “Imigrante”, de Jorge Barbosa, *in Ambiente*, Praia, Minerva de Cabo Verde, 1941.

Isto porque não quer perder a sua identidade sociocultural... Destas duas situações, nasce um “querer bipartido” radicado na própria dinâmica em que entroncam a condição, a dimensão e a cultura do povo cabo-verdiano.

Saliente-se a propósito que, de uma maneira geral, podemos considerar a existência de dois tipos de emigração praticada pelos cabo-verdianos: a de longa duração e a de média/curta duração. Os casos de longa duração são característicos da emigração principalmente transcontinental (rumo às Américas), de onde o retorno é raramente observado e a emigração de média duração que faz geralmente em direcção à Europa, onde, dependendo sobretudo das condições oferecidas pelo país hospedeiro, o regresso à terra é mais plausível, para além da realização de visitas regulares aos familiares em Cabo Verde.

No caso da emigração transoceânica (mais especificamente para os EUA), as dificuldades do regresso a terra-mãe prendiam-se com a distância e o possível êxito, que dependia de factores tão díspares como problemas relacionadas com o desconhecimento da língua, a falta de formação e ainda a antiga barreira da cor.

No entanto, a sensação (transmitida pelo sonho e presente em determinadas criações poéticas) de que para lá do horizonte arquipelágico tudo é melhor, deixa um sabor amargo quando pelo contrário muitos verificam a existência de verdadeiras segregações, motivadas quase sempre pelos factores acima mencionados.

Panorama revelador que, afinal “Em Pasárgada [não] tem tudo, /Lá é outra civilização”¹²...

Contrariando o que certamente pretendia Osvaldo Alcântara (pseudónimo poético de Baltasar Lopes da Silva) que aflora o sucesso do escape em direcção a uma possível “terra prometida”, ao afirmar: “Pasárgada tem imigração aberta para todos dos homens...”¹³

Porém, quando o cabo-verdiano desembarcou na pretensa “Pasárgada Americana”, deparou de imediato com um povo e cultura

¹² Excerto do poema “Evangelho segundo o Rei de Pasárgada”, de Osvaldo Alcântara, in *Cântico da Manhã Futura*, Praia, Banco de Cabo Verde, 1986.

¹³ Excerto do poema “Evangelho segundo o Rei de Pasárgada”, de Osvaldo Alcântara, in *Cântico da Manhã Futura*, Praia, Banco de Cabo Verde, 1986.

diferentes, para além de como trabalhador sem qualquer qualificação, ter de fazer apenas os trabalhos que os autóctones não queriam.

Assim, perante a incapacidade de comunicação (fundamental para o bom entendimento entre as partes) aconteceu uma espécie de marginalização que levou o imigrante cabo-verdiano a “refugiar-se” nos bairros periféricos, onde desta maneira conseguiu preservar elementos significativos da sua cultura, que lhe servem como lenitivo para as muitas dificuldades que teve de enfrentar naquele país até se adaptar e criar uma “comunidade”.

Portanto, na maior parte dos casos foi dura a situação daqueles cabo-verdianos na sua primeira fase migrante, visto que outros problemas se lhes foram juntando, nomeadamente a insuficiente assistência social e más instalações, como se simbolicamente constatassem que “Terra longe tem gente gentio,/ gente gentio come gente”.¹⁴

Contudo, o retorno dos EUA por vezes era possível quando o emigrante atingia a reforma, altura em que por motivos vários pouco ou quase nada consegue concretizar daquilo que sonhara antes de partir. Por tudo isso, surge a anti-evasão, como acautela Ovídio Martins:

Pedirei
Suplicarei
Chorarei
Não vou para Pasárgada¹⁵

Todavia, na segunda metade do Século XIX, uma outra “terra prometida” revelou-se-lhe mais promissora que a anterior, dado que a emigração de cabo-verdianos rumo à Europa, com destaque para a Holanda, Bélgica, Alemanha e Itália, foi relativamente bem-sucedida.

Aqueles países, em reconstrução pós a Segunda Guerra Mundial, acolheram uma forte corrente migratória de cabo-verdianos

¹⁴ Excerto do poema “Terra-Longe”, de Pedro Corsino de Azevedo, in *Claridade*, Dir. e Org. de Manuel Ferreira, Lisboa, A.L.A.C., 1986.

¹⁵ Excerto do poema de “Anti-Evasão”, de Ovídio Martins, in *Gritarei, Berrarei, Matarei, Não vou para Pasárgada*, Rotterdam, Edições Caboverdianidade, s.d.

que poderemos considerar de curta/média duração. Uma vez que lhes foram proporcionados acessos a estruturas socioeconómicas capazes de lhes fornecer garantias salariais condignas e regalias sociais que potenciaram a integração dos imigrantes, além de facultarem o reagrupamento familiar, potenciando uma acumulação mínima de poupanças que permitem visitas regulares à terra durante os períodos de férias ou uma reforma que possibilita o atempado retorno definitivo.

De qualquer modo, tanto na ilha natal como nos países de acolhimento, o cabo-verdiano sofre um “viver dividido” na tentativa de conseguir conciliar o desejo de emigrar com a ânsia de regressar à sua terra, explicitado na canção:

Si bem é doce
Bai é magoado
Má si câ bado
câ tâ birado¹⁶.
(Se é agradável a chegada
A partida é terrível,
Mas se eu não for
Não posso regressar)

Portanto, o ilhéu cabo-verdiano enfrentava um dilema provocado por contextos tão distintos como a pobreza, o desejo de aventura, a necessidade de mudança, o anseio por uma vida melhor, o amor a terra-mãe e o apelo da terra-longe, corroborados por Manuel Lopes, ao afirmar:

E porque teu coração encerra
A saudade do mar e a saudade da terra
- tua ilha é grande ...¹⁷

¹⁶ Morna “Hora di Bai”, in Mornas e Coladeiras de Cabo Verde, East Providence, Capeverdean – American Federation, 1973.

¹⁷ Excerto de poema “Mar-Alto”, de Manuel Lopes, in *Falucho Ancorado*, Org.de Alberto Carvalho, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

JORGE HENRIQUE (AGL)

Um condor solitário

*No pó que habito não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;
Pobres ervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará também.*
(Pressentimento, Tobias Barreto, 1868.)

Tobias Barreto foi um poeta sergipano que não recebeu, necessariamente, o reconhecimento merecido. Menosprezada pela crítica, sua obra poética não foi estudada a contento, talvez por isso não se tenha evidenciado seu valor estético. É necessário, pois, que se revejam posições críticas a seu respeito.

Tobias Barreto de Menezes (1839-1889) nasceu mestiço e pobre na Vila de Campos, província de Sergipe, e faleceu no Recife, Pernambuco. Bacharel em direito pela Faculdade do Recife, foi jornalista, advogado e deputado provincial. Destacou-se como filósofo brasileiro atuando contra o conformismo retórico. Questionou a concepção de física social do positivismo, relacionou o conceito de cultura à constituição de normas para a compreensão do social e do humano. Entendia a metafísica como teoria do conhecimento, divergindo profundamente do positivismo. Admitia a liberdade humana como realidade não empírica. Defendeu o liberalismo na política, a emancipação feminina e a libertação dos escravos. Foi uma figura central na Escola do Recife, disseminando o pensamento filosófico alemão no Brasil que, naquela época, sofria forte influência da cultura francesa. Com certeza, foi um dos mais importantes pensadores brasileiros no século XIX. Publicou *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* (1875), *Estudos alemães* (1883), *Menores e Loucos* (1884), *Discursos* (1887) e *Questões vigentes de filosofia e direito* (1888). O restante de sua obra, dispersa em jornais, foi reunida em três edições de *Obras completas*, em 1925, 1963 e 1989.

Dias e Noites (1881) foi seu único livro de poemas. As três primeiras edições, organizadas por Sílvio Romero, vieram a público, por

editoras do Rio de Janeiro, respectivamente em 1881, 1893 e 1903. Preparada por Oliveira Teles, em 1925, sai a quarta edição. Em 1951 é editada no Rio de Janeiro por Simões dos Reis a quinta edição e em 1978, pelo Governo do Estado de Sergipe, a sexta. Esta de que dispomos é a sétima, revista e aumentada, cuja organização ficou a cargo de Paulo Mercadante e Antonio Pain, e que teve direção geral de Luiz Antônio Barreto, com introdução e notas de Jackson da Silva Lima, publicada pela Editora Record com 378 páginas em 1989, em edição comemorativa por ocasião do centenário da República.

Segundo consta na sétima edição¹⁸, tentou-se preservar a estrutura primitiva da obra (edição de 1881), haja vista que o crítico Sílvio Romero, na 2ª edição (1893) e na 3ª edição (1903), introduzira várias modificações, tanto ao ordenamento dos setenta e três poemas – que ele mesmo fizera por ocasião da edição de 1881 – quanto à estrutura sintática e semântica de alguns textos, à guisa de corrigir-lhes os eventuais erros.

Há de se ressaltar que a estrutura dada por TB a determinadas frases era reflexo de posturas bastante refletidas. Realce-se a utilização do pronome enclítico em detrimento do proclítico, mesmo quando se antepunham palavras atrativas da próclise: “o peito que contrai-se de amargura”¹⁹; a utilização da partícula apassivadora na condição de pronome-sujeito: “Há menos perigo em **ser-se** déspota num país livre, etc., etc.”²⁰; o emprego do infinitivo impessoal com sujeito pluralizado: “Via-as despir-se no rio”²¹.

Há outros empregos gramaticais, digamos, fora dos parâmetros convencionais da gramática, como as variações que sofre o por que interrogativo, ora escrito numa só palavra, ora separado: “Senhor! porque não deixais?”²².

¹⁸ Metodologia adotada na presente edição, pp. 27-29.

¹⁹ In “Deusa Ignota” – 1881.

²⁰ “Os Teólogos da Civilização”, in Josué Montello, “A polêmica de Tobias Barreto com os padres do Maranhão”, RJ, Livraria José Olympio Editora, 1978, p. 25

²¹ In “Cena Sergipana” – 1881.

²² In “Dia de Finados no Cemitério” – 1881.

Não se pode, entretanto, inadvertidamente, tachar de “desleixos” ou “equivocos” tais empregos e construções, haja vista a formação do autor. Consistia, sim, na mais pura convicção, como se observa no trecho do artigo *Os Teólogos da Civilização*:

Ora favas... o emprego do – se – na língua portuguesa ainda continua questão aberta. Vende-se frutas, vendem-se frutas, colhe-se flores, colhem-se flores, etc., etc., são modos de dizer, ainda que lutem entre si; e nada existe assentado. As línguas não têm um código, mas uma história. Entende, Joaquim? A expressão – para se cometer crimes é do nosso código criminal. Se é errada, eu subscrevo o erro²³.

Convicção. Do que decorre ter sido infeliz o crítico Sívio Romero nas modificações impostas à segunda e à terceira edições. Equívoco que se tenta não repetir na sétima.

Conforme dito acima, tentando-se preservar a estrutura primitiva da obra, os textos foram dispostos em ordem cronológica em cinco partes: Parte I – Gerais e Naturalistas; Parte II – Patrióticas; Parte III – Estéticas; Parte IV – Amorasas; Parte V – Satíricas. Sendo que a Parte I (Gerais e Naturalistas) foi subdividida em Elegíacas, Filosóficas, campestres e diversas.

O que se observa nos estudos que se fizeram até o momento sobre TB é que grande parcela dos críticos o reconhecem como um grande pensador, filósofo e revolucionário das ideias, mas como poeta medíocre. De fato, foi um pensador notável. Considere-se que a maior parte de sua produção tenha tido cunho filosófico: conta-se apenas um livro de poemas. Entretanto, ao contrário de outros autores de “livro único”, como o paraibano Augusto dos Anjos, que cintilam com seu nome na história literária brasileira, TB é colocado em segundo plano. Sua obra, quando mencionada por alguns críticos ilustres, ocupa pouquíssimas linhas em que se delineiam comentários não muito

²³ Op. Cit., p. 25.

amistosos. José Veríssimo²⁴ chega mesmo a afirmar que sua educação roceira e rudimentar fazia sobressair-lhe nos textos mais o aspecto rústico que o letrado de sua personalidade, o que justificaria sua predileção pela vulgaridade, que, não raro, chegava ao chulismo da expressão. Afrânio Coutinho²⁵ afirma que sua produção lírica descaí para o mau gosto e para a banalidade, que *Dias e Noites* nada valem e que ninguém se lembraria de TB, não fossem as apologias de seu amigo Sílvio Romero, insinuando ainda que alguns de seus textos eram plágios de poemas de Casimiro de Abreu. E ainda, quase sempre se coteja sua produção à do poeta baiano Castro Alves, colocando em evidência esta em detrimento daquela.

Não se pretende nesta reflexão, por bairrismo, supervalorizar a obra de TB, encontrando-lhe, forçosamente, traços de genialidade turvados pelo visível preconceito a ele dirigido por parte da crítica. Tampouco colocá-lo nos píncaros da glória como fazem, o mais das vezes, com o seu contemporâneo baiano. Busca-se, sobretudo, uma reflexão equilibrada sobre o real valor literário que pode ser atribuído a vários poemas seus e, de certa forma, pretende-se, mesmo que de maneira incipiente, dissipar a densa nuvem de segregação que se instaurou sobre sua obra poética, obscurecendo-lhe a importância no cenário literário brasileiro.

Talvez o primeiro contato com a poética de TB não pareça despertar no leitor a sensação de grandiosidade e altivez que se nota em alguns poemas de Castro Alves. Entretanto, “genialidade” não é algo que se possa requerer de nenhum artista, tampouco constância. Os grandes nomes de nossa Literatura não produziram somente obras-primas. Uma análise criteriosa, tendenciosa ou não, de qualquer grande obra quase sempre termina por encontrar-lhe o que se poderia chamar, levemente, de falhas. Houve até os que, pretensiosamente, encontraram-nas em *Os Lusíadas!* Faz-se mister, portanto,

²⁴ In “História Da Literatura Brasileira”, José Veríssimo, Ministério da Cultura – Fundação Nacional do Livro - Biblioteca Virtual Nacional, p. 168.

²⁵ In “A Literatura no Brasil”, Vol. 3, Parte II/Estilos de Época – Era Romântica – 4ª Edição, revista e atualizada, Global Editora – SP, 1997, p. 206.

concordarmos que há nessas obras textos a que se possa atribuir maior valor literário e a outros menor, alguns até desprovidos deste.

O que se percebe, nitidamente, em determinados críticos é certa predisposição a depreciar os poemas de TB aliada a uma tendência de supervalorizar poemas de outros autores seus contemporâneos.

O poema “Ano Bom”²⁶, por exemplo, é uma amostra de pobreza poética, ausência de lirismo e, talvez, até chulismo de expressão. Parece não ter havido outra preocupação formal, senão a de rimar o final dos versos. O poema é distribuído em doze estrofes de quatro versos à maneira das quadras populares, com rimas somente no 2º e 4º versos de cada estrofe, mantendo-se o 1º e 3º versos ímpares. Estranhamente ao que estava em voga na época (a preferência por versos livres e brancos), o texto é decassílabo. Em seus versos, repletos de um prosaísmo extremo, há quase ausência de imagens:

Chega a viola, o único pecúlio
De um dos muitos escravos da fazenda:
Mas falta arame; manda-se um moleque
Buscar depressa um carretel na venda.

Volta o emissário; a coisa está completa;
E o sertanejo afina o instrumento. (...)

Além de sua linguagem beirar o mau gosto de forma até grotesca:

Nem sequer sabe dar uma embigada!...

Salve-se no texto a temática que, segundo o título e a data de sua criação, sugere uma festa de *Reveillon* aristocrática (que pode ser percebida pela presença do piano – instrumento incomum nas camadas sociais mais modestas), cuja harmonia é interrompida pela presença inusitada de um sertanejo rudemente caracterizado que pede uma viola – instrumento representativo da camada popular – para

²⁶ Tobias Barreto, 1º de janeiro de 1882.

demonstrar sua cultura. A oposição entre o aristocrático e o popular, que deixa transparecer o preconceito e a discriminação entre os dois extremos da sociedade, consiste numa abordagem mais equilibrada e reflexiva das questões sociais, sem apelos a idealizações, característica notória da poesia mais madura da fase condoreira do nosso Romantismo.

O que não se pode, entretanto, é afirmar que os poemas de TB são chulos ou grosseiros tomando-se por parâmetro um único poema, ou alguns menos burilados. Castro Alves produziu também, senão grosserias, ao menos poesias sem poeticidade, prosaicas ou simplesmente descritivas.

TB, a exemplo de qualquer outro poeta, produziu também textos medíocres. Contudo, em sua antologia podemos destacar composições dignas de figurar em qualquer compêndio de Literatura brasileira ao lado de outros grandes nomes. Veja-se, por exemplo, “Eu Amo o Gênio”²⁷. Um lirismo ímpar e envolvente é trabalhado em cinco quartetos decassílabos, também à maneira de quadras populares, com rimas apenas no 2º e 4º versos de cada estrofe, trazendo o 1º e o 3º versos ímpares, traço marcante na produção de TB. A musicalidade presente no texto, que justifica o subtítulo Modinha, deixa evidente não somente seu estro lírico, como também sua habilidade em adequar os aspectos formais aos aspectos temáticos, utilizando estruturas funcionais, o que comprova seu domínio sobre as técnicas de produção do artefato poético em voga na época. Não parece haver chulismo de expressão, tampouco mau gosto ou banalidade nos fragmentos que se seguem:

(...)

Há sempre um gozo no correr das lágrimas,
Há sempre um riso no murchar da flor...

Quando sublime de sofrer, um ‘alma
Rompe dos prantos o sombrio véu.
São glórias tuas, virginais desmaios,

²⁷ Tobias Barreto, Itabaiana, 1859.

Quedas de rosas nos jardins do céu.

Percebe-se na elaboração do poema a habilidade com que TB trabalha as oposições luz/trevas, Deus/sofrimento. Refletindo sobre o efeito catártico deste, sobre o júbilo divino pela redenção das almas. Aqui ainda temos um Tobias menos céptico, menos contestador, que contava apenas vinte anos. Mesmo assim, é notória sua desenvoltura e sua erudição. Procedimento reflexivo ausente, por exemplo, em boa parte da produção do poeta Casimiro de Abreu, quando aborda temas semelhantes, repleta de superficialismos, clichês e apelos sentimentais lúdicos desprovidos de uma abordagem mais profunda:

Que pode haver maior do que o oceano,
Ou que seja mais forte do que o vento?! –

Minha mãe a sorrir olhou pr'os céus
E respondeu: - “Um ser que nós não vemos
“É maior do que o mar que nós tememos,
“mais forte que o tufão! Meu filho, é – Deus!²⁸

Isto parece contrariar a afirmação de Afrânio Coutinho de plágio, haja vista a erudição, a superioridade formal, o tom grandiloquente e inquiridor e a lucidez do sergipano.

Há em TB uma sensibilidade poética capaz de construções líricas que conseguem renovar a sensação do inusitado já adormecida em metáforas e temas gastos como é o caso de “O Beija-flor”²⁹, veja-se:

E a fresca rosa orvalhada,
que contrasta descorada
do seu rosto a nívea tez,
beijando as mãozinhas suas,
parece que diz: nós duas!...

²⁸ In “Deus!”, dezembro de 1858, Casimiro de Abreu – Nossos Clássicos/Poesia, 1958; Livraria Agir Editora, RJ, p. 45.

²⁹ Tobias Barreto, 1860.

e a brisa emenda: nós três!...

Mas talvez sua maior força resida em sua veia filosófica. Sua grande erudição permite-lhe abordar de forma estética notável temas viscerais da condição humana, a exemplo de “Escravidão”³⁰. O texto é composto de duas oitavas com esquema rímico fixo (ABBCDEEC) em redondilha maior, ou seja, há um retorno à estrutura medieval, característico do estilo romântico. Sua temática, contudo, além de questionar a estrutura escravista do regime monárquico em vigência, opondo-lhe a República e a Abolição, procede a uma reflexão filosófica profunda acerca da Divindade dogmática como instituição mantenedora das desigualdades sociais e conivente com a exploração do homem pelo homem:

Se é Deus quem deixa o mundo
Sob o peso que o oprime,
Se ele consente esse crime,
Que se chama escravidão,
Para fazer homens livres,
Para arrancá-los do abismo,
Existe um patriotismo
Maior que a religião.

Encontra-se um eu-lírico céptico e questionador de todos os dogmas religiosos que não se furta a apontar as falhas Divinas:

(...)
Nesta hora a mocidade
Corrige o erro de Deus.

Postura que se mostra muito mais eloquente e incisiva em “Ignorabimus”³¹ (convém transcrever o soneto completo):

³⁰ Tobias Barreto, 1868.

³¹ Tobias Barreto, 1880.

Quanta ilusão!... O céu mostra-se esquivo
E surdo ao brado do universo inteiro...
De dúvidas cruéis prisioneiro,
Tomba por terra o pensamento altivo.

Dizem que o Cristo, o filho do Deus vivo,
A quem chamam também Deus verdadeiro,
Veio o mundo remir do cativoiro,
E eu vejo o mundo ainda tão cativo!

Se os reis são sempre os reis, se o povo ignavo
Não deixou de provar o duro freio
Da tirania, e da miséria o travo,

Se é sempre o mesmo engodo e falso enleio,
Se o homem chora e continua escravo,
De que foi que Jesus salvar-nos veio?...

Encontramos sua forma mais sublime em “O Gênio da Humanidade”³². Composição distribuída em sete estrofes de dez versos, com esquema rímico (ABABCCDEED), em redondilha maior. Mais uma vez consegue harmonizar os aspectos formais aos temáticos numa composição de grande densidade poética. Sua musicalidade acentuada se distribui num ritmo que, ao longo do poema, parece que se vai tornando mais intenso, assumindo na segunda metade uma conotação quase dramática que produz no leitor uma espécie de efeito catártico. TB mergulha profundamente em movimentos reflexivos que demonstram sua erudição filtrada, é claro, por sua sensibilidade e sua habilidade artística, que permitem que consiga aproximar questões fundamentais para a humanidade à plasticidade estética da poesia:

Sou eu quem assiste as lutas
Que dentro d’alma se dão,
Quem sonda todas as grutas

³² Tobias Barreto, 1866.

Profundas do coração:
 Quis ver dos céus o segredo;
 Rebelde, sobre um rochedo
 Cravado, fui Prometeu;
 Tive sede do infinito,
 Gênio, feliz ou maldito,
 A humanidade sou eu.

Não há, entanto, uma unicidade de pensamento poético ao longo da obra, o que denota que não houve uma pretensão de fazer uma poética definida. Daí encontrarmos posturas contraditórias em relação a determinados temas. Contudo, isso não lhe diminui o valor, apenas revela que seus poemas foram compostos isoladamente e só depois coligidos para a publicação. No poema “Pressentimento”³³, por exemplo, não mais encontramos um eu-lírico céptico, que afronta a Divindade exigindo-lhe, ao menos, resignação³⁴, mas alguém cansado, de quem a fé vai-se desvanecendo no decurso da jornada:

Sofrendo, aos poucos minha fé se apaga

Ao longo de quatro estrofes de oito versos, o “eu” se deixa esvaír em notas de pessimismo e lamentações, bem à moda dos poetas da segunda geração, na tentativa de evadir-se para a morte. Caracteriza sua existência como um martírio que o oprime e que se lhe opõe aos ideais:

Meu Deus!... não mais este laurel de espinho,
 Não mais a dor, que o coração devasta;
 Minha alma é farta de martírios... basta!

Tudo conspira para o meu tormento;

³³ Tobias Barreto, 1868.

³⁴ Essa lágrima invisível/ que verteis límpida e calma,/ Tem nome caindo n’alma, / Se chama: - resignação! (Dia de Finados no Cemitério – TB, 1863).

Estranha nuvem denegriu-me a sorte,

A exemplo do que diz Vicente de Carvalho: (A felicidade) “Existe, sim: mas nós não a alcançamos/Porque está sempre apenas onde a pomos/ E nunca a pomos onde nós estamos”³⁵, o “eu”, atormentado pelas limitações que lhe são impostas pela existência, localiza sua realização num outro plano, que não seja a realidade que se lhe apresenta, e suplica a Deus que o deixe partir:

Deixai esta ave procurar seu ninho.

Entretanto, fica explícito no poema o sentimento da injustiça sofrida pelo “eu”. Ser de quem a vida privou da sorte, de quem foram usurpadas oportunidades ou possibilidades de realização. Note-se a oposição que é feita nos 5º e 6º versos da primeira e da quarta estrofes:

No meu sepulcro não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;

No pó que habito não terei as rosas,
As doces preces que os felizes têm;

E numa espécie de refrão de vaticínio que é repetido ao final de cada estrofe:

Pobres ervinhas brotarão viçosas,
E o esquecimento brotará também.

É como se o “eu” já vivesse esquecido em vida e o pressentisse em morte. É como se sempre fosse colocado em segundo plano, sempre preterido em favorecimento de outrem. Contudo, vaticina: “Pobres ervinhas brotarão viçosas”, como quem diz: minha semente foi

³⁵ Citação feita por Marilena Chaui em “Convite à Filosofia”; editora Ática S.A., SP, 1996; p.357.

lançada e, embora timidamente, germinará! Curva-se, contudo, diante de algo mais contundente: "...o esquecimento brotará também". Algo que, possivelmente, sufocará suas ervinhas.

É, no mínimo, estranho que tais procedimentos poéticos tenham passado despercebidos aos olhos da crítica.

Se sua popularidade não alcançou o nível nacional como a de seu contemporâneo baiano, talvez seja pelo fato de Castro Alves ter partido do Recife para o eixo Rio-São Paulo aos vinte e um anos de idade (em pleno auge de sua produção) com recomendações do ilustre José de Alencar. Enquanto TB permaneceu restrito ao cenário pernambucano.

Se não se pode encontrar em TB – como já foi dito – traços de genialidade, ao menos se deve reconhecer que seu estro poético não está aquém do dos poetas de sua época. Repito: genialidade não é algo que se possa exigir de artista algum.

Se seu nome não é divulgado ou reconhecido como deveria e merecia, atribua-se à hegemonia que é imposta pelos parâmetros sulistas em relação à produção cultural nacional e à tendência, não sem pretensões, de se lhe depreciar a obra em favor de obras de autores outros.

Urge, ao menos, que se reconheça sua importância no cenário literário nacional, se não como gênio, ao menos como o precursor do condoreirismo que fez de Castro o reconhecido gênio; como precursor de novas ideias mais realistas.

Busque-se mostrar sua boa produção. Que seja apresentada ao público de nossos dias e que o veredicto popular se faça valer. Que se revejam posições críticas. Que se debrucem sobre seus textos novos críticos menos tendenciosos.

Que se lhe faça justiça.

Referências

ABREU, Casimiro de. Deus!. In: *Nossos Clássicos/Poesia*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.

- BARRETO, Tobias. *Crítica de Literatura e Arte*. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: Editora Record, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Cultura, 1990.
- BARRETO, Tobias. *Dias e Noites*. Edição Comemorativa. Rio de Janeiro: Editora Record, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Cultura, RJ, 1989.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1996.
- COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. Vol. 3, Parte II/Estilos de Época. Era Romântica. 4ª Edição, revista e atualizada. São Paulo: Global Editora, 1997.
- Houaiss, Koogan. "Enciclopédia e Dicionário Digital", Versão 1.0, 1998.
- MONTELLO, Josué. *Os Teólogos da Civilização - A polêmica de Tobias Barreto com os padres do Maranhão*. RJ: Livraria José Olympio Editora, 1978.
- VERÍSSIMO, José. *História Da Literatura Brasileira*, Ministério da Cultura, Fundação Nacional do Livro, Biblioteca Virtual Nacional, 2000.

JORGE TOLENTINO (ACL)

Na apresentação de “Pré-Claridosos”³⁶

1. Começo por renovar a minha vénia de profundo respeito à memória do Senhor Dr. Arnaldo França. Porque pujante, persiste o exemplo do seu trabalho e do empenho com que, Cidadão a tempo inteiro, sempre se dedicou ao desenvolvimento destas ilhas, mormente nas aras da Cultura. Tive a sorte de o conhecer muito cedo e não me esqueço da generosidade com que, nos inícios de oitenta, me convidou a publicar na prestigiada revista RAÍZES por ele dirigida.

2. Teve por bem a Direcção da **Academia Cabo-Verdiana de Letras**, através da sua Presidente, Dra. Vera Duarte, atribuir-me a responsabilidade de apresentar esta importante obra que hoje é trazida ao público leitor. Por conseguinte, é de tal tarefa que vou tentar desincumbir-me.

3. Ainda nos anos noventa, mais concretamente em 1998, a então muito dinâmica e prestigiada **Associação dos Escritores Cabo-Verdianos** (AEC) propôs-se levar avante um ambicioso projecto, qual era o de organizar e publicar a **Antologia da Ficção Cabo-Verdiana**, cobrindo todo o período de existência da literatura ficcional em Cabo Verde. Tal projecto seria concretizado em três volumes respectivamente dedicados, o primeiro, aos **Pré-Claridosos**, o segundo aos **Claridosos** e o último abrangendo os chamados **Pós-Claridosos**. Do primeiro volume encarregou-se o Senhor Doutor Arnaldo França. Da organização e apresentação do segundo tomo assumiram encargo Dulce Almada Duarte e Jorge Miranda Alfama, cabendo a Tomé Varela da Silva a organização e apresentação do terceiro volume. As responsabilidades pelas tarefas de edição foram assumidas pela **AEC Editora**, sendo o patrocínio assegurado pelo **Fundo Autónomo para Iniciativas Culturais** à época existente. Jorge Miranda Alfama, então Director da AEC Editora, assina a “Apresentação” da Antologia. A edição dessa obra em três volumes traduziu-se numa empreitada

³⁶ Texto da intervenção proferida, enquanto Apresentador, na cerimónia pública de lançamento do volume “Pré-Claridosos”, na cidade da Praia, a 28 de Setembro de 2017.

cultural bem-sucedida e do maior valimento. A todos quantos nela se envolveram somos profundamente reconhecidos e devedores.

4. Neste ponto, impõe-se fazer uma brevíssima observação e que é a seguinte: nessa altura, definido e assumido o projecto de edição da antologia, não foi questionada a forma de analisar a literatura cabo-verdiana que, seguindo a Manuel Ferreira, tem na revista **Claridade** o seu facto-momento referencial, fundacional, dir-se-ia, apontando um *antes* e um *depois*. Com efeito, é essa “arrumação” que se teve em conta na organização da antologia. E é o próprio Arnaldo França quem, a abrir o seu texto de apresentação deste volume “Pré-Claridosos”, nos indica que foi acolhida “uma consensual, ainda que cómoda, periodização da história literária cabo-verdiana em que o movimento claridoso avulta, mais do que um separador de águas, como o ápice dessa literatura”³⁷. Aliás, não creio que, naquele tempo, fosse exequível seguir outro caminho. Não havia o estendal de pesquisa e suporte crítico que hoje existe. É verdade que é de 1995 a proposta de diferente abordagem ou periodização formulada por Pires Laranjeira³⁸. Mas, quem conhecia tal proposta? Que audiência ou ecos provocou aqui entre nós? Preocupado com esta temática tem estado Brito-Semedo. Primeiro, através do seu estudo “*A Literatura Cabo-Verdiana: hipóteses de periodização e apêndices bibliográficos*”, publicado no excelente volume especial que, em 2003, o Centro para Estudos Portugueses e Cultura da Universidade de Massachusetts Dartmouth dedicou a Cabo Verde³⁹; e, em seguida, já em 2006, na sua *opera magna* “*A Construção da Identidade Nacional – Análise da*

³⁷ Arnaldo França, Prefácio a “Pré-Claridosos”, volume I da “Antologia da Ficção Cabo-Verdiana”, 2ª edição, ACL-Editora, Praia, 2017. São, aliás, desse prefácio todas as palavras do Dr. França citadas no texto.

³⁸ José Luís Pires Laranjeira, “Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa”, Lisboa, 1995.

³⁹ Manuel Brito-Semedo, “A Literatura Cabo-Verdiana: hipóteses de periodização e apêndices bibliográficos”, in Cape Verde – Language, Literature & Music, volume 8 da revista Portuguese Literary & Cultural Studies, Center for Portuguese Studies and Culture, Universidade de Massachusetts Dartmouth, 2003, 413ss.

*Imprensa entre 1877 e 1975*⁴⁰. Muito mais recente é a proposta avançada por Fátima Fernandes, no seu livro *“Percurso Identitários e Estéticos na Literatura Cabo-Verdiana”*, de 2016⁴¹. Tal proposta constitui um grande passo em frente, se bem ajuízo.

Isto dito, importa referir que, nesse tempo que hoje parece longínquo (refiro-me ao tempo em que a AEC decidiu organizar a antologia), os constrangimentos já eram sentidos. Havia, antes de mais, o desejo de conhecer as obras dos ditos Precursores. Como havia também a necessidade real de saber ou procurar definir o que era, por exemplo, “pós-claridoso”. Veja-se, por todos, o contributo que, na “Apresentação” do tomo terceiro da antologia, Tomé Varela dá no sentido de fixar acepções possíveis para a “expressão pós-claridoso”, justamente porque não estava “indiscutivelmente estabelecido o conteúdo semântico” de tal expressão⁴².

5. Ora bem. O tomo dedicado aos *Pré-Claridosos*, enquanto objecto de leitura, foi algo rarefacto. Muito poucos o viram Porquê?

Neste momento, isso é o que menos importa desvendar. Tenho por mais relevante saudar o facto de essa obra ser agora disponibilizada a um público mais vasto, superando assim uma lacuna que há muito persistia. Por tal facto estão de parabéns a Academia Cabo-Verdiana de Letras e o Banco Comercial do Atlântico por terem sabido dar-se as mãos sob o signo do projecto “Reedição de Livros de Autores Cabo-Verdianos Consagrados”. Uma palavra de reconhecimento é devida aos Académicos Fátima Bettencourt e Danny Spínola que assumiram, respectivamente, as tarefas da revisão e da edição da obra, tarefas que reclamam grande empenho e disponibilidade.

⁴⁰ Manuel Brito-Semedo, *“A Construção da Identidade Nacional – Análise da Imprensa entre 1877 e 1975”*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Praia, 2006.

⁴¹ Maria de Fátima Fernandes, *“Percurso Identitários e Estéticos na Literatura Cabo-Verdiana Contemporânea – João Varela, Corsino Fortes e José Luís Tavares”*, Livraria Pedro Cardoso, Praia, 2016.

⁴² Tomé Varela da Silva, Apresentação de *“Pós-Claridosos”*, volume III da *“Antologia da Ficção Cabo-Verdiana”*, AEC-Editora, Praia, 2002.

6. Em todo o mundo as antologias têm tido, sempre tiveram, um papel importante na formação de leitores, proporcionando-lhes um contacto, na verdade um conhecimento mais organizado, tanto quanto possível panorâmico de determinados territórios de criação, sobretudo a criação poética e a ficcional. São obras com uma vocação “de apresentação”, “obras introdutórias”.

São, aliás, instrumentos didácticos preciosos. Alguns são mesmo organizados com esse claro propósito.

Naturalmente que uma antologia, qualquer antologia, obedece a critérios que são, já se vê, os do autor ou autores da mesma. Pode-se questionar um que outro desses critérios, mas não se pode revogá-los. Casos há em que o critério é apenas um. Por exemplo, quando Ernesto Sabato se decide a reunir os “cuentos que me apasionaron”, ele está na verdade a fazer-nos a sua antologia do conto universal, desta forma ajudando-nos a chegar a esse filão da literatura. Os contos que o marcaram, o apaixonaram. Poderemos questionar esse critério? Questionaremos a legitimidade e a autoridade dele para fazer uma tal colectânea? Aliás, já Jorge Luis Borges, no prólogo à “Biblioteca Pessoal”, foi peremptório: “Que outros se gabem dos livros que lhes foi dado escrever; eu gabo-me daqueles que me foi dado ler”.

7. No que se refere a Cabo Verde, importa referi-lo, a experiência de organizar antologias é recente. Sendo recente, poderia, no entanto, ser frequente, mas não o é. Clarificando: tenho em vista as antologias específicas a Cabo Verde. De 1960 até agora, são poucos os casos, feitas as contas. Esse foi, como se sabe, o ano da publicação da **Antologia da Ficção Cabo-Verdiana Contemporânea**, obra pioneira cujos textos foram seleccionados por Baltasar Lopes, sendo a *introdução* e os *comentários* da responsabilidade, respectivamente, de Manuel Ferreira e de António Aurélio Gonçalves. De 1961 é a antologia **Modernos Poetas Cabo-Verdianos**, organizada e prefaciada por Jaime Figueiredo. Já pouco depois da Independência, publica-se **Jogos Florais 12 de Setembro 1976 (Antologia de poesia cabo-verdiana)**, com introdução do saudoso Ovídio Martins. Trata-se, a todos os títulos, de um volume histórico. Em 1982 aparece **Contravento – Antologia bilingue de Poesia Cabo-verdiana**, com selecção, tradução e apresentação de Luís Romano. Mais tarde, em 1998, surge **Mirabilis**,

de veias ao sol – Antologia dos Novíssimos Poetas Cabo-Verdianos, com recolha, organização, selecção e apresentação de José Luís Hopffer Almada. No ano seguinte, 1999, dá-se à estampa **Isole de Poesia**, uma antologia de poetas cabo-verdianos com organização, tradução para o italiano e introdução de Roberto Francavilla e Maria R. Turano. Já de 2006 e 2008 são, respectivamente, duas antologias organizadas por Francisco Fontes: **Tchuba na Desert – Antologia do conto inédito cabo-verdiano** e **Destino de bai – Antologia de poesis inédita cabo-verdiana**. Em 2010 publica-se **Poets of Cape Verde / Poetas de Cabo Verde – Uma Selecção Bilingue**, com selecção, tradução e notas de Frederick G. Williams. O caso mais recente é o da obra **Cabo Verde - Prosa Literária Pós-Independência**, a qual, organizada por Simone Caputo Gomes, Érica Antunes Pereira e Fátima Bettencourt, foi editada no passado mês de Abril. Não estou a ser exaustivo, conquanto não esteja muito longe disso: ficam por referir alguns poucos casos.

8. Prossigamos. Muito concretamente no que diz respeito ao volume hoje em destaque, não é de somenos repetir, para sublinhar, que o mesmo é organizado e apresentado por **Arnaldo França**, um dos Imortais da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Nome sólido e sonante da Cultura cabo-verdiana, ele representa, por si só, uma garantia de qualidade e prestígio. A sua escrita é rigorosa, tão incisiva quanto contida, enxuta mesma, feita de cortes rápidos, de precisão. Nada é fortuito. Nada sobeja. Digo isto neste preciso momento para destacar o valor do magnífico texto por ele escrito em jeito de apresentação desta obra dedicada aos *Pré-Claridosos*.

9. São apenas seis os autores seleccionados por Arnaldo França para constar neste volume de *Pré-Claridosos*, todos eles tributários dos atavios estéticos da escola do Romantismo português:

- **António de Arteaga**, nascido em Lisboa em 1853 e falecido na Praia, em 1923. A antologia inclui extractos da sua narrativa intitulada “Os amores de uma crioula” que foi publicada, em folhetins, no Boletim de Cabo Verde, em 1899.

- **Eugénio Tavares**, nascido a 18 de Outubro de 1867, veio a falecer a 1 de Junho de 1930, na sua ilha natal, Brava. Nome sobejamente conhecido e merecidamente acarinhado entre nós, a data do seu nascimento foi a escolhida para ser o Dia Nacional da Cultura e das Comunidades. Outrossim, o seu nome está indelevelmente ligado à promoção e valorização do Crioulo. Dele a antologia inclui três textos: “There she blows”, “Por causa de um casamento” e “A ceia da parelha”.

- **Guilherme Dantas**, nasceu na Brava em 1849 e veio a falecer na Praia, em 1888. Quase toda a sua produção poética consta da obra “Poesias” editada pelo Instituto Cabo-Verdiano do Livro, em 1996, com prefácio de Arnaldo França. Dele Félix Monteiro já havia publicado “Páginas esquecidas de Guilherme Dantas”, uma suculenta recolha inserida na secção “retrospectiva” do número 21 da revista **Raízes**, de Junho de 1984. Para a antologia hoje apresentada foram escolhidos dois textos: “Nhô José Pedro” e excertos de “Memórias de um rapaz pobre”.

- **João Augusto Martins** nasceu na ilha do Sal em 1855 e veio a falecer em Lisboa no ano de 1915. Era médico-cirurgião. Publicou, em 1891, o livro “Madeira, Cabo Verde e Guiné”. Em 1898 publicou o seu segundo livro, com o título de “Horas Tristes”. Na antologia estão incluídos dois textos dele: “Um vencido na vida” e “There she blows”. Ambos merecem vivamente ser lidos. É espantoso ver como, no longínquo ano de 1898, (e vou citar palavras do Dr. França) ele “introduz no nosso universo literário o emigrante e a sua vivencia na diáspora, com realce à força motivadora da partida no século XIX: a pesca da baleia.”

- De **José Evaristo d’Almeida** a antologia inclui extractos do romance “O Escravo” que foi publicado em 1856. Do autor e da obra muito se tem falado e escrito, o que só contribui para consolidar o seu lugar incontornável na história da literatura cabo-verdiana. No dizer do Prof. W. Szymaniak, “José Evaristo d’Almeida escreveu apenas um romance, mas, surpreendentemente, maduro e completo”⁴³. Aliás, importa ver

⁴³ Wlodzimierz J. Szymaniak, “A vida de um romance”, in José Evaristo d’Almeida, “O Escravo & Epístola a...”, Edição Crítica, com organização de

que, já em 1986, referindo-se a José Evaristo d’Almeida e a Guilherme da Cunha Dantas, defendia Manuel Ferreira o seguinte: “Na verdade, trata-se de dois escritores que fundam a ficção cabo-verdiana e fazem-no com um mérito que exige ser devidamente realçado”⁴⁴.

- **Luís Loff de Vasconcelos** é outro nome grande. Nasceu em 1861, na ilha do Maio, e faleceu em S. Vicente no ano de 1923. Fundou e dirigiu os periódicos *Revista de Cabo Verde* (1899) e *A Opinião* (1902). O dia do seu nascimento, 5 de Janeiro, foi o escolhido para ser o Dia Nacional do Jornalista. Foi, conforme a apreciação do Dr. França, “um combatente fervoroso em defesa dos interesses de Cabo Verde, podendo-se apontá-lo como um batalhador pela autonomia do seu país”. Na antologia vem inserido o texto “Pé da Rocha”, extraído do livro de contos “Echos d’Aldeia”, publicado em 1897.

Parece-me que continua por acontecer uma publicação organizada do conjunto da obra de Loff de Vasconcelos, o que, quando acontecer, será, seguramente, um contributo de monta para o melhor conhecimento da evolução das ideias e da cidadania em Cabo Verde. Aliás, a nossa sociedade ganharia imenso, desde logo em humildade colectiva e eficácia no exercício da cidadania, se hoje pudéssemos todos ler obras corajosas e contundentes como, por exemplo, “O Extermínio de Cabo Verde”, um texto magnífico de 1903⁴⁵.

Cabe referir que notas biográficas de todos estes seis autores estão inseridas no volume hoje apresentado. Do valor literário dos textos seleccionados saberá cada leitor ajuizar, situando-os

Elvira Reis e Wlodzimierz J. Szymaniak, Rosa de Porcelana Editora, Lisboa, 2016.

⁴⁴ Manuel Ferreira, “A propósito de: duas obras: *O Escravo* e *Contos Singelos*, dois autores: José Evaristo d’Almeida e Guilherme Dantas, fundadores da ficção cabo-verdiana”, in “Simpósio Internacional sobre Cultura e Literatura Cabo-Verdianas, Mindelo, 1986 – Actas”, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Praia, 2010.

⁴⁵ Luís Loff de Vasconcelos, “O Extermínio de Cabo Verde – Pavorosas Revelações”, Livraria Editora, Lisboa, 1903.

devidamente e percebendo o que verdadeiramente representam num percurso que é geracional e é de ganhos sucessivos.

10. Desejo agora tocar num ponto de algum modo sensível. Referindo-se às razões por que são tão poucos os autores por ele selecionados, diz-nos o Dr. França o seguinte: “Poderia haver um alargamento da escolha para este volume, com a inclusão de outros nomes, mas que à literatura cabo-verdiana poucos laços têm além do acaso nascimento ainda que de longa ascendência cabo-verdiana. Sem assumir qualquer posição quanto ao critério de integração num sistema de literatura nacional, nesta colectânea predominam os critérios temático e histórico-geográfico, neste caso, em vista à situação colonial, de relativa autonomia”. Parece-me meritória a forma como o Dr. Arnaldo França não vacila no cumprimento dos critérios que fixou, assim trazendo-nos uma antologia apenas com textos de autores com pertinência a uma literatura que, já em novecentos, seguia os caminhos próprios de uma literatura cabo-verdiana. Cito o Dr. França: “É correntemente aceite a inexistência em Cabo Verde da chamada literatura colonial, que o exotismo que a caracteriza, já à data das primeiras manifestações literárias, lhe faltava campo em que frutificasse. Os condicionalismos sociais vigentes em Cabo Verde e a sua especificidade no conjunto do espaço colonial sob administração portuguesa explicam a singularidade desta situação”. Não cabe aqui esmiuçar esta matéria. Apenas referir que as razões do Dr. França são também as defendidas por Manuel Ferreira e Fernando Cristovão. Em 1977, Ferreira, para quem “o período colonial não implica forçosamente a existência de uma literatura colonial”, escreveu isto: “É certo que de uma maneira geral os intelectuais cabo-verdianos de origem europeia terminaram por emigrar para Portugal, na maioria dos casos por motivos familiares, e foi em Lisboa que muitos se fizeram escritores, naturalmente desenraizados dos problemas da Terra-Mãe, alguns deles acabando por alcançar lugar de prestígio nos meios literários lisboetas, deixando obras de mérito, como Antónia Gertrudes Pusich (1805-1883) e Henrique de Vasconcelos (1875-1924), autor de uma vasta obra”⁴⁶.

⁴⁶ Manuel Ferreira, “Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa”, Lisboa, 1977, 22.

11. Um outro mérito deste terceiro tomo é o claro propósito de trazer para mais próximo dos leitores de hoje autores e obras de fases mais recuadas da literatura cabo-verdiana, reconhecendo o seu papel e lugar. Com efeito, se a actividade literária começa com o aparecimento da imprensa em Cabo Verde, em 1842, fica evidente um largo lapso de tempo de produção literária que interessa conhecer e dar a conhecer. No dizer do Dr. França: “Com a ascensão, a estado independente, da nação cabo-verdiana, forçosamente que o reconhecimento de um *continuum* se impunha, pois que a literatura, ramo da cultura de um povo, teria acompanhado a lenta formação da consciência nacional”. Mais, é o próprio Dr. França quem, em jeito de *summa summarum*, cita a seguinte asserção de António Aurélio Gonçalves: “a literatura cabo-verdiana é uma totalidade: os seus períodos dependem uns dos outros. Querer segregar o primeiro desses períodos é uma falta de visão crítica”.

12. Importa ver que a organização deste volume não foi tarefa isenta de obstáculos. O Dr. França sublinha a “dificuldade de aceder a outros textos, dado a franciscana pobreza dos nossos arquivos e bibliotecas”. De resto, ele faz questão de sublinhar que “o inexplicável desaparecimento da quase totalidade dos números dos diversos jornais publicados no século XIX dificulta o conhecimento das realizações literárias que tinham como única via de escoamento os periódicos. Do que significa esta perda, cite-se o caso do semanário *Independente*, de que se sabe ter atingido pelo menos o número 93, só existir actualmente um único exemplar, na Biblioteca Nacional de Lisboa, o suplemento ao número 37. E foi neste jornal que um escritor do nível de Guilherme Dantas colaborou assiduamente.” Recorde-se que o jornal *Independente* foi “o primeiro periódico não oficial, semanário, publicado em Cabo Verde, com certa regularidade de 1877 a 1879”. Esse tal suplemento ao número 37 foi publicado em Setembro de 1878, conforme uma recente precisão por Brito-Semedo⁴⁷.

13. Um aspecto que não posso deixar de enaltecer é este: felizmente, o propósito de dar a conhecer a produção literária cabo-

⁴⁷ Manuel Brito-Semedo, Nota Introdutória a “Contos e Bosquejos”, de Guilherme de Cunha Dantas, Livraria Pedro Cardoso, Praia, 2016.

verdiana mais antiga tem sido assumido em diferentes momentos. A título de exemplo, recorde-se o seguinte: em 1983, re-edição de **“Folclore Cabo-verdiano”**, de Pedro Cardoso, com introdução de Luiz Silva e prefácio de Alfredo Margarido, sendo a edição assegurada pela Solidariedade Cabo-verdiana, Paris; em 1989, re-edição do romance **“O Escravo”**, de José Evaristo d’Almeida, com prefácio de Manuel Veiga e chancela do Instituto Cabo-Verdiano do Livro, instituição que teve um notável percurso; em 1996, **“Poesias”**, de Guilherme Dantas, com organização e prefácio (primoroso prefácio!) de Arnaldo França, sendo a edição do Instituto Cabo-Verdiano do Livro e do Disco; em 1996, 1997 e 1999, a edição, respectivamente, dos volumes **“Eugénio Tavares – Poesia, Contos, Teatro”**, **“Eugénio Tavares – Pelos Jornais”** e **“Eugénio Tavares – Viagens, Tormentas, Cartas e Postais”**, trabalho notabilíssimo de Félix Monteiro, com introdução de Isabel Lobo, no primeiro volume, e prefácio de Manuela Monteiro, no caso do terceiro volume. Há muito esgotados, esses três volumes reclamam nova publicação; em 2006, o livro **“Poesias”**, de António Januário Leite, com organização e prefácio de Arnaldo França e edição da Associação AmiPaul; em 2007 publica-se o romance **“Memórias de um Rapaz Pobre”**, de Guilherme Dantas, com organização, prefácio e notas de Brito-Semedo, e edição do Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; em 2008, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro publica **“Pedro Cardoso – Textos Jornalísticos e Literários”**, com organização de Brito-Semedo e Joaquim Morais e introdução de Isabel Lobo; em 2012, publicação, em dois tomos, do **“Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro – Presença Cabo-Verdiana”**, o qual teve existência entre 1851 e 1932. O editor é o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, sendo co-editores Ponto & Vírgula Edições e PCLL (Pédagogie, Cultures et Littératures Lusographes). De recordar que nesse almanaque publicaram pela primeira vez gente como Eugénio Tavares, Guilherme Dantas e Januário Leite; em 2016, nova edição de **“O Escravo”**, de José Evaristo d’Almeida, desta feita com organização e prefácio de Fátima Fernandes e edição da Livraria Pedro Cardoso; também em 2016, edição fac-similada de **“O Manduco”**, jornal fundado por Pedro Cardoso e que começou a circular em Agosto de 1923. Esse elegantíssimo volume conta com prefácio de Brito-Semedo e edição da

Livraria Pedro Cardoso; ainda em 2016, “**Contos e Bosquejos**”, de Guilherme da Cunha Dantas, com organização, prefácio e notas de Manuel Brito-Semedo, sendo a edição da Livraria Pedro Cardoso; sempre em 2016, “**José Evaristo d’Almeida: O Escravo e Epístola A...**”, edição crítica de Elvira Reis e Wlodzimierz Szymaniak, com a chancela da Rosa de Porcelana Editora; em Março de 2017, re-edição da obra “**Jardim das Hespérides**”, de José Lopes, com prefácio de Manuel Veiga e edição da Academia Cabo-Verdiana de Letras.

E não me coíbo de afirmar que não descortino prova maior de generosidade intelectual do que o labor paciente, árduo, discreto daqueles que têm organizado antologias e cuidado da edição de obras que de outro modo ficariam esquecidas no limbo que o passar do tempo propicia.

14. Fiz estas exemplificações para poder dizer o seguinte, e com isto concluo: seja pela via de antologias, seja sobretudo pela publicação autónoma de livros e outros textos hoje quase inacessíveis, tem Cabo Verde de poder continuar a contar com a oportunidade e o prazer de conviver com os seus escritores mais antigos, aqueles que, lá muito longe no tempo, foram os cabouqueiros daquilo que é hoje, mas já o é desde sempre e sem favores, a literatura cabo-verdiana. Sobretudo neste contexto de redescoberta e valorização, é marcante o contributo do volume “*Pré-Claridosos*” que hoje, 15 anos após a primeira edição, se renova no contacto com os leitores. É este um dia de fortuna? Claramente que sim!

MANUEL VEIGA (ACL)

A palavra e o verbo em *Odju d'agu*, de Manuel Veiga e *Chuva Braba*, de Manuel Lopes

Introdução

Manuel Lopes e Manuel Veiga são dois escritores cabo-verdianos, de geração diferente. O primeiro escreveu *Chuva Braba*, publicado, pela primeira vez, em 1956, e cuja diegética tem por palco principal a ilha de Santo Antão. Através de duas personagens principais, o Nhô Joquinha e o Mané Quim (padrinho e afilhado, respetivamente), o autor pinta a saga da alma cabo-verdiana de “querer ficar e ter que partir ou de querer partir e ter que ficar”. O ideário de fincar os pés no chão se concretiza quando o projeto de Nhô Joquinha de levar o afilhado para Manaus, no Brasil, fica abortado devido à chuva amiga e abundante (chuva braba) que, entretanto, veio bafejar as terras ressequidas de Ribeira das Patas, onde Mané Quim possuía uma pequena propriedade e que por nada deste mundo queria abandonar.

Em *Odju d'Agua*, de Manuel Veiga, um romance inteiramente em crioulo, publicado em 1986, em homenagem ao 50º aniversário da Revista Claridade, a diegética da obra tem por palco Cabo Verde, mas também as matrizes da criouldade, particularmente Portugal e África. São quatro as personagens principais que encarnam o ideário de fincar os pés no chão: Djon di Mana que, como Mané Quim de *Chuva Braba*, não abandona a Terra, mesmo face à seca e à estiagem; Zé di Béba que nasce em Portugal, filho de pais cabo-verdianos que queriam que o filho nascesse lá fora para não ser português de segunda e que acaba por regressar a Cabo Verde e mergulhar-se no mar da criouldade onde se sente com “os pés fincados no chão”; Regina é outra personagem de *Odju d'Agua*, nascida na Ilha de Santiago, filha de pais da ilha do Fogo que desprezavam a criouldade porque ser português de gema (mesmo que apenas em aparência) conferia mais prestígio. Regina não entende essa filosofia, parte de Cabo Verde em busca das suas raízes. Estuda medicina em Portugal e, à revelia dos pais, namora e casa com Mamadú, um africano que tinha saído de África para conhecer o

mundo. Com ele, Regina viaja para o continente africano, em busca das suas raízes. Com Mamadú ao lado e com o diploma de medicina obtido em Portugal, viaja para diversos países africanos, sempre em busca das suas raízes, mas depois, com sete filhos e Mamadú ao lado, volta para Cabo Verde, a Terra do Odju d’Agu, onde efetivamente se sente com “os pés fincados no chão”. Finalmente, uma outra personagem, de alma universal, é Pedrinho que bebeu na fonte do Odju d’Agu, sem bastar inteiramente a sua sede, que viajou pelo mundo em busca de mais ferramentas para investimento no chão de Odju d’Agu, e que tendo regressado a esse chão, onde nunca deixou de fincar os pés e de onde vê a criouldade como um rosto de África e do mundo, num diálogo intercultural que abraça a especificidade e respeita a diversidade.

Tudo isto para dizer que *Chuva Braba* e *Odju d’Agu*, com perspectivas diferentes e significado convergente, encarnam a saga e a epopeia da alma Cabo-verdiana. Retomemos A Palavra e o Verbo nesses dois romances:

I. A Palavra e o Verbo em Odju d’Agu, de Manuel Veiga

Falar do «Eu nas palavras» é uma sinédoque. E isto porque a «palavra», neste sintagma, significa ou pode significar uma parte significativa da obra do autor.

Li numa página da internet que para Gil Deleuze a escrita é um ato prazeroso que muitas vezes nos leva a estuprar a folha branca que nos serve de testemunha.

Para mim, ao “estuprar”, carinhosamente, a folha branca que me serve de testemunha, pretendo, tão-somente, realizar um ato de amor: o de – através da magia e da transfiguração do verbo – poder partilhar ou mediatizar o meu mundo e os meus sonhos.

Com a força mediática da palavra, o meu «eu» é capaz de significar, de transfigurar, de construir e de comunicar o mundo que nos rodeia, o social que nos preocupa, o cultural que nos enforma, o virtual que nos interpela.

Ainda numa página da internet deparei-me com a seguinte pergunta de Silvano Santiago: «quando é que a arte brasileira [deixa]

de ser literária e sociológica para ter uma dominante cultural e antropológica?»

Creio que a arte não tem que deixar de ser literária e sociológica para se transformar em cultural e antropológica. O melhor ainda é poder ter, também, essas dimensões.

No remaneamento da palavra e do verbo que faço, é este o meu intento, embora acredite que o lado literário não é o que mais me preocupa. Aliás, não é por acaso que, quando escrevo, sou mais ensaísta do que poeta ou romancista. Com efeito, a minha escrita tem sempre a cumplicidade da minha história, da minha vivência e dos meus sonhos. É sobretudo através do romance *Odju d’Agu* que a minha palavra e o meu verbo se transfiguram em vivências, mas também em sonhos. Convido os interessados a uma viagem que nos conduzirá ao *Odju d’Agu*, na certeza de que através deste périplo descobriremos a cumplicidade existente entre o meu verbo e a minha mundivivência, entre a minha palavra e o meu sonho. Para tal, falar-vos-ei, muito resumidamente, da hora zero e da diegética do *Odju d’Agu*.

1.1 A Hora Zero

Nasci no campo, em Santa Catarina, na Ilha de Santiago, na confluência de Sedeguma e de Achada Gomes, no remanso de uma ribeira baptizada com o nome de Quintal, frente ao sítio de Galo-Canta, a propriedade do autor do *Léxico do Dialecto Crioulo do Arquipélago de Cabo Verde*.

Passei a minha infância entre Quintal, Sedeguma, Achada Gomes, Palhacarga e Achada Fóra. Na família, na rua, nas fainas agrícolas, nos grupos de amizade, na safra de enxotar corvos e outros animais daninhos para não estragarem as sementeiras, só falava e só ouvia uma única língua – o Crioulo. Ainda me lembro, como que numa sinfonia distante, mas presente, as estórias, as muitas estórias contadas pela minha mãe e pela minha avó paterna, duas iletradas cultas, duas fontes de sabedoria popular, duas bibliotecas da minha infância.

Note-se que na minha aldeia não havia sequer um aparelho de rádio, na altura, e o meu primeiro encontro com a língua portuguesa só

acontece por volta dos 7 anos, na escola paroquial e consolida-se na escola oficial aos 9 anos e no Seminário de S.José, na Cidade da Praia, aos 14 anos de idade.

Eu que fui um camponês, no estar e no existir, em toda a dimensão da palavra, durante os anos da minha infância, senti-me envolto num estranho manto da Cidade, quando o destino abriu-me as portas do Seminário, em Outubro de 1962. Ali recebi ordens formais de que a minha palavra deveria ser portuguesa e que, portanto, só deveria falar o português. Disseram-me ainda que, se porventura caísse na «ousadia» de falar a língua da minha identidade primeira seria castigado. A ordem, sem intenção maldosa, era para mim, mas também para todos os meus colegas de destino.

Felizmente, o meu crioulo, aos 14 anos de idade, já era adulto e se encontrava de tal forma enraizado no meu ser que nem os ares da Cidade e do Seminário, nem os ritmos de Coimbra, a Cidade do fado, onde estive também algum tempo, puderam ensombrar a minha vivência crioula e a profunda ligação que tinha e tenho com a palavra, com a gramática e a sintaxe da língua, da única língua da minha mãe. E hoje, se me perguntarem por que falo e escrevo em crioulo, a resposta é simples: é porque sou crioulo, e não posso deixar de o ser. É porque a minha vida e o meu povo têm a marca indelével da criouliidade. É porque fiz e faço uma caminhada onde o crioulo sempre esteve e está presente. Esta caminhada é visível e previsível através do romance *Odju d’Agu* que é um novelo onde se entrelaçam as diversas etapas da minha vivência no campo, na cidade, na mãe-pátria, no estrangeiro, na vida real e virtual. De todas essas vivências, a mais marcante é a que vai até aos meus 14 anos e estou certo de que, sem a experiência campesina, o *Odju d’Agu* não seria fonte nem raiz, e dificilmente poderia crescer, regar e alagar os campos das minhas sementeiras subsequentes e as searas das minhas colheitas onde a minha palavra umas vezes é crioula e outras vezes é portuguesa.

1.2 A Diegética

Não escrevi um romance porque era ou queria ser escritor. *Odju d’Agu* foi a expressão de um desafio lançado à minha própria língua. Com efeito, à força de tanto ouvir que o Crioulo não tinha

regras nem gramática, decidi, no seguimento do colóquio linguístico que teve por palco a cidade do Mindelo, no ano de 1979, escrever um ensaio para provar a existência de um único crioulo em Cabo Verde, para provar ainda que os que utilizavam este mesmo crioulo para dizer que ele não tinha regras nem gramática estavam equivocados. O ensaio, publicado em 1982, tinha por título *Diskrison Strutural di Língua Kabuverdianu*.

No seguimento deste trabalho, de carácter gramatical, senti-me na necessidade de testar a palavra e a gramática da minha língua materna em domínios da cultura e da ciência. E isto porque, na altura, o discurso colonial continuava a dizer que o Crioulo é «*língua de casa*», a tal “*sermo vulgaris*”, na expressão do escritor Henrique Teixeira de Sousa, que não servia, dizia-se, para domínios como a cultura e a ciência.

Ora, de cultura e de ciência tinha eu apenas a minha intensa vivência do campo e o que aprendi no Seminário de S. José, na Praia, no Instituto de Estudos Teológicos de Coimbra e na Universidade de Aix-Marselha, em França.

De todas essas vivências, a experiência do campo era tão viva e tão presente que me parecia como que um fantasma amigo que me visitava e revisitava amiúde.

A testagem cultural e científica da minha língua crioula contava, deste modo, com um terreno onde eu podia e sabia lavar, porque conhecia o movimento e a safra das suas «azáguas», as fases das suas sementeiras, o ritmo das suas fainas e a quadra das suas colheitas.

Odju d’Agu nasceu assim desta necessidade de “*parir*”, de dar à luz a duas crianças: de um lado um infante conhecedor da palavra e da gramática da sua língua; de outro lado, um outro infante formado e moldado com a cultura do seu povo, em primeiro lugar, e, de algum modo, com as culturas matrizes da sua antropologia mestiça.

O título *Odju d’Agu* resume toda a diegética do livro. Ele pode significar a fonte onde a água é mais pura, mas também a raiz que prende a árvore na terra, na sua terra. As personagens estão em contínua viagem de iniciação e de aprendizagem da cultura cabo-verdiana, da cultura africana, da cultura universal.

Os viajantes, uns dão-se conta da sua alienação e procuram o *Odju d'Agu* para matar a sede com a água mais pura da fonte matricial; outros, mais identificados com a água da sua própria ribeira e conhecedores da água de outras ribeiras, vão partilhando esse líquido, fonte de vida e de conhecimento, com todos quantos dele necessitam.

Num primeiro tempo *Odju d'Agu* é Cabo Verde; num segundo momento é África e o mundo; e num terceiro momento volta de novo a ser Cabo Verde. Os viajantes partem de Cabo Verde para reencontrarem a África e o mundo, e dali partem de novo para redescobrirem Cabo Verde, a fonte e o centro da sua mundivivência, da sua antropologia existencial e cultural. Os que mais viajam são os que mais sede têm, os que menos conhecem o *Odju d'Agu*, tanto o islenho como o continental.

A viagem não termina porque da fonte há sempre água a brotar, mas o romance tinha que ter um fim e o seu fim preanuncia o início de uma nova largada, com outros atores, outras personagens. Porém, da viagem empreendida para o centro do *Odju d'Agu* – seja para a África, para o mundo ou para Cabo Verde – todos ficam mais regenerados, mais dessedentados, mais identificados não só com a geografia, mas sobretudo com a antropologia desses espaços.

O *Odju d'Agu* é, deste modo, inexorável e dele jorra sempre a água pura e fresca. As quatro principais personagens do romance (que podiam chamar-se Cabo Verde), a Regina, o Djon di Mana, o Zé di Béba e o Pedrinho, tinham sonhos. O de Regina e Zé di Béba acabaram por ficar realizados com a descoberta e assunção das matrizes da sua antropologia identitária e do rosto resultante de um caldeamento que durou séculos e que, em contínua transformação, perdurará por muitos milénios. Porém, o sonho de Pedrinho y do Djon di Mana estava ainda longe da meta protagonizada. Tal meta só será alcançada no dia em que o País vencer o subdesenvolvimento e o Crioulo for oficializado e materializado o seu ensino formal e sistemático. É a saga do Pedrinho e a do Djon di Mana que continuam e perduram.

Ora, qualquer que seja a seca ambiental, do *Odju d'Agu* brotará sempre a água fresca, a água da nossa ribeira e que, estou certo, um dia quando «descobriremos [de forma coerente e consequente] a razão das coisas», há-de bastar a nossa sede, não apenas a da Regina, a do

Djon di Mana e a do Zé di Béba, mas sobretudo a do Pedrinho, o homem que sonha e viaja, o homem que ao lado de outros viajantes vai construindo o castelo do seu sonho, palavra a palavra, pedra a pedra, «dor a dor, amor a amor». E isto significa que Pedrinho continua a estar e a viajar nas asas das palavras, tanto a palavra crioula do *Odju d’Agu*, como a palavra portuguesa do *Diário das Ilhas*. Tal é, na perspectiva do poeta Jorge Barbosa, o conflito saudável e enriquecedor de mundos diferentes e complementares que têm moldado e enriquecido a alma crioula de Pedrinho.

II. Chuva Braba, de Manuel Lopes, no ideário programático da Revista Claridade

O ideário claridoso de «fincar os pés no chão», consubstancia-se, de forma espetacular, num dos romances mais telúricos da literatura cabo-verdiana – *Chuva Brava*, de Manuel Lopes.

Todo o enredo do romance, em apreço, é um hino à caboverdianidade, uma caboverdianidade de «querer bipartido», de desassossegos e de esperanças, de partidas e de regressos, de evasão e de telurismo.

O ser e o estar no mundo do homem cabo-verdiano resulta e é resultado de uma luta adversa de elementos contrários que acabam por fecundar um novo relacionamento onde nenhuma das partes é indiferente, onde nenhum dos elementos se confunde com o produto emergente do confronto/ reencontro.

Em *Chuva Braba*, Manuel Lopes soube dar-nos um dos quadros mais sugestivos das contradições da nossa insularidade, do seu ser e querer bipartidos, do equilíbrio que acaba acontecendo e de novas lutas, para uma nova harmonia, sempre presentes no horizonte ou no itinerário ilhéu⁴⁸.

⁴⁸ Nota-se que, de acordo com Onésimo Silveira, enquanto *Os Flagelados do Vento Leste* «enquadra-se num realismo puramente descritivo, de que está ausente a intenção social reformista», **Chuva Braba**, pelo contrário, afigura-se como «romance de intenção social clara tanto pelo criticismo pertinente à sociedade santantonense, como pela luz à decantada questão evasãoista. Esta é pela primeira vez posta, não só como uma fatalidade e sim como uma razão

No romance, duas personagens maiores encarnam as contradições da nossa insularidade e realizam a sua harmonia em perspectiva. Trata-se do padrinho e do afilhado, ou seja, de nhô Joquinha e de Mané Quim. Neste trabalho, gostaríamos de ressaltar o desassossego e a evasão do primeiro, a inquietação e o telurismo do segundo, a harmonia e o equilíbrio que nascem da luta entre os dois elementos contraditórios e corporizados no mesmo ser - o ser do ilhéu.

2.1 Desassossego e Evasão de nhô Joquinha

Como grande parte dos cabo-verdianos, nhô Joquinha foi um dia obrigado a partir. A estiagem e a esperança de poder construir uma vida melhor foram as razões que o levaram a deixar a pacatez da sua Ribeira das Patas para a aventura do mar, para a descoberta de terras mais além, onde a chuva é uma bênção que não falha e o trabalho é um direito inalienável.

Foi o pai de Mané Quim, seu compadre, quem o ajudou a partir para longe, a descobrir o Brasil e a fixar-se em Manáus, depois de ter dado voltas ao mundo, a bordo de uma embarcação onde trabalhava como ajudante de cozinheiro.

De regresso à Ribeira das Patas quis ser grato ao seu compadre que Deus o tinha. Por isso, resolveu levar o seu afilhado para Manáus onde ele não era rico, mas dispunha de uma casinha, de algum dinheiro e daquilo que constituiria a riqueza da sua terra ressequida: a abundância da água e da chuva. Para além disso, a solidão o apoquentava. Aliás, em conversa com o seu amigo André, chegou a fazer-lhe o seguinte desabafo:

Me sinto só [...]. A gente vem ganhando a idade tem precisão dum filho. É uma questão prática, nada sentimental [...] Eu não sou rico. Tenho uma coisinha pouca. E não se sabe quando é que a morte chega⁴⁹.

forte» (ver *Consciencialização na Literatura Cabo-Verdiana*, Edição da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa, 1963, p 8).

⁴⁹ LOPES, Manuel Chuva Braba. Lisboa: Editora Ulisseia, 1965, p. 140.

A gratidão, a solidão, mas também a degradação da Ribeira das Patas eram as razões por que nhô Joquinha gostaria de concretizar o seu plano, o de levar Mané Quim, moço muito afeiçoado às terras e à nascente do Ribeirãozinho, para as pluviosas e férteis planícies brasileiras.

Para nhô Joquinha, o futuro da Ribeira das Patas estava comprometido. Se a estiagem o obrigara um dia a partir, essa mesma estiagem, talvez mais caprichosa ainda, o obriga hoje a levar o seu afilhado.

Dirigindo-se a Mané Quim, para o impressionar, ainda antes da proposta que queria fazer-lhe, declara:

Fiquei espantado quando não vi água caindo das rochas como antigamente. Isto está ficando ruim, está ficando medonho [...] Regadio minguado, as moitas de verduras morrendo de sede, se refugiando junto das nascentes cada vez mais escassas [...]. Cadê o cheiro a fartura, aquele ar de satisfação, aqueles tambaques de milho às portas que deixei quando parti? O mundo por estas bandas está de rabo virado. [...]. Tudo ralo – continua - os tapumes cor de cinza, as terras queimadas - feliz quem encontra um caminho para fugir atrás da chuva que fugiu das ilhas (1965, p. 13).

Para nhô Joquinha, as suas motivações eram mais do que suficientes para convencer o seu afilhado. Por isso, sem mais rodeios, diz:

Quando pensamos no futuro temos sempre em mira consertar a vida. É Por isso que pensei em ti, rapazinho, e quero te levar para Manáus (1965, p. 14).

A resposta do afilhado não é pronta. A ligação que ele tinha com a propriedade do Ribeirãozinho e com a Ribeira das Patas

era quase que indissolúvel. Tinha que pensar seriamente no assunto, tinha que ouvir a opinião da mãe e de outras pessoas como nhô Lourencinho, «paradigma impoluto do amor à terra (1965, p. 45)».

2.2 Inquietação e Telurismo de Mané Quim

O autor de *Chuva Braba* quis atribuir à personagem central do seu livro um rosto plural, um rosto que se confunde com o seu próprio povo, com as suas angústias e esperanças, com os seus sonhos e pesadelos, com o seu ser e estar no mundo. Mané Quim é essa personagem central e à volta dele movimentam vários rostos que mais não são do que as diversas expressões culturais e ambientais do seu povo e das suas ilhas.

De um lado, encontramos a galeria dos rostos que sonhavam ou que já experimentaram a aventura da «partida».

De outro lado, os que propugnam o ideário de «fincar os pés no chão». Tal situação revela o querer bipartido das ilhas, a manifestação da sua idiossincrasia bipartida. Porém, se há os que partem, vislumbrando no horizonte o seu regresso, há os que ficam, sonhando frequentemente com a partida.

Desse conflito inquietante, mas saudável, nasceu e nasce a alma cabo-verdiana.

Como Mané Quim, o conflito nasce com a proposta de nhô Joquinha, seu padrinho, o qual pretendo leva-lo para Manáus, numa altura em que a chuva estava de costas voltas para as ilhas. Com efeito,

As plantações pediam água como sempre. O feijoal ia resistindo protegido pelas próprias sombras mas os pés de mandioca e as batateiras tinham as extremidades das folhas curvadas para baixo, embora orvalhadas pelo cacimbo da noite... [Mané Quim] olhou para o interior do pequeno tanque de terra batida. Uma muinha de água inútil dormindo no fundo; nem dava para molhar a levada (1965, p.82).

A resposta não surge logo. O apego de Mané Quim ao seu Ribeirãozinho era maior do que qualquer sonho de partida. Para ganhar tempo, promete ao padrinho que primeiro iria ouvir a opinião da mãe Joja. Não se contenta porém em ouvir apenas os familiares. Consulta também a namorada Escolástica, os vizinhos como nhô Lourencinho, o antigo agricultor Sansão, o pedreiro Anselmo, o intérprete do lunário perpétuo, nhô Vital, o amigo do seu padrinho, nhô André, entre outros.

As opiniões não são coincidentes. Para uns a partida é a solução. Para outros, ela é a perdição, não passa de uma miragem.

O primeiro a defender a partida é o próprio proponente, nhô Joquinha.

Também o pedreiro Anselmo incita-o a partir, já que muito pouco poderia continuar a catar de **riba** dessa terra ressequida. Por seu turno, é André quem lhe ordena:

Tu o que tens a fazer [...] é preparar a tua trouxa e seguir com o teu padrinho. Assim é que é assidado. No teu lugar e na tua situação, é o que fazia (1965, p.126).

Também nhô Vital, o homem do lunário perpétuo, para quem a chuva não faltará, convida-o a partir ao mesmo tempo que lhe assevera:

Voltarás um dia com ajuda de Deus. Encontrarás as tuas terras onde as deixaste. Terás dinheiro então para o que queres agora. Tu com dinheiro na mão vais longe. Chuva não faltará, mas chuva não vira grande ao que é pequeno [...] Tu és o homem que queremos aqui quando voltares do Brasil (1965, p. 107).

Mané Quim continua indeciso diante dessas opiniões.

Porém, a da mãe é que contava mais. Não obstante, esta deixou-o cada vez mais confuso, desamparado mesmo. Na verdade, ao

mesmo tempo que a nha Joja deixa-lhe a liberdade de opção - «*se quiseres vais*»-, ela aumenta a sua vontade de ficar. E isto quando ela se referiu aos outros filhos que também partiram, mas sem grandes sucessos:

Joãozinho foi e nunca mais soube dele. Tiago escreveu duas cartas só, e não está passando sabe por lá [...]. Agora és tu. [E logo acrescenta:] - Destino d'ocês todos é andar (1965, p.44).

Se a opinião da mãe o confundiu, não faltaram opiniões que claramente o desencorajaram da ideia de partir. É assim que nhô Lourencinho diz-lhe categoricamente:

Quem vai longe não volta mais. O corpo pode um dia voltar, mas a alma, essa, não volta mais (1965, p. 90-91).

Também Sansão, proprietário que virou criador de gado, indiretamente o incita a ficar quando diz:

Larga da mão Norte e regadio e nascente e diabo a quatro. Deixa grama criar. Grama não quer trabalho. Arranja cabras, moço. Faz como eu. Deixa grama criar. É uma plantinha com vida de gato. Quem tira minhas grammas são meus bichos. As minhas cabras e as minhas vacas dão manteiga e queijo. É mais descansado. Não tenho paciência para aturar lavradores [...] (1965, p. 99).

Quanto a opinião que não o deixa indiferente é a da namorada Escolástica que ao mesmo tempo que lhe pergunta se ia deixar sozinha a mãe Joja, acrescenta num tom ameaçador:

Não quero nunca mais que olhes para mim (1965, p. 37).

A todos os que o acusavam ou interpelavam, Mané Quim dizia que não queria ou ainda, não se tinha decidido.

Diante do beco sem saída, ele que no fundo queria ficar, chegou a acreditar que na passagem do usurário João Joana pela Ribeira das Patas estaria a sua salvação. Com os quinhentos mil réis que o mesmo lhe emprestaria, ele poderia explorar a nascente do Ribeirãozinho.

Não obstante, enquanto João Joana representava para uns a salvação, para outros ele era a perdição, «a sombra ruim, o demónio disfarçado entre as criaturas (1965, p. 37) ». Aliás, quando Mané Quim dá conta ao nhô Lourencinho da sua intenção em pedir dinheiro emprestado ao João Joana, ele esconjura o seu interlocutor nos seguintes termos:

Que estás a dizer, excomungado?! Pedir dinheiro emprestado ao João Joana! Que queres fazer, alma penada? Sai diante da minha cara, fuge diante desta porta, desgraçado; depressa, depressa! [...] Sai daqui, sai [...] Já não tens alma. João Joana comprou a tua alma. Vai-te! Sai da minha presença, coisa ruim! (1965, p. 92).

É deveras inquietante a situação do afilhado de nhô Joquinha. A ideia de ficar ou de partir representava um grande conflito no interior do seu ser. Enquanto o seu querer profundo indica-lhe a direcção de Ribeirãozinho, o seu querer circunstancial aponta-lhe o rumo de Manáus. Não sabia como decidir. Porém, um facto insólito acaba por empurrá-lo a tomar, a contragosto, a decisão que queria evitar. Bandos de malfeteiros invadiram a sua horta e deixaram o seu batatal arrasado. Já não era apenas o castigo da chuva que abandonou o seu Ribeirãozinho. Eram também as mãos criminosas que queriam destruí-lo. Tudo tem limite. Já não dava para aguentar mais. Procura o padrinho e declara-lhe a sua decisão de partir com ele.

Se a chuva era sagrada, as suas terras cultivadas deviam ser intocáveis.

Ele dedicava o amor maternal às culturas do seu tão querido Ribeirãozinho. É por isso, quando para lá ia,

afagava as plantas, passava os dedos pelas folhas dobradas e sem viço, falava-lhes, procurava incutir-lhes ânimo e confiança como se fossem criaturas desesperançadas e sugestionáveis [...] As palavras que lhes dirigia serviam também para ele. Porque o dia em que lhe faltasse coragem para lutar entre aqueles pilares, então o mundo poderia acabar (1965, p. 29).

O André que conhecia as fraquezas (outros dirão virtudes) do Mané Quim, dizia certa vez para nhô Joquinha:

Agricultura é uma maldição [...] É uma lançada que vai apertando, apertando, uma mania, um vício, um cisma [...]. Está doente de terra e de água o teu afilhado [...]. Tenho impressão que o vieste pegar tarde. Ele já tem a doença metida no corpo. É um destino danado, uma maldição (1965, p. 128).

Desesperado nhô Joquinha tenta jogar a última cartada. Na calada da noite manda minar o batatal do afilhado. Este, que vinha experimentando a terrível angústia de ver as suas plantas sedentas e carentes de água, não pôde resistir àquele ato criminoso que mais do que um roubo, era uma facada assassina no seu coração de lavrador.

Se em partindo ele perdia a sua alma, no dizer de nhô Lourencinho, em ficando ele morreria de sede, ao lado das suas plantas. Talvez o conselho de nhô Vital não seja descabido:

Voltarás um dia com ajuda de Deus [...] Terás dinheiro então para o que queres agora [...]. Terás as terras que quiseses com a ajuda de Deus. Porque a chuva não falta (1965, p. 107).

O plano de nhô Joquinha acabou por resultar, mas apenas provisoriamente. Com efeito, Mané Quim resolve correr o risco e os dois tomaram o caminho do Porto Novo de onde um barco os conduziria primeiro para S. Vicente, e depois a Manáus.

Porém, a aventura da partida começa a surpreender o filho de nha Joja, logo que deixou a pacatez da Ribeira das Patas onde os seus ouvidos estavam sintonizados com a música da natureza:

Desmoronar cavo e cheio de ecos de uma quebrada;
brado aqui e ali; pisar de ramos secos; um
burrico algures de goela aberta zurrando; mugido
prolongado de um boi solitário (1965, p. 25).

No Porto Novo, o barulho ensurdecador do mar e a vida agitada do burgo ofuscavam qualquer outra voz da natureza a que os ouvidos de Mané Quim estavam habituados.

Não podendo encontrar a hospedagem na pensãozita da Maria Lê, onde o seu padrinho se instalara, Mané Quim foi obrigado, em plena noite, a procurar guarida em casa de um amigo contrabandista, que respondia pelo nome de Mariano. Porém, no percurso que o leva à espelunca do amigo, foi confundido com contrabandistas que operavam na zona. Feito prisioneiro, foi levado ao Posto Policial onde a sua inocência acaba por ser reconhecida. Essa noite foi uma das mais longas de Mané Quim. Não conseguia conciliar o sono. Várias vezes ia sendo interrompido pelo amigo Mariano que não só invejava a sua sorte como chegou a desejar que uma doença grave o impeça de viajar, podendo ele, deste modo, oferecer-se a nhô Joquinha como alternativa.

As horas iam passando e, de repente, o filho de nha Joja foi vencido pelo cansaço e caiu num sono profundo e cheio de pesadelos:

A bordo de um enorme vapor e no meio de um mar encapelado [...] fugia a um homem embuçado, talvez seu padrinho, que o perseguia a passos largos e ágeis [...]. Acabara de ser alcançado por esse homem de expressão cruel que trazia uma grande

faca na mão direita, e cujo olhos pequeninos chispavam na noite escura [...]. O homem alcançou-o por fim, vibrou-lhe golpes furiosos na cabeça com a sua faca [...] ao mesmo tempo que dizia aos gritos: você vai se divertir no cemitério do Rio (...).(1965, p. 238).

Mané Quim acorda estremunhando não só por causa do golpe que presumia ter recebido como também devido a fortes rajadas de vento e de chuva braba.

Essa Chuva misteriosa e braba fez cair todo o plano de nhô Joquinha. Decidido, o seu afilhado apressa-se em pedir-lhe a bênção porque já não quer partir mais. Com efeito,

...Choveu todo a noite. Chuva braba. O Ribeirãozinho deve estar a transbordar até o primeiro pilar, com certeza... É lá o meu lugar agora. (como se dissesse: o destino do soldado é defender a seu posto). (1965, p. 249).

Nhô Joquinha tenta convencer o seu afilhado que em Manáus os seus olhos iriam ficar fartos de tanta água e de tanta mandioca. A resposta de Mané Quim não se fez esperar:

Nem água nem mandioca dos outros me fartam os olhos (1965, p. 252).

Estava tudo dito. O sonho da partida só vence o desejo de ficar quando a chuva faltar. Nhô Joquinha compreendeu o facto. É que ele mesmo poderia não ter partido se a chuva amiga não tivesse dado costas às ilhas. E acaba reconhecendo que seu afilhado era «*Um rapaz de boa têmpera*» e por isso confessa-lhe:

... talvez eu fizesse mal se te arrancasse de raiz⁵⁰.

⁵⁰ De acordo com Maria Luiza Baptista [po. cit., p 39], «enquanto o Joquinha virá caber o desencanto e a definitiva solidão, Mané Quim, de uma geração

Os pés de Mané Quim estavam bem fincados no seu chão de Ribeirãozinho. Apesar dos mil solavancos, afastou-se ligeiramente do seu berço para regressar logo depois. O próprio Joquinha parece não ter podido viajar também. E isto poderá querer significar que para o autor de *Chuva Braba* a emigração não é solução absoluta. Ela deve ser uma porta aberta para partidas e regressos, em liberdade. Se Mané Quim não partiu para Manáus, é porque ele simboliza a alma do nosso povo. E se Joquinha partiu e regressou, é porque ele encarna o estar e o devir desse mesmo povo. As duas personagens são como que as duas componentes que integram a idiossincrasia cabo-verdiana, o ser e o querer bipartido do projecto antropológico que tem por palco as nossas dez ilhas.

mais nova, desabrocha, na totalidade de uma escolha fundamental e irrevogável. Um pouco como se com Joquinha terminasse simbolicamente o fluxo centrífugo da emigração; um pouco como se Mané se iniciasse simbolicamente uma nova era, retintamente teluricista, íntimo compromisso, entrega inteira».

VERA DUARTE (ACL)

O Atlântico: estrada cultural entre Cabo Verde e o Brasil

AI O CÂNTICO
ESTRANHO
DO ATLÂNTICO,
QUE NÃO SE CALA EM NÓS

JORGE BARBOSA

Permitam-me começar esta minha reflexão citando o historiador cabo-verdiano António Carreira, investigador a quem presto uma permanente homenagem por sua obra ser, quanto a mim, o maior e mais fiável banco de dados sobre Cabo Verde até hoje existente e por ele ter sido, durante toda a sua vida de estudioso e investigador, um daqueles que “vivem verdadeiramente os problemas das ilhas”.

Diz ele, a abrir o seu notável estudo *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*:

“O achamento das ilhas de Cabo Verde, segundo a tese oficial, data de 1460. Tudo indica que elas deveriam ser desabitadas. Admite-se todavia que a uma ou outra tivessem aportado, em escala accidental, e por motivos não esclarecidos, antes da chegada dos portugueses, povos africanos da orla marítima do continente fronteiro, eventualmente Jalofos. Sereres e Lebús.

De pronto os portugueses começaram a ocupação da ilha de Santiago e, pouco depois, a ilha do Fogo. O donatário levou para ali poucos homens brancos: Reinóis e Genoveses, Espanhóis e outros. Avaliadas as possibilidades de fixação, e reconhecida a privilegiada situação geográfica do arquipélago, fez-se o povoamento com escravos “adquiridos” na costa africana. A breve trecho Santiago serviria de ponta de apoio à navegação dirigida ao golfo da Guiné, costa de Angola, S. Tomé e depois Brasil; E de base de apoio, de aprovisionamento e querenagem de navios e, simultaneamente, de

concentração de escravos trazidos dos rios da Guiné , a fim de serem ladinizados e exportados”.

Por onde se fazia toda esta triangulação Europa, África, América de que Carreira tão bem nos dá conta?

Exatamente pelo Atlântico!

Fazendo fé em Carreira e extrapolando um pouco, eu diria que Cabo Verde terá nascido por mór do Atlântico.

Esta convicção liga-se a uma outra que possui e que já tive oportunidade de compartilhar a propósito do tema “insularidade, multiculturalidade e identidade” em que disse:

“Tendo sido descoberto desabitado no meio do Atlântico, o arquipélago de Cabo Verde não se encontra aparentemente ligado a qualquer continente, embora pertença ao continente africano. Mas é também o mar que o liga a este continente pressupondo sempre qualquer contacto uma viagem. Esta constituirá para sempre, desde a viagem iniciática, o elemento mediador entre o ilhéu e o resto do mundo”.

A viagem e o Atlântico preludiam assim e preludiam Cabo Verde.

Desabitadas quando “descobertas” por exploradores do Rei Afonso V de Portugal, as ilhas, devido à sua situação geoestratégica no meio do Atlântico, tornaram-se na plataforma giratória de um florescente comércio entre Portugal, a Costa Africana e as Américas.

Só que o principal artigo comerciado, e importa sobremaneira realçá-lo, o principal artigo comerciado, dizia, foi nada mais nada menos que a vida humana: o comércio de escravos.

Daniel Pereira no seu texto “Das relações históricas Cabo Verde Brasil”, disse:

A situação geoestratégica do arquipélago determinou de imediato a obrigatoriedade do seu povoamento de modo a que, efetivamente, pudesse servir de base de apoio logística da navegação atlântica. Elas foram assim chamadas a desempenhar o papel de placa giratória no quadro do abastecimento de navios em água e em viveres.

Em 1500, Pedro Alvares Cabral, a caminho do Brasil, escala Cabo Verde da mesma forma que já antes em 1498, Cristovão Colombo

passou por Ribeira Grande, a primeira cidade capital de Cabo Verde a partir, de 1533.

Foi assim extremamente relevante o papel que o arquipélago cabo-verdiano desempenhou no mundo Atlântico com particular relevo para os séculos XV e XVI.

Segundo Orlando Ribeiro Cabo Verde foi “um centro de concentração e de difusão de plantas, animais e homens, como por ventura nenhum outro nos vastos territórios do mundo tropical”

Assim, funcionando Cabo Verde como placa giratória e escalando por ele, o Atlântico foi sulcado durante séculos pelos navios negreiros que ligaram a Europa à África e às Américas, numa rota de dor, de vergonha e de humilhação, que deixou marcas indeléveis em África, nos africanos e nos afrodescendentes.

Através do Atlântico os escravos “adquiridos” em África pelos europeus foram vendidos nas Américas e muito especialmente no Brasil.

Por aí se prefigura uma primeira estação no relacionamento entre o Brasil e Cabo Verde, tendo o Atlântico como estrada cultural, que eu chamo **estação da dor**.

Todos com certeza concordarão comigo que nada é mais fecundante, pelo menos literariamente falando, do que a dor, a revolta, o sofrimento.

Assim o eco da dor, da revolta e do sofrimento de milhares de seres humanos que na condição de escravos atravessaram o Atlântico, fecundou e fecunda ainda, de forma prodigiosa, algumas das mais belas páginas da literatura que se fez nas duas margens do Atlântico, Cabo Verde e no Brasil.

Porque, através do comércio de homens e mulheres escravizados o que se verificou foi o encontro de seres humanos. E num encontro de seres humanos necessariamente que há interinfluência cultural, que vai da gastronomia à religião, da música à língua e ao artesanato, sem esquecer a mestiçagem resultante do cruzamento entre brancos e negros.

Em Cabo Verde, particularmente, esta interinfluência aprofundou-se, pois, desde o início desse tráfico, muitos escravos foram trazidos para as plantações dos grandes proprietários fundiários,

dando origem a uma sociedade a que António Carreira chamou de escravocrata, formada a partir de colonos europeus e escravos africanos.

A esta primeira estação do Atlântico como estrada cultural eu chamo, portanto, de **estação da dor**. A interinfluência em nível literário entre o Brasil e Cabo Verde nesta época não existe pela simples razão de que em Cabo Verde ainda não existia produção literária digna de menção.

Já o Brasil tem uma vasta produção sobre este período, com particular destaque para a criação literária do grande poeta abolicionista Castro Alves.

Com a independência do Brasil, proclamada em 1822, ter-se-á iniciado, pelo menos na perspectiva das ex-colônias portuguesas de África, uma segunda estação do Atlântico como estrada cultural, que poderia ser caracterizada como **estação da assimilação**.

Efetivamente a independência do Brasil terá determinado, por via indireta é certo, o surgimento de uma literatura colonial nos territórios portugueses em África, posto que os portugueses, privados daquele “mundão” que era o Brasil, tiveram de se virar mais para as suas colónias africanas.

Em Cabo Verde, sem dúvida de forma paradigmática com o que se terá passado com as outras ex-colônias, o aumento de número de colonos portugueses determinou em cadeia o aumento da escolarização e do nível de instrução dos cabo-verdianos.

Igualmente determinou o surgimento da primeira tipografia que foi instalada em 1842, tendo-se então começado a publicar o Boletim Oficial que continha matérias administrativas e colaboração não oficial de cariz literário. O primeiro liceu foi instalado em 1860, e a imprensa privada data de 1877.

É assim, a partir da segunda metade do séc. XIX, que verdadeiramente se começa a formar o corpus do que, um século mais tarde, viria a constituir o edifício da literatura cabo-verdiana.

O primeiro livro de poesia de autor cabo-verdiano a ser publicado pertence a uma intelectual de origem europeia, nascida em São Nicolau, de seu nome Antónia Pusich (1804-1883). Trata-se da *Elegia À Morte das Infelizes Vítimas Assassinadas por Francisco de*

Matos Lobo na Noite de 25 de Julho de 1841, a mais antiga obra impressa da literatura cabo-verdiana e luso-africana em geral. Curiosamente, o pai da autora, o governador António Pusich também esteve e escreveu sobre o Brasil.

Data também dessa mesma altura, o primeiro romance de temática cabo-verdiana intitulado *O Escravo*, de José Evaristo de Almeida, de 1856, um romance extraordinário que trata com muita profundidade o tema da escravatura em Cabo Verde.

Contudo, o primeiro poeta cabo-verdiano de reconhecida autenticidade, segundo o estudioso e literato Arnaldo França, é Guilherme Dantas, que publicou em 1867 o seu primeiro livro de poemas.

Outros autores se lhes seguiram em prosa e verso, com particular destaque para Eugénio Tavares e Pedro Cardoso, os mais conhecidos escritores nativistas.

A primeira fase da literatura colonial cabo-verdiana é, assim, protagonizada por homens e mulheres da terra e por reinóis que, embora vindos da “metrópole”, radicaram-se na “colónia” e a partir dela é que fizeram as suas criações literárias. Muitos deles colaboraram no *Almanaque de Lembranças* luso brasileiro, de 1851 a 1900, com particular destaque para Maria Luisa Sena Barcellos, que se subscrevia *a africana* e faziam citações frequentes a poetas e escritores brasileiros como Castro Alves Olavo Bilac e Rui Barbosa.

É, contudo, no séc. XX, e sobretudo a partir dos anos 30, com o aparecimento da revista **Claridade** e o movimento literário a que deu nome, que se opera definitivamente a caboverdianização das categorias narrativas, passando a escrita cabo-verdiana a situar-se “num tempo e num espaço nosso” e consolidando-se assim o sistema literário cabo-verdiano.

É nessa mesma altura que se revitaliza o processo de influência da literatura brasileira sobre a cabo-verdiana, passando a literatura brasileira, sobretudo a nordestina, a desempenhar um lugar de absoluto destaque na criação literária cabo-verdiana.

Na verdade, os ecos da Semana da Arte Moderna de São Paulo de 1922, rapidamente chegaram a Cabo Verde, sobretudo a Mindelo, onde escalavam os vapores que faziam a ligação entre o Brasil e a

Europa trazendo a bordo os livros e as revistas que eram avidamente esperados. Aliás, é o próprio Baltasar Lopes, um dos expoentes da **Claridade**, que cita nomes de autores de livros conhecidos do modernismo nordestino que considera essenciais “pro domo nostra”.

Autores como Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Machado de Assis e José Lins do Rego são íntimos de Jorge Barbosa, Baltazar Lopes e Manuel Lopes.

Manuel Bandeira é o “meu irmão Atlântico” de Jorge Barbosa e no poema “Você Brasil” dedicado ao poeta Ribeiro Couto, Barbosa expressa a sua vontade de “botar uma fala / ao poeta Manuel Bandeira”, por quem ele faria “qualquer coisa impossível”. E continua Barbosa no poema “A carta” “era capaz de procurar a estrela da manhã.../ bateria de mansinho / à porta dos apartamentos do poeta solitário...” para acrescentar estes versos lapidares “então / sem qualquer palavra passar-te-ia a estrela da manhã” e conclui: “depois voltaria tranquilamente para a minha ilha / do outro lado do Atlântico”.

Bandeira é, aliás, um poeta emblemático para a **geração claridosa**, sobretudo pelo tema, tornado recorrente, do pasargadismo, por cuja via, fez a sua entrada triunfal na literatura cabo-verdiana.

Tal como Bandeira quis ir para Pasárgada, pois lá ele era amigo do rei, também poetas cabo-verdianos houve que quiseram ir para Pasárgada, pois lá os poetas são “irmãos de Cristo” (in poema “Itinerário de Pasárgada”, de Osvaldo Alcântara).

Como assevera Simone Caputo Gomes, “ao assumir a afinidade com o Brasil e sua cultura mestiça e autónoma, os escritores claridosos – em processo de emergência da consciência cultural e nacional – evidenciaram a sua determinação em refletir-se em (e por meio de) outros espelhos, mais próximos porque detentores de um itinerário histórico igualmente colonizado”.

Epígonista ou não da literatura brasileira, a verdade é que na literatura cabo-verdiana da época colonial sempre foram notáveis as afinidades e cumplicidades que com maior ou menor atraso ou falta de sincronismo, se evidenciaram entre estas duas literaturas em presença, veiculadas pela grande estrada do Atlântico, tão profundamente inspirador.

Por isso é que chamo a esse período do relacionamento cultural entre Brasil e Cabo Verde de **a estação de assimilação** pois que foi aproximando-se do Brasil que Cabo Verde descobriu a sua via própria de afirmação;

III - E, com a absurdidade própria que caracteriza a preocupação de pôr datas a fenómenos humanos absolutamente difusos, chegamos à contemporaneidade literária, com as letras e autores e autoras, que se revelaram sobretudo a partir de 1975, vitoriosamente data da proclamação da independência de Cabo Verde.

Que se passa então?

Se é verdade que assistimos a um primeiro momento de aproximação cultural entre o Brasil e Cabo Verde com o tráfico de escravos e os aportes culturais que eles levaram consigo (a língua, a música, a gastronomia, o artesanato, as religiões) e, por isso mesmo, caracterizamos como **a estação da dor**, devido aos indizíveis sofrimentos que foram infligidos aos homens e mulheres que foram trazidos escravizados da costa africana, ladinizados em Cabo Verde e vendidos no Brasil após uma travessia do Atlântico realizada em navios negreiros;

Se é verdade que pudemos identificar um outro momento singular nesse relacionamento cultural Brasil/Cabo Verde com o impacto que as literaturas produzidas em terras de Vera Cruz tiveram sobre aqueles que começaram a dar consistência ao monumento literário cabo-verdiano, então ainda sob dominação colonial, na busca de espaços identitários que permitissem sair da perplexidade em que encontravam os escritores cabo-verdianos e a esse momento designamos como a **estação da assimilação**.

Também é verdade que, vencidos esses dois fenómenos vergonhosos da nossa história comum, a escravatura e o colonialismo, de que, pelo menos, nos ficou como fator positivo a língua comum e a emergência de sociedades mestiças, uma outra perspetiva deveria abrir-se para o relacionamento entre os nossos dois países.

E foi o que realmente aconteceu.

Após um período em que o relacionamento se abrandou significativamente, pois que a emigração cabo-verdiana se radicalizou

para os Estados Unidos da América e Europa, com a proclamação da independência de Cabo Verde e o estabelecimento de relações bilaterais, cedo os cabo-verdianos começaram a ver no Brasil um irmão mais velho, mais experiente e mais capaz, aonde ir colher as necessárias experiências para a construção nacional. Entre outras camadas também os estudantes cabo-verdianos, na busca de novos destinos onde pudessem realizar a formação universitária então inexistente no país, depressa viram no Brasil a alternativa certa para a antiga metrópole colonial.

Foi então, e continua sendo, grande o número de jovens cabo-verdianos que demandaram as universidades brasileiras para a sua formação superior.

Esse relacionamento universitário é particularmente fecundante, pois ele põe em contacto massa crítica de ambos países ávida do saber e do conhecimento e de se descobrirem reciprocamente.

A breve trecho, no ambiente académico brasileiro começaram a aparecer os textos e os estudos que se debruçaram sobre a literatura produzida também em Cabo Verde.

Em 1993, a então professora da Universidade Federal Fluminense (UFF) Simone Caputo Gomes defendeu aquela que viria a ser a primeira tese de doutoramento, no Brasil, sobre um escritor cabo-verdiano, o renomado Daniel Felipe, com o seu poema antológico, “A invenção do amor”. Curiosamente, e fazendo a ponte com o meu percurso pessoal, o lançamento da obra resultante da tese de doutoramento seria realizado em Cabo Verde na mesma cerimónia em que foi lançado o primeiro livro de poemas desta que vos escreve, intitulado *Amanhã Amadrugada*. Esse lançamento conjunto, verificado há precisamente vinte anos, selou, sem o saber, uma amizade que só fez crescer e dar frutos durante estas duas décadas que nos separam do momento inicial, que ousou dizer iniciático, pois que foi assombroso o desenvolvimento que, a partir dele, se veio a verificar no relacionamento literário Brasil/Cabo Verde.

Na verdade, tudo o que era relativamente incipiente, apesar de bom, começou a adquirir um outro cariz e a partir daí começaram a multiplicar-se os contatos, os estudos, e as teses de mestrado e

doutoramento que os estudiosos e pesquisadores brasileiros começaram a dedicar aos autores cabo-verdianos. Inclusivamente já se regista um número crescente de pesquisadores cabo-verdianos que escolhem o Brasil para fazer pesquisas sobre autores cabo-verdianos.

Os nomes de professores brasileiros que enformam esta lista são já significativos se tivermos em atenção que Cabo Verde é um pequeno país de quinhentos mil habitantes, embora a *ratio* de homens e mulheres da escrita seja considerável. Por todos, e sendo certo que muitos outros igualmente importantes constariam desta lista, pois ela é essencialmente subjetiva, falaria dos professores Carmen Tindó, Abdala Junior, Laura Padilha, Aparecida Santili, Simone Caputo Gomes, entre outros e outras.

O curioso é que esta lista vem sendo extremamente fecundante e novos nomes como Christina Bielinski, Iris Amancio, Jurema Oliveira, Dirce Carion, Teresa Salgado, Jane Tutikian, e outros/as mais vêm inscrevendo seus nomes neste painel de autoridades.

E pesquisadores recentíssimos, como Aparecida Benevenuto, Genivaldo Rodrigues Sobrinho, Érica Antunes, Cláudia Correia ou Ricardo Riso, nos dão a certeza de que o movimento é ascendente, enriquecedor, e cada vez mais abrangente.

Do lado dos escritores cabo-verdianos contemporâneos, os nomes que vêm suscitando uma maior fortuna crítica por parte dos estudiosos brasileiros são, no meu modesto entender, Corsino Fortes, Dina Salústio, Filinto Elísio, Evel Rocha, Fátima Bettencourt, José Tavares e eu própria Vera Duarte.

Há um dado sintomático que muito gostaria de realçar: Nós escritores africanos contemporâneos estamos chegando ao Brasil quase em simultâneo com a emergência neste grande país mestiço de um autêntico escol de novos escritores afro-brasileiros, sobretudo brasileiros descendentes dos homens e mulheres que, no século XVI e XVII, vieram para este país na condição sub-humana de escravizados. Depois de um longo período de invisibilidade ou mesmo negação da escrita produzida por negros e por mulheres, estamos assistindo, neste momento, à merecida e justa ascensão desses escritores e, por todos, realço a figura de uma escritora **mulher e negra** de uma dimensão

extraordinária que é Conceição Evaristo testemunha da opressão de classe, género e cor que por demasiado tempo perdurou, e de quem tenho a honra de ser amiga. Outras e outros como ela vêm semeando a literatura brasileira de vozes inovadoras, subversivas, muitas vezes corrosivas, reclamando um outro olhar e uma outra postura face à própria ancestralidade.

Ora é nessa comum ancestralidade que os nossos dois povos vão buscar as raízes que, por vezes maltratadas, por vezes acalentadas, se fazem hoje presentes e atuantes.

Como asseverou o historiador Daniel Pereira, “existe entre nós um tipo de relações não só de proximidade geográfica mas de carácter histórico, cultural e linguístico, o traço de união entre todos nós, o concreto que nos liga de forma indelével”.

Em todo este processo é de justiça assinalar o papel absolutamente primordial da **Lei 10.639 de 9 de Janeiro de 2003**, primeiro ato normativo do presidente Lula da Silva, editado pouquíssimos dias após a tomada de posse do seu primeiro mandato presidencial. Fruto de ativismos vários ligados à preservação, recuperação e valorização da herança africana na sociedade brasileira, a lei 10.639 vem constituindo um importante ponto de partida para uma atividade absolutamente ímpar virada para os africanos e afro-descendentes e tem permitido o resgate da contribuição africana na brasilidade. Tem também permitido uma grande visibilidade aos autores africanos contemporâneos.

O que é que podemos inferir de todo quanto acabamos de assinalar?

Permito-me tomar de empréstimo as palavras de uma das protagonistas deste processo, a professora Simone Caputo Gomes que, no seu texto intitulado “Cabo Verde e Brasil um amor pleno e correspondido” dedicado a dois monstros da nossa literatura, Manuel Ferreira e Luís Romano, diz:

“Tal como o angolano Ernesto Lara Filho (que declarou o seu amor para o Brasil), a grande dama da literatura moçambicana Noémia de Sousa já exaltava (em versos escritos em 1949) expoentes brasileiros como Jorge Amado “amigo do povo, da justiça e da liberdade”, Castro Alves, o poeta dos escravos, Luís Carlos Prestes, o

cavaleiro da esperança e enfatizava a irmandade entre os povos africanos e a gente revoltada e sofredora do nordeste brasileiro”.

Escolhi exatamente esta citação para com ela significar duas situações a saber: primeiro, que o que venho dizendo em relação a Cabo Verde se aplica *mutatis mutandis* às outras ex-colónias portuguesas de África; segundo, que os olhos dos africanos já estavam há muito virados, com amor, para o Brasil, pois as palavras de Noémia de Sousa poderiam perfeitamente ter sido proferidas por Baltasar Lopes, Jorge Barbosa ou Manuel Lopes.

E se agora os olhos do Brasil se viram, com amor, para a África, o que temos?

Um amor pleno e correspondido!

É por isso que eu venho chamando ao período que estamos vivendo de **estação do amor**, pois é neste momento que os olhos do Brasil se viram para Cabo Verde e os de Cabo Verde se viram para o Brasil, cruzando-se, dialogando, intertextualizando, interrogando-se, complementando-se e se homenageando.

Prosa entre irmãos (crônicas e contos)

CARLOS ALEXANDRE NASCIMENTO ARAGÃO (AGL)

Um ser especial

No processo de criação do mundo, Deus fez o homem à sua semelhança, e a costela de Adão serviu de inspiração para a criação de um belo ser, meigo, carinhoso, protetor e portador da vida. Porém, logo foi tentado pela serpente e acabou comendo o fruto proibido.

A partir daquele momento, houve a sua estigmatização. Pode ser um equívoco, mas o que nos leva a crer é que era preciso puni-lo para servir de exemplo por conta da desobediência.

O tempo passa e a sociedade acompanha as diversas transformações, mas alguns pensamentos e comportamentos continuam intactos/inalteráveis, devido ao forte poder controlador advindo da sociedade machista.

O pensamento de que o lugar de mulher é atrás do fogão ou cuidando do lar se perpetua até os dias atuais e é comungado por diversos sujeitos de diferentes classes sociais. Mas há aqueles, incluindo as feministas, que gritam aos quatro cantos que o seu lugar é na linha de frente. Vejo que esse lugar vem sendo ocupado ao longo do tempo, mesmo que de modo tímido, apesar das antipatias.

Ao trazer o olhar para a mulher brasileira é possível observar diversas situações que conduzem ao protagonismo deste ser. Na atualidade, em nossa sociedade, muitas famílias são chefiadas pelo brilho e encantamento da mulher. O nosso país, apesar do golpe, tinha a figura feminina no comando da nação, quebrando vários preconceitos e mitos. Assim, essa figura vai ocupando espaços que outrora eram apenas dos homens.

Mas é válido ressaltar que não são todas as pérolas que chegam a tal patamar, pois ainda há algumas presas aos padrões machistas, que são silenciadas, oprimidas, humilhadas, abusadas e sem identidade.

Quero, aqui, destacar a força, trabalho, amor, determinação e esperança da mulher sertaneja. Esta, diferente da mulher urbana,

vivência em seu dia-a-dia a ação desumana que o homem comete contra ela, devido à ignorância e à cultura machista presente nas terras por onde o bando do cangaceiro Lampião passou. Mas, mesmo com tamanhas adversidades, ainda encontramos bravas mulheres que rompem as amarras, mostrando que o seu lado não é de submissão e nem tão pouco de dominação, e sim de igualdade. Vale lembrar a força e a maestria da cangaceira Maria Bonita.

A busca pela igualdade também é uma constante na vida de Dona Zefa da Guia (líder comunitária, parteira e cuidadora da saúde espiritual dos seus liderados), moradora de uma comunidade quilombola no município de Poço Redondo (SE). Além de dona Zefa, destaco a história de diversas professoras das décadas de 1960-1980, que lutaram contra tudo e todos para transformarem a sua realidade e a do seu povo sertanejo, libertando-o das amarras dos coronéis, sofrendo perseguições políticas, como foi o caso de Dona Etelvina, educadora do município de Monte Alegre de Sergipe (SE) que foi transferida por alguns anos para Capela (SE), sem nunca deixar que seu objetivo fosse desfocado.

A mulher, seja sertaneja, brasileira ou mundial, precisa ser respeitada, cuidada, apreciada, admirada e amada por toda a sociedade. Ela é uma das peças fundamentais para a continuação da existência humana. Nesse sentido, se não há mulher, como teremos novas gerações, flor, beleza, perfume para alegrarem o nosso mundo caótico? Mulher é a figura de Maria.

CARLOS ARAÚJO (ACL)

Voando no infinito da nossa concha

Benvindo disse que era capaz de reconhecer um cabo-verdiano em qualquer lugar onde ele estivesse. Aliás, ele foi bem claro: Um cabo-verdiano loiro de olhos azuis na Islândia ou preto de olhos vermelhos numa rua do Gana não me escapa.

– Cabo-verdiano!?

– Ok, corrijo, mindelense. E digo mais, quando uma mulher passa ou está presente...

– Claro, também assim é fácil.

Um Jovem que passava, entretanto, interrompeu a conversa dirigindo-se de forma ostensiva ao Benvindo, se bem que ficando à distância, cambaleando e de mãos na cabeça. – Patrão, patrão. Ele é meu patrão. Tenho um livro teu, mais do que dois. Ele é meu patrão – tropeçou mas não deixou de repetir a frase ainda umas três vezes

Benvindo sabia que tais deferências vinham sempre acompanhadas de pedido de dinheiro e que o melhor a fazer era ignorar. No entanto, o rapaz continuava ininterruptamente com a sua ladainha puxando do bolso tudo o que encontrava para o elogiar indo até o ponto de recordar que na altura da campanha ele tinha “*panhod na tchom pa pol*”^{51*} já que tinha sido comprado por um outro candidato.

– Tinhas a mania que eras sério, não davas dinheiro a malta e, olha.

– Então não o apoiaste?

– Espera aí que a conversa ainda não chegou na ignorância. Senhor Benvindo, cuidado com esses amigos. Esse aí é falso. Ele é desses que só sobem na vida porque entram para um partido político. Ele nunca se dignou ler um livro seu.

– E tu já leste?

O rapaz começou a desbobinar partes de um dos primeiros livros do Benvindo, até que sem mais nem menos meteu as mãos na cabeça e começou a falar para si mesmo. Querem comer a minha

⁵¹ Calúnia.

psicologia, mas eu vou dar a volta com a minha *macacologia*⁵². Ó senhor Benvindo, senhor Benvindo olha, eu não sou uma encarnação de um espírito drogado como dizia o Manuel de Novas mas acho que estou a precisar de ir a sessão. – Cambaleou sempre com o dedo indicador para cima.

– Faz isso, o que mais prolifera nessa terra são os centros espíritas, mas tens de entender que não são espíritos que te têm nesse estado.

– Não!? – Exclamou sacudindo os calções rotos e sujos – *bocê ca tita oiá quês ta rmod na mim?*⁵³

– É esse grog que está dando cabo de ti. Podes parar de sacudir os espíritos que ontem na sessão eles foram enviados todos para o astral superior – Gozou o Benvindo que, apesar do respeito que tinha pelo trabalho dos racionalistas, não cansava de encontrar exagerada a quantidade de casas racionalistas espalhadas pela ilha.

Enquanto o bêbado se afastava, os dois entraram no “Plurim d’peixe” com Benvindo a ser completamente assediado pelas peixeiras. As pedras estavam cheias de garoupas, sargos, bicas, esmoregal, enfim, uma variedade enorme de peixes de cabeça e o atum a baixo preço.

Sr. Benvindo, Sr. Benvindo, estou aqui. Gritavam as peixeiras ao mesmo tempo, dando azo a uma luta de palavras disputando a atenção do assíduo cliente. Maria, que gritava mais do que as outras, disse: hoje é aqui que ele vai comprar porque o meu peixe está tão bom como o dele.

– O quê! Não me digas que já o viste também. Aquele lá é meu e de Joana. – E todos riram quando a Joana, senhora já entrada nos setenta apareceu dizendo: – vem, vem *nha mucim*. Compra-me este peixe já que não me queres dar do teu. E depois voltando para as mais novas – ainda hei de experimentar este peixe antes de muitas.

Benvindo sentia-se bem no meio daquele ambiente despido de preconceitos e de falsos pudores, onde muitas verdades vinham à tona trazidas pela alegria de gente vivendo intensamente o presente. Por estranho que possa parecer, era no meio dessa barafunda que lhe

⁵² Ciência da aldrabice.

⁵³ O sr. não vê que os espíritos não me largam?

chegava um silêncio interior que irradiava ternura e lhe fazia sentir o brilho do dia.

Por instantes parou lembrando da conversa que tinha tido com um amigo, presidente de uma das casas racionalistas, e da estranha coincidência entre o seu artigo para um jornal e a comunicação feita pelo espírito daquele que foi Baltazar Lopes, figura incontornável da literatura e do pensamento cabo-verdiano. Ambos tinham dito que, apesar da elevada espiritualidade do povo da ilha, a população mindelense estava a passar por uma fase muito difícil. Uma fase em que a pobreza começava a roçar a miséria, fazendo com que a ausência do belo desse lugar a estranhos radicalismos e muitas vezes ao uso do carácter como bengala de segurança dos inconscientes.

– Tanto peixe, tanta variedade! – exclamou o amigo colando-se numa peixeira que passava.

– Tanto peixe, tanta hortaliça, tanta carne, tanto leite, tanta gente mal alimentada só por causa duma cultura demasiado estática. Sabias que, apesar de termos muita gente com uma alimentação deficiente ou mesmo rondando a fome, essa ilha produz muita hortaliça que infelizmente não faz parte da nossa cultura alimentar; não bebemos o leite fresco em detrimento do importado, não comemos a carne da cabra e, no entanto, já chegamos a exportar esse animal e a sua carne. Olha, no Brasil ainda existem cabras com traços das nossas.

– O Brasil recebeu muita coisa nossa, não é verdade!? Acho que até mesmo escravos foram daqui. E sempre os melhores!

– Sim, sim. Os melhores exemplares; mas não no caso dos escravos que entre esses os melhores devem ter conseguido escapar e ficar por aqui mesmo – brincou Benvindo enquanto se despedia do amigo e entrava para o carro que foi deslizando rumo ao centro da cidade até que numa estreita rua o trânsito parou e ele se encontrou envolvido num mundo diferente, onde se sentiu transformado em espectador, vítima e autoridade.

Um carro de polícia, quatro polícias, quatro mulheres e, ao que parece, ele que teimosamente fazia parte daquela riola.

Envolvidos numa bolha gigante onde só eles existiam: os quatro polícias, sérios, autoritários e representantes de um poder

quase divino. As quatro mulheres, sofridas, de rostos estupefactos e lábios que tremiam, e ele, observador anónimo e, no entanto, criador e responsável pela história.

Ela, a mais forte das mulheres, levou os braços aos céus e trouxe-os esticados até aos joelhos, levantou os braços até aos céus e trouxe-os de novo até aos joelhos, levantou-os até aos céus e trouxe-os até aos joelhos.

Os lábios da mais nova tremiam, tremiam, os lábios tremiam numa raiva surda, tão surda que a sua vibração criou a onda que os envolveu, separando-os de tudo o que é imaginável e concebível num mundo de seres inteligentes.

As duas outras mulheres ficaram aí paradas, de cara *tã*, consumidas pela dor, no silêncio instantaneamente eterno.

Os quatro polícias saboreando o trago amargo da lei, olhavam com olhos punitivos as quatro mulheres que vinham conspurcando as ruas da cidade com a sua dura luta pela sobrevivência. Mulheres armadas com os terríveis balaios de banana, quais canhões apontados a...

Bem-vindo vinha do campo onde uma cabra tinha parido duas crias, ou será que tinha dado a luz!? O cão e o cavalo tinham-se aproximado para dar as boas vindas aos recém-nascidos, e ele tinha pegado num pequeno feixe de palha que distribuiu aos animais, fazendo-se passar pelo anfitrião.

Os polícias também tremiam já que nem sempre é fácil obedecer ao poder quando ainda somos capazes de saber quem somos, quando ainda não somos somente um objeto de uso do poder, quando ainda não estamos totalmente domesticados.

E eram só eles naquela bolha: quatro polícias, quatro mulheres e ele, observador consciente da possibilidade. Observador que envolvia os polícias no seu manto de pena pela dor que sentiam por causar tanta dor.

Na sua bolha, uma senhora era baleada na porta da sua casa naquela cidade que se orgulha de ser a capital. Dois jovens eram baleados no seu trabalho na cidade que se orgulha de ser a principal

Alguém bem vestido, mas com nariz de sábio, deixou no ar o perfume da sua sabedoria: as leis são para serem respeitadas. E na

bolha uma onda de dúvida trazia a possibilidade do direito ao trabalho honesto.

E eis que, de repente, o silêncio da bolha era a onda de raiva que ocupou o pequeno mundo unindo os quatro polícias, as quatro badias mais algo que deveria ser ele e um som da mais pura musicalidade saindo da boca das quatro senhoras.

Que o inferno vos seja pouco.

E na bolha a criatividade inventou o inferno, qual arma nova e valiosa na luta contra o novo significado da cidade estética.

Só que na onda da bolha havia mais possibilidades, poderiam perfeitamente abandonar os padrões antigos e bem conhecidos e tomar um voo rumo à descoberta de novos contextos para o estudo do novo significado cuja ausência vem de há muito atormentando as almas.

E foi no exato momento em que a onda do grito das quatro mulheres preencheu todo o espaço da bolha, matando de vez o medo, que se descobriu o novo contexto para o estudo do novo significado da palavra compaixão.

A normalidade voltou e Benvindo dirigiu-se ao tropicalia onde se juntou a um grupo de amigos no passeio da rua. Falavam da Alcaeda, do Boco Aram, do Estado Islâmico e da sorte que tínhamos na riqueza da nossa pobreza.

– Essa paz, essa vida descontraída, essa humildade ninguém nos vai tirar. Trocamos de há muito a riqueza pela humildade de viver em paz e em harmonia com a natureza. Não é, Benvindo?

Benvindo tomou uma cadeira e disse – A chuva bate lá fora e, cá dentro, no coração do homem há sempre uma mulher e um lindo Sol de inverno.

– Eia! Esta é uma terra de poetas. Olha que o homem que caminhava pelo Lombo, da maresia trazia o orvalho no rosto. Era poeta que amava da noite o seu brilho, era quase um orvalho de nome Aurélio.

A essa referência a Roque Gonçalves, Benvindo ripostou – Cabo-verdiano, filho do mar, filho do vento, somente a semente do ventre da bruma. Tu que matas tal saudade com outros amores, tal como o vento é teu destino a liberdade.

Alguém cujo nome não quero dizer, de mãos na nuca e pernas estendidas incomodando os transeuntes, continuou calmamente – Bateste tanto nestas pedras que chamaram-te de mar. Roçaste tanto nessas saias que chamaram-te de vento. Dizia Bia que eras vento e Mário que eras mar. A acácia por sua vez te chamou de mar e vento.

Dos sete amigos sentados aí naquela esplanada da Av 5 de Julho, um vivia na Suécia, outro na Bélgica e o terceiro na Austrália e foi precisamente este que aproveitando um momento de nostalgia lamentou – Nós lá fora cheios de saudades e vocês aqui desfrutando essa paz de Deus.

– Lembrar exatamente do dia em que partiste é lembrar eternamente de ti, oh, emigrante. Partiste como chama perdida na lonjura e corpo preso em minha alma confusa na amargura. Oh tu! Metade que és de mim.

– Quem és, por onde andas oh Cabo-verdiano? Lá fora? Cá dentro? Que cultura é a tua senão a que nasce na fonte do mundo e vem nas ondas do mar desaguar no teu estuário? Que cultura é a tua, oh mindelense, senão a da morada onde desaguam todos os afluentes das fraldas da cidade – comentou alguém.

– É, somos todos um, o mar não nos separa, só nos individualiza – comentou o Benvindo com aquele seu ar pensativo – Foi tanto tempo, tanto mar, mas aí estás; sapato preto e branco em um fato de caxemira, dizendo que vivias tão bem em La Plata. Amigo mira, mira, conheci a Evita, e no teu sucesso vi um fato de caxemira. Ah! Minha gente, foi tanto tempo, tanto mar que perdi, mas logo que te vi senti teu corpo em mim. Que minha alma levaste-a já um dia contigo

– Olha aquele estrangeiro tentando pegar aquela mocinha. Poça que o homem é branco pra caramba.

– Estrangeiro não é de certeza, que estrangeiro não conquista assim.

– Quem! Estrangeiro aquele! Aquele é o Vavuca

– O Vavuca! O corvo da Noruega!? Há quanto tempo!

Vavuca, que tinha apercebido da conversa, mal se libertou da conquista, dirigiu-se ao encontro do grupo, com aquele ar de ator que morre no princípio dos filmes e, com uma voz pousada e sorriso nos lábios disse: – Estrangeiro és tu seu preto de merda – deixando-se cair

sobre uma cadeira e esticando as pernas – já cheguei a essa terrinha, agora quero é só *passa sabe*.

– Agora é só promiscuidade

– Mim Gó! Que tenho a ver com isso? Cabo-Verde deságua no Mindelo, este porto de águas mansas que é nada mais nada menos que um grande abraço de amor e compreensão a toda a promiscuidade de uma cidade ainda criança. E cá estamos nós, unidos pela morna, individualizados pelo mar, vivendo o presente num passado futuro que talvez sequer exista.

DANNY SPÍNOLA

O canto do cisne de Dante

I

Eu não vou contar-vos aqui uma história, como soy contar-se geralmente. vou contar-vos um Canto; um Canto à minha Beatriz, “um deus mais forte do que eu” que é como quem diz ao meu Cisne de Luz. Diziam, de mim, Dante, as mulheres: “Olha esse que vai ao inferno e volta quando lhe apetece”. Bocaccio, com as senhoras, tergiversou prendendo o seu demónio no inferno. Rimbaud, também, com a sua época no inferno mostrará como esteve no inferno; e bem sei eu, que de lá nunca voltará, porque o seu inferno aqui mesmo na terra será. Quevedo há-de dizer que «escutara o inferno com muita atenção e que lhe parecera notável coisa – porquanto era a cupidez dos juízes, o ódio dos poderosos, as línguas dos maldizentes, as más intenções... etc.». Orfeu, segundo a mitologia, desceu ao inferno com a sua flauta para recuperar a sua amada Eurídice. Tudo isso sobre o inferno digo eu agora porque eu também tenho algo a contar sobre esse lugar, ou essa simples essência que não sabemos bem o que é, nem como é, nem onde fica. Mas permitam-me contar este meu Canto em epístola «serventesio», pelo que de mais belo pode preencher o peito humano. Creiam-me, não vou contar este Canto como se costuma contar um conto. Nem sei se terá algum sentido ou alguma razão de ser; ou se não será, apenas, um amontoado confuso e banal, tal o caos de Blake...

II

É isso, meu amor, é este o meu canto, Beatriz. Eu, Dante, Cubro o rosto com poemas, com sonetos «para vós que no caminho do amor andais», Enquanto tu, toda de avesso, me sorris, enigmática. Com os braços cruzados num abraço Escrevo E enquanto escrevo, lágrimas sufocam-me o rosto E caem na folha em que escrevo E inundam o branco da folha Que começo a preencher. Tenho o sol e tenho a lua Ao meu lado, olhando-me. Tenho salitres ao meu redor. Olho-te com os olhos vazios, mas plenos por te olhar: no coração um cavalo galopando Na alma uma serpente mordendo. Estou aqui e não estou. Estou ali e não estou. Sou

e não sou e quem sou eu, afinal? Meu amor... Minha amada, o mediterrâneo corre nas minhas veias e vem gritar na boca da minha garganta a sua substância marítima de maresia que bebe das praias de todas as vozes a voz solitária, silente e salgada do Atlântico que todos os dias me vem beijar a alma desnudadamente insossa. No verde luzir, brando e luzente, Da minha ansiedade, em catedrais erigindo-se Cheia de cantos e encantos há os teus cantos Beijando-me, alva, a alma.

Na brisa mansa e bêbada desta minha felicidade à solta, com o nosso reencontro há céus inexistentes mas belos e resplandecentes cheias de seda e azul delirando como um girassol ao Sol girando No longínquo ecoando, aceso, oiço o florir de uma imaginada evocação, tal uma melancólica brisa, pelo ar transportada, líquida de imagens. É um chamamento fundo e leve de recordações Que rola pelo espaço e vem gelar na minha eternidade Num correr suave de narcisos expirando E me deixa inquieto com os sentidos em chama. Na noite em transe, carregada da tua presença O meu espírito se expande e se resplandece Crescente no horizonte branco que se me sugere Para além do ser sem fim que ao meu redor pressinto, há as tuas promessas cheias de luminosidades Na limpidez dessa voz que em mim se insinua. há fontes puras com sabor a leite e flor Trazidas no murmúrio Cúmplice dos nossos espíritos se encontrando. há remos e quilhas encantados de maravilha e perfeição Que se inscrevem fundo nos meus anseios Meu amor, será que agora já não te reconheço? Quem és tu que se me apresentas com mais de mil faces enevoadas. Agora te sinto na crista dos ventos caminhando E leve vens, pisando as margens verdes do lago que é a minha ALMA. A harmonia dos teus passos em mim Desperta-me perfumes Antigos e conhecidos do nosso viver louco, em loucas estações de amor inconsútil. Como são maravilhosas as auras de muitas promessas Como é belo a tua insinuação pelas auroras das noites que me despertam desejos de encantadas paisagens Com florestas coloridas e cidades de cristais; A ousadia da tua atitude no meu ser Metamorfoseia o ser que em mim existe num outro ser. E decerto Não és uma vã miragem da minha imaginação Do meu desejo exótico que se acordou. Isso sei eu porque me lembras agora por inteiro as nossas outras histórias de loucuras mil, de entre as quais em suave sono me apareceste tal uma «visão maravilhosa» vi depois,

«meditando no que me tinha aparecido», que podias ser um fantasma alegórico, bailando à volta da minha ilusão. E peço-te que acalmes porquanto não renunciarei nunca ao teu ser Ao travo doce-amargo que flúí das minhas desditas e querer Pois que não surgiste inventada do nada. Sei que és uma ilusão virgem Da minha alma desconhecida e fugitiva que se revoltou por tanto te querer; Sei que és um anjo secreto, que «não parece filha de um mortal, mas sim de um deus» sei que te chamas saudade e que vives entre as folhagens da insatisfação!?! Sinto fatalmente que essa é a tua natureza O teu corpo não é somente fome de consolo A substância de que és feita não é somente Preenchimento de vazio A sede de substituir as outras imagens que me consomem Ê que te chamou para esse horizonte de vertigem A necessidade clamando que cale esse vitupério de sublimação é que te chamou para esse horizonte de veneração Mas A tua sombra Não deverá ocupar esse lugar Que se tornou também em sombra e vácuo. Eu quero luz Muita luz límpida e brilhante Que vibre e trepasse esse azimute de dor e nostalgia Se tu és passado e não te vejo REMEMOrO.

Se tu és longínqua e inconcreta NÃO TE TOCO Como poderei prosseguir o meu canto de oiro E CLArIDADE!?! Se tu própria não és o presente real MAS IMAGINAÇÃO Se não és a verdade dos anseios que me possuem Como poderei Existir-me real para a não existência Se tu realmente nem para o futuro Avizinhas tu és um corpo ausente com exalações no presente Como poderei eleger-te nos meus sonhos E LEMBrANÇA Pois eu hei-de tragar-te em ruminação e arrotar-te Até que te metabolizes no meu organismo E passes a ser após a tua assimilação uma parte integrante de mim, Isto é até seres realmente o que és rECOrDAção rECOrDAção Mas eu quebrarei esse encantamento que me subjuga E subirei pela foz do rio da vida até a sua essência Para colher essa luz da verdade da existência Até que eu sinta o sol da emoção germinando-me as entranhas Até que eu me sinta mesmo real e total na plena face do amor Subirei aos píncaros deste jardim natural Que se me oferece em cada pétala Dessa praia imensa Que é o mundo e as suas possibilidades A veia que me nutre esse impulso de festa É feita de sangue e paixão desejo e emoção Como é bom fluir em todas essas delícias desse teu fogo ardente Que em segredo acende cada

gesto dessa nossa gesta. E estou falando aqui«daquela formosíssima, que bastante recorde, Beatriz, que tu bem sabes»

III

voltando agora ao inferno, que no início foi referido, penso que merece, pelo menos, duas palavrinhas neste concerto de muitos afluentes. O inferno, segundo a Bíblia, é feito de fogo e de atrocidades; e alguns dizem que fica no interior da terra. há ainda aqueles que o descrevem como castigo e abominação onde não faltam seres fantasmagóricos de chifre e rabo com um tridente na mão. Eu, Dante, N' A Divina Comédia, retratei-o de forma variada e horrenda, como um lugar de expiação, de suplício e castigo, com as suas várias esferas e níveis por onde passei, incólume, com o meu mestre virgílio, até deparar-me com o esplendor excelso da minha Beatriz. Na Bíblia, nas tragédias gregas e shakespearianas, que virão, assim como em várias outras literaturas e latitudes o inferno está sempre presente. É de se dizer que Já ZArATruSTA FALAvA E DIZIA: Que “mesmo na mulher mais doce há sempre qualquer coisa de amargo”; e dizia mais ainda, que “mesmo no amor iluminado da mulher, permanece, sempre ao lado da luz, a surpresa, o relâmpago e a noite”, que são “gotas (...), ou pássaros; ou, no máximo, vacas”. E vou falar agora desse inferno/paraíso que um dia saboreei... Ela trazia as cores e as luzes todas do arco-íris, e do mundo todo, para a nossa união. havia flores e preciosas pedras nos seus beijos, nos seus gestos, e no seu falar. Durante algum tempo assim vivi; conheci a felicidade e glória excelsa; provei o mel e o leite numa cratera divina; experimentei a loucura do amor e o delírio da paixão; desfrutei da melodia e do vinho no mesmo cálice até que um dia, a noite e a escuridão, a surpresa e o relâmpago, a dor e a amargura desabaram sobre mim, com a sua desdita e falsidade, fazendo as trevas reinarem então, e eu já não fui mais eu. O ópio do ódio e da solidão entranhou-se em mim e salgou-me a carne e a alma, e queimou-me o sangue e as vísceras. A minha Vida Nova tornou-se então em caos e lamento; Mas, felizmente que para mim a vida é bela e não me prostrei no limbo da desilusão e da amargura. Lutei, batalhei, revoltei-me perante o mundo e a vida, e prossegui a minha caminhada em busca de luz. E pelo caminho encontrei coisas

maravilhosas, apetecíveis e agradáveis: muitos paraísos habitáveis e comestíveis que desfrutei com afã e volúpia, ignorando sempre o inferno possível, que, eventualmente, ali coabitava. E assim fui seguindo a minha jornada, mergulhando-me nesses poços magníficos, perdendo-me em vertigens orgásticas, tal um rio tranquilo no seu leito. E aqui estou eu, crédulo e incrédulo, como Diógenes com a sua lanterna, à procura... da Mulher Paraíso? À espera da minha bela Beatriz. À espera «que a minha lama possa contemplar a glória da sua dama, a bem aventurada Beatriz, que gloriosamente olha no rosto Aquele qui est per omnia secula benedictus» E agora, meu amor, minha doce Beatriz, vou contar outras histórias do paraíso, porque, desculpa-me, amor, mas eu gosto mais do paraíso e muitos Cantos tenho ainda para contar e cantar em baladas e epístolas

IV

Eu, Dante, vou Cantar-te, Beatriz, outros momentos de estivais estações do meu encanto. Beatriz, muito antes de te ver e de te querer assim tanto, Saí eu um dia à tua procura. No ar o teu nome esculpi. Embrenhei-me por entre lírios em brumas e nuvens de pólenes germinais. O teu semblante no tempo eu desenhei. E na boca do mar, o meu grito mais forte lancei, com o teu nome incendiado. Nem as grutas mais fundas, Beatriz, em eco me responderam, nem a onda mais forte esse grito cheio de ti me devolveu. Descalço, segui-te, convertendo-me à poeira dos teus passos, mas, mesmo assim, não consegui descortinar-te. O teu odor perscrutei e o teu calor tentei sentir, mas em vão, porque a ti não consegui chegar. No espaço sideral, lancei-me; espalhei-me em cometas e planetas incomensuráveis e infinitas. Átomos, moléculas e genes totais o meu travo conheceram nessa minha lide de te procurar, mas nem assim te pude encontrar “procurei-te e não te achei”, e assim, possesso, e louco de desespero, lúcido e incorpore, fiquei.

Por todos os cantos e largos, e nos lagos em cantos te procurei. Chegadas, partidas; partidas, chegadas; destinos, destinos, destemidos; aventuras, aventuras, venturas: eis a rota do meu sangue, Beatriz, minha doce rola, na peugada da tua essência evasiva; eis a soma parcial e virtual da minha intensa procura. O meu desejo de te encontrar foi

tão forte, tão forte, que um sonho inventei para contigo sonhar e assim poder te achar, mas, mesmo assim conseguiste escapar-me. Nem na utopia mais pura e veemente a ti pude chegar. Poemas e madrigais no húmus e no lixo lancei, pensando no processo biológico do ser; e tentei nos hieróglifos das estrelas o teu signo e a tua sina, decifrar, mas nem assim, nem assim o teu rosto e o teu nome decifro. Passado, presente e futuro percorri e esquadrinhei, com lanternas e lupas utópicas para verificar que, decididamente, não existes, que não tens matéria física, nem esotérica. E agora, e agora, que fazer – pergunto e pergunto e interrogo-me, depois de tanta procura, e, finalmente, a resposta encontro e te encontro bem dentro de mim. Afinal, nada havia a procurar e tu não passavas de um anseio estival. E, finalmente, encontro a “paz de espírito, e toda a paixão passa”.

V

Sim, aqui estou eu, qual mendigo quimérico estendendo a mão ao nada; que sei, pois, que tudo é aparência e que nada de outro, mais ouro ou mais prata, existe no outro lado do prato dessa balança alucinada. Sinto que um oásis crio, ou sonho por dentro de mim, para atingir esse outro lado de ti, que anseio que assim seja e não de outra forma como prevejo. Mas, enfim, eu sou assim, e assim vou vivendo, qual druida, de poções mágicas, pendente de frenéticas libações que me ilibam desses massacres vis e pecaminosos de me saber assim, com um sabor trocado com travo a bolor e a mofo de mofa sacrílega. O desespero não me mata, porque a esperança que me acompanha, que me consola e me nutre é maior do que eu, e é tão magnânima como Jesus ou Buda. As marcas, que se me espalham pelo espírito, desses pecados inconfessos e negados, são evidentes aos meus olhos, mas o impossível me habita e me faz ser esse cordeiro enleado por alquímicas quimeras e por um não sei que Quaresma mais lunática, pejada de esmeraldas.

Sei, ou sinto que fui beijado por fantasmas e louva-a-deus em cio; Sei, ou sinto, que fui coroado por estrelas decadentes e infiéis, mas, mesmo assim, ainda tenho essa desesperada esperança de ser um dia um astrolábio alvo e conseqüente. O coração já saturou de estrela o dia; o céu já amamentou o teu seio com sede de amor; de mel e azeite se

orvalhou o teu corpo e a tua Pomba doirada; E só falta um querubim alvo nos teus braços para seres um paraíso nesse labirinto sem fim. E é pena que não tenhas sido sempre esse Setembro primeiro. Confesso, confesso que sou Anjo Alvejado, mas também, Demónio iluminado. Já fui Anjo no redil do exotismo; já fui Demónio no pasto do erotismo; já fui Anjo com amor; já fui Demónio com glamour e clamor. Conheço o céu e o inferno; sei de coisas apreciáveis e abomináveis. Sonhei! Sonhei, Beatriz, que sonhava e no meu sonho eu sonhava que por ti entrei como uma flor. vinhas das bandas do mar e contigo vinha um odor a plumas e a mercúrio colhido em vénus. No sonho do meu sonho tu eras um murmúrio de gases estivais ornado de estrelas e de cometas puras; eras uma presença perfeita, feita de odor e de cor e de transparentes instantes plenos de vida. Eras a liberdade com a forma de um brilho modelado por uma aragem rósea. Tinhas a bênção do orvalho e o símbolo labiríntico da labareda eterna do coração nupcial. Quando o meu sonho teve esse sonho de espelho e de monção (...), eras uma gotícula de sangue valsando no escuro de brancas florestas. há uma alma na bruma desse desígnio: essência solar, líquido sol de espuma. Sonho?! Sonho.

Sonho que veio do nada. Nasceu de um eclipse e foi abençoado por um entropio de galáxias, numa elipse espiralada. Na sua cauda havia um vesúvio emanado de vénus e do teu semblante. Quando se abeirou de mim, tocou-me com os dedos na testa e senti-me repleto de esplendor. Nos olhos, trazias a incomensurabilidade do Cosmos; nas mãos, mais que preciosas pedras, trazias o teu olhar (cheio) de abrasadora paixão. Trago na lembrança a memória azul do teu rosto. Na distância, vejo-te, trémula flâmula, bordando o céu. És uma crina de prata num potro de luz ao poente. Manancial do corpo, e, da vida, substância sensorial, substancial essência: Alma. A alma no azul do céu é trepadeira de sol em sonho de pedra... E o coração está aí para testemunhar essa glória da aurora no ar que nos alimenta. É mesmo disso que estou falando, Beatriz: do ar que respiramos e que nos molda a melodia. É mesmo isso que ouço, a canção do ar no mar dos sonhos em simbiose com a bênção do mundo... E o que mais se haverá de se dizer a não ser que as ilhas são partos nas quilhas dos barcos, singrando, ou ancorados nos destinos das portas primaveris, apascentando. E é bem certo mesmo

que o coração e a alma se misturam qual seiva e árvore em sinfonia de ramos e folhas, sendo que são, pela ponte do ar que os liga e fermenta, peixe e alga em busca de luz pelo anel do ar que nos conduz.

VI

Pois é Beatriz, é caso para dizer: «Nos olhos leva a minha dama, o amor» Belo como o lírio; devastador como a tempestade, mas imprescindível, tanto quanto o maná, assim se revela o amor, seja ele em relâmpago ou puro enxofre; seja ele reverberação em velada sinfonia. Fogo, Paixão; Princípio, fim; Tudo, nada; assim é o fogo do amor que assim canta na calada dos dias e das noites sempre eternos. há uma onda nesse dardo; há um dardo nessa concha. há uma vela nesse lume; há um leme nessa horda. O ardor que de mim sobe até ti e que se alastra pelo corpo, arde também em mim, e esse fogo lento que se me ateia pelos sentidos e me consome por inteiro como uma prece numa clareira de sol viceja o sangue pelas veias, nasce o animal deste fogo imenso pela praia imensa que me ofereces. Ciclone de gelo escarlata é a tua resposta ao meu cipreste crescendo. E o fogo se alastra pela planta de Orfeu na cabeça de Medusa.

E o fogo é esse canto de Sereia pelas folhas desse mar que nos habita. E recordo-me dos nossos peitos arfando ao compasso da nossa luxúria e do anoitecer cúmplice; dos nossos torsos em réquiem de insónias; dos nossos pulsos pervertendo o momento; dos nossos plasmas em contraluz; das nossas auras em íris e das nossas íris em galáxias. E recordo-me da brisa ao vento; das lágrimas pela terra; da chama ao sol; do olhar ao luar e do avesso dos pássaros no avesso dos nossos olhos. Estávamos acessos por todos os poros e comestíveis por dentro e por fora. E recordo-me do furor dos nossos cânticos... Queria. Querida. Queria, minha querida Beatriz – «vide cor tuum, vê o teu coração» – que a combustão da questão compreendesses, e da gestação que entorpece, trôpega, e vacila no ermo do caminho por descobrir, te inteirasses. «Apareceu a felicidade» A calvície dos beijos em romarias de estrelas é sangue que dorme nas cordas de um harpejo; é concha de luz por abrir em dias de trevas. O que de mais belo no mundo há, é a primeira estação; e numa história de amor, é o primeiro amor de uma história, o primeiro olhar e o primeiro beijo que se eternizam. No

centro do pulso, bate o coração com a cadência de uma nostálgica canção que o primeiro amor rememora e revive. A reminiscência é fruto no centro do fogo à beira do caminho, em galope de tempo, no dorso do coração. Meu amor, não te esqueças do rio que nos une; não te olvides dos astros que nos encantam e enfeitiçam. Os jardins do canto primeiro ainda são braseiros à popa de um navio em chamas descendo do céu sobre o oceano da memória. Como pássaros ou naves, ou cisnes de sol que a noite devora, as pétalas desse fruto primeiro são nuvens na cauda de um cometa com o brilho de vénus ao despontar da aurora. Meu amor, lembras-te da embriaguez do nosso primeiro olhar no verão que nos envolveu! depois do céu luminoso ter voltado nove vezes ao mesmo ponto? Lembras-te dos anjos que fomos, encantados no primeiro mirar a sós, ardendo-nos à distância dos olhos nos extremos da comoção tão próximos o sonho e a realidade!? Ah! Meu amor, minha amada Beatriz, as fadas desses cantos que nos encantaram, não param de me encantar, serena, com a tua imagem sorrindo à minha trémula chama, estando tu lá no alto em tanta glória e esplendor. Acontece que, chegando aqui, Beatriz, depois de todos esses cantos, que não chegam à metade do que me vai na alma, «julgo oportuno calar-me...» «pois que da alta fantasia falta aqui o sopra; mas já fazia rodar o meu desejo e querer, como roda que toda por igual é movida, o Amor que move o sol e as outras estrelas»

DINA SALÚSTIO (ACL)

Uma rua chamada Planeta

Da janela vejo a varanda do meu vizinho escritor, autor ainda de coisa nenhuma. Adivinho-lhe o sofrimento espremendo as letras e a luta com a caneta que lhe massacra os dedos. Sigo-lhe o olhar e roubo-lhe as inquietações. Quem é a mulher que acaba de chegar à casa do lado? O bronzeado é espetacular. Será natural? Que segredos guardará a mala velha? Quantos segredos transportará cada um de nós? A mala enorme desequilibra-se e a suposta futura vizinha com ela. O escritor voa a distância que separa as duas vivendas e coloca-se em sentido frente à moça de pele de chocolate com brilhos de cereja.

A moça agachada perturba a rua. Terá noção do gesto? Porque o autor que leio pôs o protagonista a desfazer-se numa guerra que não era dele? Que sabe ele de amor para definir fronteiras? Quem sabe da vida para estabelecer padrões? O vizinho, normalmente comedido, torna-se urgente. Apresenta-se como escritor, para um segundo e acrescenta “quase”. – Quase escritor –. Furioso interroga-se: – Essa é hora para pensar em ti, minha mãe?

– “Oxalá, filho, oxalá possas um dia ser um doutor escritor”. – As mães são ótimas a incentivar os filhos, mesmo para além da distância definitiva.

– Por enquanto nem doutor, nem escritor, mãe. Apenas órfão, mas chego lá.

Os olhos da mulher da mala brilharam. Um vigor traiçoeiro percorre o mais novo apaixonado da rua que revê em alta a sua condição de futuro escritor e põe fim à conversa imaginária com a mãe que se fora.

Ele não se interessa mais por notoriedade, ou por causas, ou pelo sofrimento da impossibilidade da frase certa. Ele quer mais. Quer ser escritor para, ao dizê-lo, sentir o orgulho no olhar da mulher que veio de longe e uma intensa sensação de alegria nas mãos que agora seguram uma chave. Nenhuma mulher, além da mãe, tinha sofrido por ele. Nenhuma desenhara um pódio e o colocara em cima. Um olhar castanho com raias de musgo... Como seriam esses olhos contados por

Matisse? Ou será Chagall em explosão? Ou serei eu a contá-los?

Decidida, a moça, com o corpo, impede que ele toque na mala e cria uma imagem inesquecível de algo instável no equilíbrio conseguido. O escritor põe-se entre mim e ela. Jasmim? Rosa? Quem terá deixado para trás? A mala... a mala não. Cheira a histórias, a roupas usadas, a festas, a livros lidos, a risos escondidos, a nomes. Cheira a cartas. Como serão as árvores de Nova Iorque? Uma manhã chamada desejo... Uma mulher chamada... Uma mala cor de... A mulher não disse o nome e a mala já não tinha cor. A porta fechou-se.

– Ainda hei de saber o que transporta a mala da moça que cheira a Nova Iorque - retomo o meu posto de inspiração.

..... O escritor vizinho conseguiu a primeira página. Um calor agradável percorre-lhe a alma. Depois uma espécie de aflição instala-se até assumir contornos de verdadeira tentação. A escrita prossegue.

Bom dia vizinha, desculpe a hora mas sei que hoje acordou mais cedo. Uau! Cheirinho bom a café! Venho convidá-la para fazer a apresentação do meu livro.

A frase não tem direito a respiração.

– A nossa vizinha é professora, sabe? Ela fez a revisão do texto. Sim, claro que sabe - a voz soa longe enquanto lhe digo o texto de apresentação. Poderei falar nos efeitos da paixão na sua escrita, ou talvez nos medos. Porque esses serão pontos fortes do livro. Quem me disse? Mas então, vizinhos são para quê? Também mostrarei o seu jeito macio de beber o meu café, o primeiro da manhã.

– Será que ele passou a noite à espera que eu acordasse? Talvez a vizinha do fundo da rua me possa dizer algo sobre a sua insónia.

FÁTIMA BETTENCOURT (ACL)

Letra após letra

I - Começou assim

Ó pai, bem fláme q'raça q'nôs ê, ó fidj,
Nôs raça ê prêr má bronque burnid na vent.
Burnid na temporal di scravatura, ó fidj,
Um raça di tuga cu africano.⁵⁴
(Manuel d'Novas)

Estes versos do compositor cabo-verdiano Manuel d'Novas são um pequeno extracto duma sua composição intitulada “Nôs raça” em que traça em inspiradas e breves pinceladas a origem e percurso do homem cabo-verdiano desde o achamento das ilhas ao momento de tomar nas mãos o seu próprio destino. Ao colocar na boca duma criança a questão: “De que raça somos nós, ó pai?”, o poeta/compositor simboliza toda a inquietação e desassossego do ilhéu, condição que faz parte integrante da sua idiossincrasia e constitui factor determinante da sua personalidade mestiça, nascida em circunstâncias muito próprias.

Chegados da Europa e de África, os dois elementos em presença no Arquipélago, o europeu por opção e o negro por imposição, ao fim de pouco tempo acabariam por se fundir completamente no que é considerado um caso exemplar no mundo. O homem branco começaria por se fixar no litoral, mais adequado às suas actividades comerciais, nomeadamente o tráfico negreiro, vindo mais tarde, por razões de clima e de segurança a optar pelo interior. Ali as relações entre senhor e escravo, por imperativos de sobrevivência, foram-se tornando cada vez menos opressivas resultando disso a intensificação progressiva da mestiçagem até ao aparecimento duma

⁵⁴ Tradução da ideia: “Oh pai, diz-me de que raça somos nós,/Filho, a nossa raça é branco e preto misturados pelo vento./Misturados no temporal da escravatura, filho /Uma raça de português e africano.”

sociedade original com uma personalidade diferenciada e autónoma – a nação cabo-verdiana. Nestas ilhas achadas desertas e durante muitos anos interposto do comércio escravo nas mãos de “marinheiros queimados / corsários / escravos / aventureiros / condenados / fidalgos / negreiros / donatários das Ilhas / Capitães-Mores ” (Jorge Barbosa), proliferara uma mestiçagem desenfreada em que muito poucos sabiam quem era quem.

À revelia do colonizador, acabámos por reter em nosso poder, no momento da Independência, uma enorme bagagem cultural que nos manteve de pé durante os 500 anos de domínio colonial e sobretudo durante a longa noite do fascismo. Essa bagagem cultural vinha alicerçada em vários pontos: uma língua – o crioulo – tão ou mais expressiva que a do colonizador; a música, nomeadamente a morna que Manuel Ferreira chamou “a mais generosa e inquietante manifestação do homem de Cabo Verde”; uma literatura oral autónoma; uma gastronomia típica com base no milho não apenas como alimento, mas algo simbólico na alma crioula enquanto alavanca da resistência cultural, recorrentemente exercitada em vários momentos cruciais da vida dos ilhéus; e também os costumes, a religião, as tradições.

Se estivermos atentos às razões de Gabriel Mariano, aceitaremos que a nossa extrema pobreza nos salvou. Tão pobres que não havendo o que explorar, fomos abandonados para morrer. Numa terra de tão escassos recursos o homem crioulo desbravou, semeou, plantou, colheu (pouco), armazenou (raras vezes), inventou esquemas de sobrevivência e sofreu a maior parte do tempo. Enquanto isso percebeu que se imprimira no seu DNA uma extraordinária vocação para se agarrar à vida com alegria, assumiu as suas ilhas ressequidas, a sua pouca chuva e o mar envolvente que o nosso poeta maior, Jorge Barbosa tão bem caracterizou como o mar... “ que nos dilata sonhos e nos sufoca desejos / (...) e insinua horizontes para lá do nosso isolamento! ” E não só. Aprendeu ainda a amar as suas rochas escalavradas do jeito que o compositor Daniel Spencer diz com a

eloquência de um poeta saheliano: “ Ó nha terra scalabróde! / Pa ninhum desh terra / tapóde d’verd tê boca / um ca ta trocóbe! ”⁵⁵

E mais, aprendeu que o saber, o conhecimento, a instrução poderiam ser os seus grandes aliados na luta contra os elementos. Numa espécie de compensação das constantes frustrações, o homem cabo-verdiano ia interiorizando que tinha tudo a ganhar se usasse mais a cabeça do que os músculos. Os que não tinham o conhecimento passaram a reverenciar os que o tinham. De tal forma aprendeu a amar e respeitar o saber que é capaz de todos os sacrifícios e renúncias para dar aos filhos a maior escolaridade possível, aquela que ele não conseguiu ter. Tornámo-nos através dos anos num povo que se orgulha da sua cultura, das boas cabeças e penas leves que sempre despontam aqui e ali. Os nossos poetas e trovadores tratam de fixar essa característica, como o caso de Manuel d’Novas que retrata um cabo-verdiano típico na composição “Biografia dum crioulo” cantando assim:

(...) Dipôs já grandim
Sabido falá
Pa escola ês mandáme bai
Bá prendê ale, bá prendê contá
Prendê sina nha nome⁵⁶

Eis porque não é muito surpreendente que de entre os objectivos do milénio o que se refere à educação seja o mais rapidamente cumprido. De espantar seria se fosse de outro modo. Estranho será também se não conseguirmos atingir os restantes objectivos em tempo útil, pois a educação/instrução é transversal a todos e a base do sucesso em qualquer outra área, quer seja a erradicação da pobreza, a saúde, o ambiente ou o exercício pleno da cidadania. O percurso do homem cabo-verdiano parece ter inspirado as palavras da grande poeta Sophia de Mello Breyner quando diz que “não somos apenas animais acoissados na luta pela sobrevivência, mas

⁵⁵ “Oh minha terra escalavrada/ eu não te trocaria/ por nenhuma dessas terras cobertas de verde.”

⁵⁶ “Depois de crescido/ e de ter aprendido a falar/ mandaram-me para a escola/ para aprender a ler e contar/ e aprender a escrever o meu nome.”

somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser”.

II – Trabalhos e tormentas

A história do povo cabo-verdiano está intimamente ligada à escravatura. Como interposto de escravos que foi durante séculos, não é difícil imaginar as situações de fugas, de saques de piratas, de levantes de negros rebeldes que pontilharam a vida das ilhas enquanto se formava e apurava o caldo cultural no ponto exacto de ser considerado por especialistas como a mais perfeita simbiose de raças a nível planetário. Este porém, não é um processo isento de dor e sofrimento.

Difícilmente se encontrará outro grupo humano que tenha passado por tantas calamidades: a tragédia do cativo, os saques da pirataria, as extorsões das companhias reais, as revoltas de toda a fase colonial, a emigração forçada para S. Tomé, a repressão fascista, as secas e fomes cíclicas. A tudo isto ele contrapôs uma persistência, uma garra e vontade de vencer extraordinárias que foram determinantes para a sua permanência e identidade.

Os escravos, nossos antepassados, cedo perceberam que a escravidão doméstica era menos dura que a dos campos e tudo faz pensar que teriam sido exactamente esses escravos domésticos, de compleição mais delicada, os que ficaram, já que não eram as peças melhor avaliadas nos mercados da escravatura. Tais escravos aprenderam que quem sabia ler e escrever eram de certa forma mais livres e preferidos para trabalhos mais leves. Teria começado assim a vontade de se aproximarem dos livros e naturalmente dos religiosos que de um modo geral eram quem detinham o saber e os meios de a ele ter acesso. Vários negros e mestiços teriam abraçado a vida eclesiástica e com tanta convicção o fizeram que impressionaram o Padre António Vieira na sua passagem por Cabo Verde em 1652. Deles diria Vieira: “Há aqui clérigos tão negros como azeviche, mas tão compostos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer inveja aos que lá vemos nas nossas catedrais”. Tais clérigos viriam mais tarde a integrar as falanges da docência cabo-verdiana, integração que nunca

mais parou. E se, durante os anos do Fascismo, havia nos Liceus muitos professores portugueses, não era por falta de cabo-verdianos bem preparados, mas por outros motivos que não são para aqui chamados.

III – Embalado em mi menor

Acontece por outro lado que a descontinuidade territorial cedo cravou no cabo-verdiano em formação o aguilhão da saudade levando-o a ninar restos de velhos sons da sua origem distante, acabando por inventar uma toada nostálgica e dolente que se transformaria na Morna. Ainda que nas senzalas cantos e danças frenéticas animassem as noites, ele começava a dar certa preferência à música dolente que o acalentava enquanto sonhava com horizontes distantes e exercitava a língua com que se entendiam na senzala – o crioulo. À sua volta os montes eram áridos, as poucas árvores eram raquíticas e açoitadas pelo vento, a sua existência não tinha perspectivas, mas ele estava decidido a não se deixar abater e criou beleza onde a natureza não fora pródiga. Pegou num violão que vira na mão de um marinheiro, comparou-o com um instrumento que estava entre os guardados dos mais velhos e viu que o violão tinha mais cordas e devia ser melhor para produzir sons bonitos. Arranjou então uma vasilha de grogue e trocou-a por lições de violão, foi dedilhando às escondidas, viu que os sons eram melodiosos e misturavam cânticos e lamentos de escravos com outras sonoridades que ouvia como quem não quer nada na Casa Grande, inventava outros sons que vinham no acaso dos dedos percorrendo as cordas até conseguir uma melodia plangente que o fazia sonhar e olhar a linha do horizonte para lá da qual estava outra ilha e uma negrinha linda que ele não conseguia esquecer. Tinha criado a Morna que tão bem combinava com saudade, com amor e com dor. Séculos mais tarde um expedicionário português chegaria a Cabo Verde (1942), adoptaria a terra como sua, faria duma crioula a sua esposa e elaboraria deste povo a mais bela das definições: “Povo batido pela adversidade, cantando e exaltando a ternura; as secas, maldição secular, com os seus destroços implacáveis e outras vicissitudes de uma condição colonial. Não obstante, na mão o violão, nos lábios a morna nostálgica”. Esse homem era Manuel Ferreira que dedicaria

grande parte da sua vida e talento a Cabo Verde, à sua cultura e à sua literatura. O canto nostálgico a que se referia tinha parecido aos mais antigos que era capaz de satisfazer as suas necessidades de expressão de sentimentos, sonhos e desejos e também tristeza, ciúme, esperança. Na verdade, ele estava criando a parte mais forte e mais bela da sua cultura. Havia então que cultivá-la cuidando da palavra falada e escrita. Agora sim, as distâncias pareciam menores e menos sofridas. Tudo parecia obedecer a um desígnio maior pois nada como a morna combinaria melhor com um destino de emigrante.

IV – Letra pós letra

Pretendendo compilar elementos que provem a apetência do cabo-verdiano para a instrução, não podemos deixar de referir a contribuição da sociedade civil expressa no facto digno de realce de dois liceus cabo-verdianos ficarem a dever o seu funcionamento à generosidade de dois naturais da terra que fizeram questão de ceder para tal as suas próprias residências: o primeiro foi o Dr. Júlio José Dias que viabilizou assim o arranque do Seminário de S. Nicolau em 1867. Cinquenta anos mais tarde, em 1917, o Senador Vera-Cruz cedeu o seu palacete para funcionamento do Liceu em S. Vicente após o encerramento do Seminário.

É de justiça assinalar o papel do Seminário-Liceu de S. Nicolau para a criação da massa crítica cabo-verdiana. Fundado em 1866, o Seminário aparecia como consequência directa da instalação na mesma ilha da Sede da Diocese no século XVIII. Por razões que se prendiam à deficiente salubridade da Praia, a capital da Comarca fora transferida para aquela ilha assim como a Escola Principal de Instrução Primária. A presença dos bispos trouxe vários benefícios à ilha e ao fim e ao cabo ao Arquipélago inteiro, nomeadamente no domínio da educação. Aliás os naturais de S. Nicolau passaram a ser privilegiados nessa matéria específica por reunirem na sua ilha todas essas estruturas. Transforma-se então a Ilha numa espécie de viveiro que passou a fornecer ao arquipélago um leque variado e altamente qualificado de professores, funcionários administrativos e poetas. O pagamento de propinas não impedia que os estabelecimentos vivessem cheios de alunos já que até

as famílias menos abonadas podiam dar aos seus filhos a escola secundária. Mesmo os muito, muito pobres podiam educar os filhos desde que seguissem a carreira religiosa. E assim o saber irradiado do Seminário de S. Nicolau acabou por atingir todo o Arquipélago e reflectir-se em várias gerações após o encerramento do mesmo. Eu própria, muitos anos mais tarde, acabei por tirar algum proveito desse conhecimento, pois o meu pai teve como professor um seminarista natural de Santo Antão e ainda que não tenha ultrapassado o 2º grau do Primário, tinha um domínio tão bom do Português que quando eu estudava Os Lusíadas, preferia recorrer a ele em vez do dicionário. Como ele todas as gerações que passaram pelas mãos de ex-seminaristas mostraram essa base sólida.

Factores vários contribuíram para incentivar, ao longo dos tempos, o gosto pelo saber que o cabo-verdiano tinha tanta apetência para cultivar, os mais privilegiados logrando a sua aquisição e os outros simplesmente admirando e tentando a todo o custo chegar lá. São exemplos disso a proliferação de escolas particulares quando as oficiais rareavam ou mostravam dificuldades de acesso. Entre essas duas categorias, mas não menos relevantes as escolas paroquiais ou de agremiações culturais e ainda algumas especializadas em línguas, escrita comercial, música, labores femininos, desenho e pintura. Até mesmo a escola oficial, tirando os aspectos ideológicos, religiosos e políticos que muitas vezes pareciam desviá-la do seu verdadeiro papel, até ela beneficiava a nação cabo-verdiana que se formava, sendo muito comum a oferta de livros aos alunos distintos em cerimónias solenes. Passados 25 anos sobre a criação da primeira escola, ainda havia apenas 12 escolas precárias nas ilhas, mas em 1870 contavam-se já 43 escolas espalhadas pelas ilhas e dez anos depois atingiriam a cota de cinquenta, segundo um trabalho de Alberto de Carvalho inserto na revista Camões de Abril/Junho de 1998. Termina o eminente estudioso português por afirmar: “Forjou-se em Cabo Verde com um século de antecedência as bases de uma cultura local idênticas às da política

cultural que a UNESCO veio a instituir à escala planetária: “Chacun a le droit de lire”, como reza o art.º 1º da sua carta.

Passados quatro séculos e ainda reportando-nos ao texto de A. Carvalho, “do vazio inicial das ilhas descobertas emergia uma nação dotada de comunidade de língua, de religião, de passado histórico e de destino e ansiedades futuras.”

Limitações de toda a ordem ainda entravavam o cabo-verdiano na sua ânsia de sair do atraso em que se encontrava. O Novo Almanach Luso-Brasileiro foi como uma solução milagrosa para os intelectuais cabo-verdianos que através das suas páginas puderam mostrar do que eram capazes numa época em que apenas saber ler era já um feito digno de nota. Uma estatística do período republicano dá conta de cinquenta e três poetas cabo-verdianos ali representados com cento e setenta poemas (dados de A. Carvalho na Rev. Camões de Abril/Junho de 1998).

Como facilmente se compreende estava estendido o tapete vermelho sobre o qual caminharia triunfante o Movimento Claridoso e a Revista a que se deu o nome de Claridade, que o professor Alberto Carvalho define, num outro registo, como “ projecto de homogeneidade de consciência homem-cultura-espaco físico ”, projecto inacabado a que outras gerações foram acrescentando novas contribuições para a definição do homem crioulo, algo assim como a independência intelectual, até ao momento da Independência política que só veio a acontecer em 1975. Mas entre a eclosão de Claridade e a elevação de Cabo Verde à condição de estado passaram-se 40 anos que não foram de modo nenhum em vão. Para tratar esta parte teremos que voltar a Mindelo e ao Liceu Infante D. Henrique/Gil Eanes, instituição determinante para tudo o que se passaria naqueles 35 anos.

V – A luz passa a farol

Por razões várias a cidade do Mindelo passou a ser no período 1920-1970 a capital económica, cultural e militar de Cabo Verde ainda que a capital oficial tenha continuado na Praia. O mindelense por sua vez ganhou um alto grau de auto-estima que levaria ao nascimento da

literatura cabo-verdiana com a eclosão do Movimento Claridoso. O liceu inaugurado anos antes (1917) passaria por muitas vicissitudes e enfrentaria duras batalhas até conseguir implantar-se no terreno com o apoio de toda a sociedade mindelense. Era o primeiro Liceu da África portuguesa. Contingentes de ex-alunos seus iriam engrossar as fileiras do funcionalismo colonial pois o ensino ali ministrado por professores na maioria cabo-verdianos, era tão bom como o de qualquer liceu de Portugal.

O que desde sempre marcou a diferença entre essa instituição e os liceus das outras colónias portuguesas de África era que nestes os alunos eram quase exclusivamente brancos enquanto que em Cabo Verde eram na maioria esmagadora negros e mulatos. Também o corpo docente seguia a mesma linha e a partir de 1929 começou a ser integrado por ex-alunos que se tinham matriculado nas primeiras classes. Isto por, entre outras razões, os salários praticados no Arquipélago não serem atractivos. Mais uma vez era a pobreza a trabalhar a nosso favor e pela cabo-verdianização da classe docente.

Entretanto somavam-se os sucessos e o prestígio dos ex-alunos em outras paragens. E acontecia essa coisa espantosa: o Liceu democratizava o ensino e permitia que qualquer pessoa de qualquer camada social matriculasse ali os seus filhos sem qualquer distinção religiosa, étnica, social ou de sexo. Terminava assim para as meninas a era do piano, do francês e dos bordados. Nesses anos tão recuados dava-se o primeiro grande passo para a emancipação das mulheres que mais tarde seriam dominantes na classe docente cabo-verdiana. É desnecessário realçar o significado desse facto na vida familiar e social do Arquipélago o que mais uma vez vem justificar o acerto de um pedagogo que afirmou que “educar uma mulher é educar uma Nação”.

Liberto das amarras que tolheram os passos do Seminário, o Liceu de S. Vicente, ao mesmo tempo que produzia jovens capazes, também lançava na comunidade cidadãos conscientes dos verdadeiros problemas da sua terra e dos anseios dos cabo-verdianos. Prova disso são as sucessivas revistas literárias de forte pendor social saídas das mãos de gente que passou pelo liceu. Da mesma forma que S. Nicolau fora um pólo do saber, agora era a vez de S. Vicente o ser também, irradiando um conhecimento menos clássico e menos formal, mas mais

humanista e social, mais virado para o devir cabo-verdiano e para o homem que habitava o chão das ilhas. Segundo João Nobre de Oliveira, muitas vezes consultado durante a elaboração deste texto, “aproximava-se a hora da passagem de testemunho entre as gerações. Porfírio Pereira Tavares, Francisco de Deus Duarte e Juvenal Cabral estudaram no Seminário de S. Nicolau, mas os seus filhos, Aristides Maria Pereira, Abílio Duarte e Amílcar Cabral estudariam no Liceu Gil Eanes” e seriam os primeiros condutores da luta de Libertação Nacional e os primeiros dirigentes dos dois países independentes (Guiné e Cabo Verde).

Seguem-se trinta anos de construção do país com os sucessos até aqui alcançados e as metas sempre mais além. Não há dúvida que temos motivos para nos orgulharmos do caminho percorrido o que, em absoluto, não significa que devemos quedar-nos em auto-contemplação pois ainda há muito chão por palmilhar e muitas correcções por assumir e como diria António Gedeão... “Tanto pão por amassar! / Tanta boca por sorrir!”

Referências

Autores consultados

Alberto de Carvalho em “Camões, Revista de letras e Culturas Lusófonas de Abril/Junho de 1998”.

Manuel Ferreira em “Aventura Crioula”.

João Nobre de Oliveira em “A Imprensa Cabo-Verdiana (1820/1975)”.

Poetas e Compositores

Jorge Barbosa, Sophia de Mello Breyner e António Gedeão

Manuel d’Novas e Daniel Spencer

KAKÁ BARBOZA (ACL)

Carlos Alberto Barbosa

Nossa casa em Assomada

A nossa casa era espaçosa e tinha um quintal grande. Ao fundo a capoeira e o chiqueiro. De um lado a despensa de chão empedrado que guardava tambores de mantimento, garrações de sementes, latas de gordura, tina de salmoura, arranjos de azágua e sacos de mancarra. Do outro lado a cozinha de terra batida, igualmente ampla, tendo ao centro fogões de três pedras, um para caldeirão grande e outro para panela pequena, além do de barro a carvão para o bule e esturrar o louro. Na cozinha de uma parede à outra, justo no ponto da subida do fumo da lenha, havia o travessão de pau de carrapato para fumar enchidos de porco. Temia entrar na cozinha à noite por causa do enegrecido das paredes e da coberta, tal não acontecia com a despensa. A aventura de forçar a porta para entrar e trazer punhados de mancarra para o quarto de dormir bania toda a espécie de medo. Mancarra com açúcar era sustento que tinha fama de desenvolver os cavalos, torná-los fortes e velozes para as corridas, qualidades cobiçadas pelos jovens da minha idade para poderem competir com colegas de escola e atacar a disputada da bola. Crendo nesta fama eu comia às escondidas mancarra com açúcar no silêncio da noite, antes de dormir. Nesse dia a lata de graxa onde eu punha o açúcar estava vazia. Com pés de rato saí à procura do boião de vidro com açúcar. A guarda comida estava fechada a chave. Socorri-me duma faca. Não se encontrava ali o recipiente. Fiquei atrapalhado. À luzinha do candeeiro, aproximei-me da porta do quarto do avô, na mesinha de cabeceira, ao lado do bule de chá e das chávenas estava o boião. Pensei duas vezes. Na vez de três, decidi trazer o açúcar. Agachado como um felino ziguezagueei até chegar perto do lugar. Ao esticar a mão para alcançar o vidro, caiu a colher, o avô acordou. Ao pôr os pés no chão, colocou-os em cima de mim. O grito acordou a casa inteira. Meu pai compareceu de manduco numa mão e lanterna noutra mão. Já o problema era outro. Menino desmaiado no chão. Água de pote na cabeça fê-lo vir a si

àquela hora da noite. Instado a relatar o que tinha acontecido, o menino começou a contar: senti um barulho no quintal, espreitei pela janela, um vulto vinha da cozinha em direcção ao quatinho, refugiei-me na sala de jantar, armei-me numa faca, ao recuar vi a guarda comida aberta, fugindo à perseguição escondi-me no quarto do avô, senti algo em cima de mim, gritei. Nada mais ouvi. Serenado o ambiente, nada obstou que os despertados dormissem como se nada tivesse acontecido. Amanheceu e cada um pegou nos seus afazeres até o cair da tarde. A avó era quem dava conta de tudo o que se passava em casa. À hora de esturrar o louro chamava sempre o netinho para se divertirem com passagens. Ela começou a contar do rato que comia mancarra com açúcar para ser robusto como o cão.

SAMUEL GONÇALVES (ACL)

Tchitchiti

Homem considerado o maior tamborileiro que havia no nosso país.

Rufava o seu tambor com gosto e sempre com o seu avental branco; bem penteado com uma madeixa caindo pela testa, cobrindo parcialmente os olhos achinezados; dentes cascados na boca, branquinhos como um côco partido; gengivas de cor violeta estiolada; bigode em ogiva alongada, entrando em vírgula nos cantos da boca; face enrugada em feixes triangulares agudizando-se das orelhas aos ângulos externos dos olhos; barba rala com fios brancos enrolados e dispersos em caracóis, parecendo pontos luminosos de um céu pouco festivo. Camisa de gola enrolada no pescoço, perdendo-se sob o cinto largo do tambor que pendia do pescoço; cintura da fome, calças enroladas a meia canela, torcendo e distorcendo em cada passada; descalço, calcanhares salientes e cretados, dedos dos pés curvos e grossos penetrantes no chão que pisava, enrugando-se.

Com o seu tambor Tchitchiti andava pelas ruas de S. Filipe anunciando os mais diversos avisos importantes das autoridades Municipais.

Cada acontecimento tinha o seu toque especial. Familiar a todos, menos aos mais novos!

Era como um jornal ambulante de grande tiragem, tinha mais som que palavras. A cidade e a periferia saíam à porta para "lê-lo".

O interesse daqueles avisos sonoros despertava atenção a muitos, e ele educadamente respondia às perguntas:

Tchitchiti, porque está tocando?

Para irem pagar as décimas na Fazenda antes de relaxar, senão ficam sem terra e sem casa, vai tudo para a praça!

Pam-pam-pampam!

Para os contratados buscarem a farda e o dinheiro. O falucho que vai levá-los está na Fonte Bila. Vão até à cidade da Praia e, depois, tomam o vapor para S. Tomé.

Pam-pam- pampam!

O doutor amanhã vai inspecionar a casa e os potes e, se achar dondon, ficam sem água e sem pote.

Tchitchiti, tem mais novidades?

Sim, rabista com o Chefe da Polícia. Nenhum porco no quintal. Tudo no prisco e mais a multa.

E cabra?

No curral de Concelho...

Pam-pam-pampan-pam..

O Administrador disse que o petróleo e o açúcar já subiram mais dois tostões.

O feijão e o milho de Angola?

Continuam tabelados como dantes. O comerciante que vender mais caro vai parar no chilindró!

Quando o toque era mais rapicado, a notícia era deveras sabi.

Logo cedo, Tchitchiti levantou toda a cidade. Alguns ainda ensonados.

Era um aviso rapicado: o Presidente da República de Portugal chegava no dia seguinte, ao meio dia, à Ilha, no barco de guerra “Almeida Carvalho.”

O Administrador do Concelho mandou intimar!

Toda a gente tem que ir de fato e gravata; a concentração é na Praça da Câmara às nove horas, e dali seguem para Fonte Bila nos carros “José Catchim”, “Mar Azul” e “Dabanda.”

De fato e gravata?

Sim, porquê?

Com este calorção de Maio toda a gente vai desmaiar...

Parapam-pam-pampam-pampampam.

Era o recrutamento dos mancebos para a tropa, em S. Vicente e Praia.

Pam...pam...pam. pam- de longe a longe ouvia-se o anúncio da morte.

Tchitchiti com ar triste pedia às pessoas para irem enterrar o coitado, que já esperava, havia muito, na Cruz dos Passos, o descanso obrigatório de todos os finados do campo.

Era um pobre no caixão da Câmara retornável, emprestado, cedido. Havia apenas um, servindo a todo o tipo de finado. Não

interessava a altura nem a largura. Muitos iam com os seus alvos pés de fora, baloiçando no compasso dos que carregavam o caixão nas suas quatro cordas laterais, duas à frente e duas atrás.

O Cabo-Chefe com uma espada ameaçadora: vamos depressa porque há mais.

Dividia o grupo em dois, quatro para levar o corpo e outros quatro para trazer o caixão de volta à Câmara.

Um deles fugiu quando ia a meio caminho. Foi apanhado, dois dias depois, transmontado, lá para os lados do “Quinhentos Metros”. Disse que tinha medo de finado e havia noites que não dormia, com pesadelo.

Tchitchiti não tocava o seu tambor apenas nessas ocasiões, mas também pela epifania.

Sem ele as festas de S. Filipe, S. João e S. Pedro não aconteciam.

Era o primeiro a ser chamado e ficava à frente da sua Banda como um Comandante na parada, com os subordinados desfilando.

Nas grandes festas dos sobrados de Bila, Tchitchiti era convidado apenas para tocar.

Fazia-o com gosto e profissionalismo.

Na praia do Bocarron os cavaleiros molhavam as patas dos seus cavalos, corriam na areia molhada e levantavam a bandeira da festa. Os meninos em atropelo disputavam guloseimas, algumas salgadas. As ondas varriam as pegadas como uma esponja absorvendo àgua numa superfície lisa até à volta do ano.

No adro da Igreja o tanger do tambor anunciava a missa. Os donos da festa ocupavam a fila da frente, junto ao altar. Atrás destes, os cavaleiros. Lá fora, ouvia-se o relinchar dos cavalos .

Tchitchiti era o primeiro a sair da Igreja. Na porta principal, com os pés sobre inscrições latinas em mármore centenário, olhava para o mar sorrindo, tangia o seu tambor. Cada cavaleiro no seu cavalo seguindo à frente do Santo devoto. Atrás em duas filas paralelas a multidão acompanhava a procissão, ao toque do tambor, do hino e do terço.

Seguia-se o almoço nas grandes varandas e salões, com a banda do Tchtchiti rufando o tambor no quintal. Galos e galinhas soltas da capoeira, tasquinhavam grãos de arroz que caíam do alto.

Coladeiras em êxtase repicavam os pés no chão duro, colando e dando tchabeta. Mandavam subtis mensagens de exprobação que se evolavam, perdendo-se nos ouvidos dos mais curiosos. Todo o salão de champagne na mão, mandíbula em frémitos incessantes divertia-se olhando para baixo. Na Banda do Tchitchite, Mana era a mais desafortada!

Faziam grandes pratos para o Tchitchiti e o seu grupo comerem lá mesmo no quintal. Ele nunca os aceitou. Recusava a comida e a bebida.

Dizia ele que tinha comida em sua casa e não era criado de quintal de nenhum branco de Bila.

Apenas profissional!

No meio do almoço, convidados à mesa, Tchitchiti e a Banda subiam até os salões cumprindo a tradição: davam três voltas à mesa, repicando o seu tambor, atrás as coladeiras colando e rebolando ao som do tambor e da tchabeta. Não tocavam num só bolo.

Veio a fome e muitas pessoas foram dizimadas.

Tchitchiti não parava em casa.

O seu dia estava sempre cheio, solicitado pelo Administrador, que poucas vezes pagava-lhe pelo trabalho. E com a fome, a tarefa triplicou, a sonoridade dolente convulsionou e a energia mitigou.

Por toda a cidade o tambor da morte ecoava. Reverberava nos ouvidos dos vivos e nas paredes altaneiras e surdas dos sobrados.

Mesmo com fome, Tchitchiti fazia o seu trabalho desobedecendo a própria mulher.

Dizia que jamais queria ser enterrado no caixão da Câmara.

Desconjurava o caldo da sola de sapato que muitos beberam, preferindo a morte.

Quantas vezes não teria desmaiado por causa do jejum prolongado!

Não havia caixão para os mortos nem mãos ou força para levá-los ao cemitério!

Muitos iam embrulhados em “finingue” e, na hora de descer à terra, era-lhes retirado para servir ao próximo.

Um dia, na boca da cova dos finados, viu-se um “finingue” fazendo onda. Ficaram curiosos, olhos arregalados.

Não foi como muitos casos da mesma índole que deixavam passar. Cuidadosamente e com medo, descobriram a cabeça que estava debaixo do pano que serpenteava. Alguém ao lado chorava e exclamava – por ele os tambores não rufaram!

Uma voz haurida disse:” sou eu, Tcitchiti, só estava desmaiado, tenho fome”!

SOBRE AS ACADEMIAS

ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS (ACL)

A magnífica aventura da criação da primeira academia de letras no espaço dos PALOP's

Tributo ao poeta Corsino Fortes

Dignificar o passado
Valorizar o presente
E enriquecer o futuro ...

Foi com este propósito que, em janeiro de 2013, um núcleo inicial de cinco escritores – Corsino Fortes, Fátima Bettencourt, Filinto Elísio, Vera Duarte e Danny Spínola –, a convite do poeta Corsino Fortes, se reuniu tendo por objetivo a criação de uma academia cabo-verdiana de letras. Após algumas reuniões e firmado o projeto, o grupo alargou-se a mais 9 escritores, igualmente a convite do poeta Corsino Fortes: Jorge Alfama, Carlos Barbosa, Daniel Medina, Dina Salústio, Oswaldo Osório, David Almada, Ondina Ferreira, Jorge Tolentino, Ludgero Correia e Jorge Soares.

Esse grupo reuniu-se durante alguns meses para estabelecer as bases da academia, estender o convite a outros escritores e escolher os patronos para as 40 cátedras.

No dia 25 de setembro de 2013, realizou-se a assembleia constitutiva da Academia Cabo-Verdiana de Letras com aprovação dos estatutos, da lista de patronos e lista de académicos, num total de trinta académicos, pois, ao grupo inicial, associaram-se os seguintes escritores: Arnaldo França, Jorge Carlos Fonseca, Manuel Veiga, Mário Lúcio Sousa, Teobaldo Virgínio, Donald Macedo, Artur Vieira, Arménio Vieira, José Luís Almada, José Luís Tavares, Samuel Gonçalves, Vasco Martins, Ével Rocha, João Branco, Carlos Araújo e Pedro Duarte.

A assembleia elegeu os primeiros corpos sociais da ACL tendo, curiosamente, o conselho diretivo sido integrado pelos 5 elementos do núcleo inicial.

Nessa Assembleia foram também eleitos como Membros Honorários a brasileira Simone Caputo Gomes e o português Alberto Carvalho.

Começava assim a grande aventura de dotar Cabo Verde da primeira academia de letras, tendo esta por objetivo maior e a dignificação das LETRAS e da LITERATURA nacionais.

Durante o primeiro ano de exercício, o Presidente Corsino Fortes acompanhado dos demais membros da direção e com o apoio do conselho dos fundadores constituído pelos 14 membros que fundaram a ACL, dirigiu os trabalhos que iriam por de pé a academia: organização, reuniões da direção, conferências, relações internas e externas, parcerias, patrocínios e outros.

Lamentavelmente, ao fim do primeiro ano, o poeta Corsino Fortes adoeceu e veio a falecer.

Assumiu então a presidência em exercício a vice-presidente Vera Duarte, que deu continuidade aos trabalhos do seu antecessor.

Ao fim de dois anos e concluído o primeiro mandato, procedeu-se a eleição de novos corpos sociais. Tendo o conselho diretivo sensivelmente a mesma constituição e sendo Vera Duarte eleita a presidente.

Esta nova direção ampliou os horizontes da ACL com assinatura de protocolos com entidades nacionais e internacionais, instituição de prémios literários, edição e reedição de livros, criação da revista *Novas Letras* e dando plena continuidade aos trabalhos de realização de palestras e conferências, homenagens, viagens ao exterior e participação, como protagonista ou em parceria, de variadas iniciativas literárias, numa atividade extremamente fecunda.

Durante este período, novos académicos foram admitidos bem assim novos Membros Honorários e Beneméritos.

Um balanço sucinto do que se vem fazendo demonstra que ACL se tornou num parceiro incontornável nas atividades literárias e vem dinamizando vários aspectos da vida cultural cabo-verdiana ligados a literatura.

Como atividades mais salientes apraz-nos realçar:

1 – A realização de palestras, conferências e encontros literários;

- 2 – A participação em encontros literários no país e no exterior;
- 3 – A dinamização da atividade editorial;
- 4 – A reedição de obras de imortais esgotadas há muito tempo;
- 5 – Alguns passos no processo de internacionalização da literatura cabo-verdiana;
- 6 – Realização de homenagens a diversas figuras literárias;
- 7 – Uma aposta na materialização da construção da história da literatura cabo-verdiana;
- 8- Assinaturas de variados protocolos no país e no exterior;
- 9 – Criação de prémios literários
- 10 – Reforços de contactos com a diáspora.

Registamos que durante este período vários académicos foram distinguidos com prémios literários, tendo a académica Vera Duarte sido eleita Patrona dos colóquios da lusofonia e membro da Academia de Ciências de Lisboa.

ACADEMIA GLORIENSE DE LETRAS (AGL)

AGL: cinco anos de história

Jorge Henrique (AGL)

Imbuídos da ideia de atuar no estímulo a práticas de letramento que concorressem para o desenvolvimento de uma tradição literária na localidade, em junho de 2012, poetas, músicos e promotores culturais, com relativa expressividade na comunidade gloriense, iniciamos as reuniões e debates que culminariam com a criação da *Academia Gloriense de Letras (AGL)*, em 09 de setembro, e sua instalação solene, em 12 de dezembro daquele ano. Nesse núcleo fundador estávamos eu, a jornalista Gileide Barbosa, o músico e poeta Ancelmo Aragão, o poeta Ramon Diego, o músico e poeta Edson Bastos, o poeta Euvaldo Lima, o professor Francisco das Chagas e a poeta Verônica Sales. A nós, progressivamente, foram-se somando outros dignos escritores e escritoras, dentre os quais, nosso atual Presidente, o poeta Lucas Lamonier, e a ilustre organizadora desta obra que celebra o convênio entre a Academia Gloriense de Letras (AGL) e a Academia Cabo-Verdiana de Letras (ACL), a poeta e cronista Christina Ramalho. Em dezembro de 2017, quando comemorávamos cinco anos de atividade, a AGL já contava com vinte e um membros efetivos, seis correspondentes e dois honorários. E, em janeiro de 2018, terá a honra e a alegria de receber em seu quadro acadêmico a primeira correspondente internacional, a ativa escritora cabo-verdiana, Vera Duarte Pina, Presidente da Academia Cabo-Verdiana de Letras.

Quando encetamos nossa jornada em dezembro de 2012, eufóricos e ansiosos, ouvimos na noite da instalação solene as graves e generosas palavras do Prof. Luiz Fernando Ribeiro Soutelo, Vice-Presidente do Conselho Estadual de Cultura, que afirmava ser a AGL uma instituição promissora, que canalizaria ações de desenvolvimento cultural da região, que trazia para si, naquele momento, a grande responsabilidade de ter sido a pioneira das academias de letras no interior de Sergipe e que, justamente por isso, tinha pela frente uma grande missão. Conforme afirmei em meu discurso inaugural, éramos pequenos, mas alimentávamos um grande sonho. Hoje, alcançando

terras cabo-verdianas, aquele sonho, de fato, agigantou-se e se solidifica a cada passo. É ele que, com seus generosos frutos, alimenta-nos ainda. Naquele primeiro instante, o confronto entre o que éramos e o que pretendíamos ser nos impulsionou à ação. Parafrazeando os versos da patronesse da cadeira que ocupo, a querida poeta sergipana Iara Vieira, citados naquele momento: o segredo de nossa força estava, de fato, contido em nossas asas, prestes a nos fazer decolar. O mistério era o nosso desejo latente de agir: o sonho de vermos florescerem as letras de nossa terra, de reavivarmos sua memória cultural, de oferecermos a todos quantos queiram o acesso aos bens tangíveis e intangíveis de nosso lugar, de revelarmos nossa riqueza, de nos convertermos em instrumentos para a transformação da realidade, quase sempre adversa. Assim surgiu a AGL e assim, firmemente mantendo esses propósitos, chegamos até aqui.

Sou imensamente agradecido aos meus pares, confrades e congreiras do núcleo fundador da AGL, por me terem confiado a magna missão de conduzir nossas ações durante os quatro primeiros anos e de passar a direção de nossas atividades às diligentes mãos do poeta Lucas Lamonier. Guardarei, indefinidamente, a alegria de ter tido o privilégio de participar dos primeiros momentos dessa agremiação literária que se tornou um marco para a história cultural de Nossa Senhora da Glória e uma referência relevante para o expressivo cenário de efervescência cultural que o estado de Sergipe experimenta, desde sua fundação. Estimulou-se o surgimento de outras academias no interior de Sergipe, que hoje conta com mais de 20 entidades congêneres, impulsionou-se o mercado editorial da região e foram diversificadas as ofertas de eventos culturais para os sertanejos. A AGL, em seus poucos anos de atuação, firmou produtivas parcerias e convênios e realizou diversas atividades que instalaram uma atmosfera propícia ao florescer das letras no sertão sergipano. Dentre essas realizações, algumas podem ser destacadas.

Fruto de parcerias com alguns departamentos da Universidade Federal de Sergipe, realizamos mesas de debates e seminários sobre filosofia e literatura, cinema e educação, prosa e poesia contemporânea em Sergipe, além de uma mostra de cinema francês sobre a obra de Marguerite Duras.

Em parceria com entidades culturais e com gestores públicos, temos realizado diversas rodas de leitura, seminários, palestras e eventos de estímulo à leitura e à escrita, que promovem práticas propícias ao amadurecimento de um público leitor e reflexivo, e ao surgimento de jovens escritores na região. Criamos o “Concurso Literário Profa. Maria Iracema Santos”, que, já a caminho de sua quarta edição, tem revelado talentos e despertado nos jovens o apreço pela leitura e a ousadia de aventurar-se na escrita. Além disso, promovemos, com frequência, oficinas criativas de poemas, contos, crônicas, destinadas a estudantes e jovens. A AGL vem, desde sua instalação, impulsionando o mercado editorial, através do incentivo a novos autores, e já concorreu para a publicação de cerca de 20 obras, entre individuais e coletivas.

Somos parceiros da Bienal do Livro de Itabaiana, que, em sua quarta edição, já é reconhecida como patrimônio cultural imaterial de Sergipe, tendo-se consolidado como o maior evento editorial do estado. A AGL também é parceira do Encontro Sergipano de Escritores, que mobiliza as letras sergipanas e se constitui num espaço de reflexão sobre o mercado editorial local e sobre a produção literária do estado.

A AGL também promove, anualmente, dois eventos importantes para a consecução de suas finalidades estatutárias. O *Encontro Gloriense de Escritores e Leitores (EGEL)* e o *Seminário das Academias Literárias de Sergipe (SALS)*. O primeiro, já a caminho de sua quarta edição, idealizado pelo poeta Lucas Lamonier, movimenta toda a cidade com atividades culturais diversificadas (teatro, cinema, contação de histórias, rodas de leitura, apresentações de dança, saraus, palestras, debates e oficinas) em vários espaços, sobretudo nas escolas públicas. Trata-se de um momento de socialização e reflexão sobre a produção escrita local, que cria oportunidade para novos autores e estimula, significativamente, a formação de um público leitor. A cada EGEL, lança-se uma antologia que reúne textos de autores locais, além dos textos dos estudantes finalistas do “Concurso Literário Profa. Maria Iracema dos Santos”. O segundo, também a caminho da quarta edição, idealizado pelo acadêmico Carlos Alexandre, busca um diálogo entre as agremiações literárias já existentes em Sergipe, que foram impulsionadas pela fundação da AGL. O SALS visa

integrar essas academias numa ação comum, além de aproximá-las da comunidade. Realizam-se comumente três mesas redondas. Na primeira, intitulada “Literatura em Sergipe Ontem”, os debatedores convidados refletem sobre o processo histórico de constituição da Literatura em Sergipe, a partir das obras de autores consagrados; na segunda, intitulada “Literatura em Sergipe hoje”, os debatedores convidados refletem sobre a cena literária atual em Sergipe; e na terceira, intitulada “Literatura em Sergipe amanhã”, sempre são convidados jovens autores e vencedores do concurso literário, a fim de que possam refletir sobre os caminhos de nossas letras.

Hoje, passados apenas cinco anos de nossa instalação, quando elencamos as atividades realizadas pela nossa querida AGL, parece que esticamos o tempo, e que estivemos desde há muito envolvidos nessa tarefa que abraçamos. Nossa caminhada nos dá a certeza de que a direção que escolhemos foi acertada. Graças às suas ações, o núcleo fundador da AGL foi agraciado pela câmara legislativa de Nossa Senhora da Glória com a Medalha do Mérito Cultural, em dezembro de 2016. Em agosto de 2017, a AGL foi reconhecida pela gestão pública municipal como Patrimônio Cultural e Imaterial de Nossa Senhora da Glória/SE e a data de sua instalação foi instituída, desde dezembro de 2017, como o “Dia da Poesia” em Nossa Senhora da Glória.

E agora, cá estamos, para além do Atlântico, a celebrar a “Literatura entre irmãos”, fruto do convênio de trocas culturais entre a AGL e a ACL, firmado em junho de 2016. Neste momento solene e festivo, vemos nosso corpo acadêmico enriquecer pelo ingresso de uma ilustre representante da Literatura cabo-verdiana, a querida Vera Duarte, que assume conosco o compromisso de manter firme o propósito de fortalecer cada vez mais a AGL e torná-la um instrumento efetivo de disseminação das letras e da cultura, aberto a todos, voltado a todos da nossa cidade, do nosso estado e do nosso país e, agora, de nosso irmão Cabo Verde.

Que a AGL e a ACL sigam cumprindo com os propósitos para os quais foram constituídas, para além de nós mesmos, *ad infinitum*.

Vida longa à AGL!

Vida longa à ACL!

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

DOS IRMÃOS ILUSTRES

Baltasar Lopes (Cabo Verde)

Nasceu na Ilha de São Nicolau, em 1907, e faleceu em 1989, na cidade de Lisboa. Graduou-se em Filologia Românica e Direito em Lisboa. Depois de formado, voltou para Cabo Verde, e passou a atuar como professor e, mais adiante, reitor, do Liceu Gil Eanes, em Mindelo, na Ilha de São Vicente. Quatro de suas obras se tornaram referências fundamentais para a construção da cabo-verdianidade na literatura do país: o romance *Chiquinho*, de 1947, que revela costumes, paisagens, gente e questões sociais de Cabo Verde; o necessário ensaio *O dialecto crioulo de Cabo Verde*, de 1957, que põe em foco um aspecto fundamental da cultura cabo-verdiana, que é o crioulo como língua-mãtria; a vertente lírica impressa na também antológica coletânea *Cântico da manhã futura* (1986), assinada com o nome Osvaldo Alcântara, e *Os trabalhos e os dias* (contos, 1987). Em 1936, junto com Manuel Lopes, Manuel Ferreira, António Aurélio Gonçalves, Francisco José Tenreiro, Jorge Barbosa e Daniel Filipe, fundou a revista *Claridade*, marco decisivo para a afirmação identitária cultural de Cabo Verde.

Jorge Barbosa (Cabo Verde)

Nascido na cidade de Praia, Ilha de Santiago, em maio de 1902, e falecido em 1971, em Portugal, Jorge Vera-Cruz Barbosa foi importante marco da literatura e da cultura cabo-verdianas. Pioneiro da literatura moderna em Cabo Verde, participou do movimento *Claridade*. Funcionário público da alfândega de São Vicente, atuou na imprensa cabo-verdiana e portuguesa, publicando em jornais e revistas. Autor de: *Arquipélago*, 1935; *Ambiente*, 1941; *Caderno de um Ilhéu*, 1956. Uma publicação póstuma de 2002 reuniu sua obra, acrescida dos livros inéditos: *Expectativa*, *Romanceiro dos pescadores* e *Outros poemas*. A ilha, com suas metáforas, é marca de sua estética lírica, assim como é notável seu envolvimento com as causas sociais.

Sílvio Romero (Sergipe, Brasil)

Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero, nascido em Lagarto, Sergipe, no dia 21 de abril de 1851 e falecido no Rio de Janeiro, em 18 de junho de 1914, foi um homem eclético. Advogado formado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco, atuou também como jornalista, crítico

literário, ensaísta, poeta, historiador, filósofo, cientista político, sociólogo, escritor, professor catedrático e político brasileiro. Sua atuação cultural teve dimensão internacional. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ingressou na Academia de Ciências de Lisboa e no Instituto de Coimbra. Foi deputado federal pelo estado de Sergipe. Publicou, entre outros, *Cantos do fim do século* (poemas, 1878), *A filosofia no Brasil* (1878), *Contos populares do Brasil* (1885), *Etnografia brasileira* (1888), *Parnaso sergipano*, 2 vols.: 1500-1900 e 1899-1904 (1904). Sua obra mais importante é *História da Literatura Brasileira*, cuja primeira edição se deu em 1888. Admirador de Kant, Spencer e da Escola de Ciência Social, notabilizou-se pelo envolvimento com estudos de folclore, história e literatura, e pela base evolucionista e sociológica de seu pensamento.

Tobias Barreto (Sergipe, Brasil)

Tobias Barreto de Menezes nasceu, em 1839, mestiço e pobre na Vila de Campos (hoje cidade que tem seu nome), província de Sergipe, e faleceu no Recife, Pernambuco, em 1889. Bacharel em Direito pela Faculdade do Recife, foi jornalista, advogado e deputado provincial. Destacou-se como filósofo brasileiro, atuando contra o conformismo retórico. Questionou a concepção de física social do positivismo, relacionou o conceito de cultura à constituição de normas para a compreensão do social e do humano. Entendia a metafísica como teoria do conhecimento, divergindo profundamente do positivismo. Defendeu o liberalismo na política, a emancipação feminina e a libertação dos escravos. Foi uma figura central na Escola do Recife, disseminando o pensamento filosófico alemão no Brasil que, naquela época, sofria forte influência da cultura francesa. Com certeza, foi um dos mais importantes pensadores brasileiros no século XIX. Publicou *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* (1875), *Estudos alemães* (1883), *Menores e Loucos* (1884), *Discursos* (1887) e *Questões vigentes de filosofia e direito* (1888). O restante de sua obra, dispersa em jornais, foi reunida em três edições de *Obras completas*, em 1925, 1963 e 1989. *Dias e Noites* (1881) foi seu único livro de poemas.⁵⁷

⁵⁷ Esta bibliografia reproduz trecho do artigo de Jorge Henrique Vieira Santos apresentado neste livro.

DA ACADEMIA CABO-VERDIANA DE LETRAS

Carlos Alberto Barbosa – Kaká Barboza

Natural da Ilha de São Vicente, vive desde a infância na Ilha de Santiago. É poeta, músico e contista, com seis obras publicadas; três escritas em cabo-verdiano - *Vinti Xintido Letrado na Kriolu*, *Son di ViraSon* e *Konfison na Finata*, poesia; e três em português – *Chão Terra Maiamo*, *Gaveta Branca*, poesia e *Cântico às Tradições*, contos. Foi membro fundador do Movimento Pró-Cultura; membro fundador da Associação dos Escritores Cabo-Verdianos. Participou na formação de várias organizações sociais e culturais do país, nomeadamente, Banda Robyns e Grupo Simentera. Foram-lhe atribuídos: o Diploma *Recognition*, do Governo do Estado de Rhode Island and Providence Plantations – USA pelo contributo dado à cultura cabo-verdiana; a Medalha de Mérito por ocasião do 30º Aniversário da Independência Nacional por Sua Exa. o Primeiro-ministro de Cabo Verde – Dr. José Maria Neves e 1ª Classe da Medalha do Vulcão por Sua Excelência o Presidente da República de Cabo Verde, Comandante Pedro Verona Rodrigues Pires. É sócio-fundador da Associação dos Escritores Cabo-Verdianos, da Sociedade de Autores Cabo-Verdianos. É membro fundador da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Foi Deputado da Nação nas VI e VII legislaturas. É autodidacta.

Carlos Manuel de Melo Araújo

Nasceu a 30 de abril de 1950 na Ilha de Santo Antão. É Licenciado em Engenharia Eletrotécnica pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa (IST). É membro-fundador da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Livros publicados: 1989, *Percurso Vulgar* (romance); 1997, *Contos do Arco-da-velha*; 1998, *Doze por dez* (poesia); 1999, *Na Corda Bamba* (novela), Grande prémio SONANGOL de literatura; 2000, *Vendaval* (Fábula? Romance? Conto?); 2002, *A Maldição de Ezeulu* (romance); 2014, *A Lenda de Monte Cara* (Lenda); 2014-2015, *A Canção da Ilha* (poesia); 2015, *Solrac no Planeta Terra* (da coleção *As Aventuras de Solrac*). Participa na antologia do conto inédito cabo-verdiano (*Tchuba na Desert*) e na antologia da poesia cabo-verdiana. Fez ainda dois anos de curso de teatro, tendo escrito e encenado as seguintes peças: *Samuel Beckett preparação de uma aula*, *Fé é coisa de criança*, *Sexta-feira 13*, *São 5h da tarde*, *A canção da Ilha*, *O aborto*, *5 minutos antes de Deus criar o mundo* (Os dois últimos não chegaram a ser representados). Narrador e criador do

seu texto na peça *As mindelenses*. Na área da política, é coordenador do livro *De Mindelo para Cabo Verde – convergência para a solidariedade*, patrocinado pela cooperação Suíça e pela PNUD. Escreveu ainda: *Para o desenvolvimento de São Vicente – Um projeto de vida, Cabo Verde precisa encontrar o seu caminho*, além de inúmeras publicações em jornais e revistas nacionais.

Daniel Medina

Nasceu na Ilha de Santo Antão e é professor universitário, jornalista e formador. Na área académica (literatura) é vice-presidente e membro-fundador da Academia Cabo-Verdiana de Letras, Presidente da Associação de Escritores de Cabo Verde, Vice-Presidente da Sociedade Cabo-Verdiana de Autores e Membro da União Internacional dos Escritores Lusófonos. Realiza e apresenta semanalmente um programa com entrevistas a escritores na Rádio de Cabo Verde. É Doutor em Ciências Políticas, Mestre em Linguística, Pós-graduado em Direito da Comunicação e Licenciado em Jornalismo. É autor de livros de crónicas, poesias e de artigos científicos e de opinião em diversos jornais sobre Sociedade, Comunicação Social, Cultura, Política e Educação. É autor de: *Pela Geografia do Prazer* (2008), *Tambor* (2010) e *Crónicas que a vida conta* (2011).

Danny Spínola, Daniel Euricles Spencer Rodrigues Spínola

Nasceu em Ribeira da Barca, concelho e freguesia de Santa Catarina da ilha de Santiago. Jornalista e professor de profissão, é, no mundo da arte e cultura, ensaísta, escritor e pintor. É Licenciado em Língua e Cultura Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi assessor do Ministro da Cultura (2008 a 2010) para as áreas da comunicação e da cultura. É Presidente do Conselho de Administração da Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (SOCA), membro-fundador e da direção da Associação de Escritores; um dos cinco membros do núcleo fundador da Academia Cabo-Verdiana de Letras. É editor e editor-diretor da ACL-Editora e da revista *Novas Letras*, da ACL. Foi editor e diretor de várias revistas e cadernos culturais de jornais, com destaque para a revista *Pré-Textos*, da Associação dos Escritores Cabo-Verdianos e da Revista *SOCA Magazine*. Realizou, dirigiu e apresentou vários programas radiofónicos e televisivos, de investigação e divulgação artístico-cultural, de 1982 a 2016, na Rádio e Televisão Cabo-Verdiana. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *Lágrimas de Bronze*, ficção, 1991 (3ª edição –

2006); *Na Kantar di Sol*, poema, 1991; *Infinito Delírio*, poemas, 2002; *Evocações*, ensaios, 2004; *Na Nha Sol Xintadu*, poema, 2004; *Lagoa Gémia*, kontu, e *Ámen Na Nha Xintidu*, poema, 2006; *Os Avatares das Ilhas*, ficção, 2008; *Cabo Verde e As Artes Plásticas*, Vol. I e II, 2009 e 2016; *Os Delírios da Cidade*, contos, 2014; *Pasárgadas de Sol*, poemas, 2015; *Photomaton*, Biografia, 2015; e *Vagens & Sonatas de Sol*, Poemas e Pinturas, 2015. Entre outras, recebeu a distinção feita pelo Governo de Cabo Verde, em 2005, com o 1º grau da Medalha de Mérito, em reconhecimento pelo seu especial mérito no domínio da cultura e a condecoração do Presidente da República, em 2010, com a 1ª classe da Medalha do Vulcão, em reconhecimento à sua contribuição para a promoção e o desenvolvimento da Cultura.

David Hopffer Almada

Natural do Concelho de Santa Catarina, na Ilha de Santiago. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, é advogado e consultor jurídico. Na área jurídica, é membro-fundador e presidente do Conselho Geral da Fundação de Direito e Justiça, e membro-fundador e presidente da Assembleia Geral da Ordem de Advogados de Cabo Verde. Fundador e Sócio-Gerente da D. Hopffer Almada & Associados – Sociedade de Advogados. Na área social, instituiu a Fundação Donana. Na área literária, é membro-fundador da SOCA, Sociedade Cabo-Verdiana de Autores e da Associação de Escritores Cabo-Verdianos. Observador Internacional da ONU, indicado pela Acção Mundial dos Parlamentos, nas primeiras Eleições Legislativas e Presidenciais Multipartidárias de Moçambique (outubro de 1984). Recebeu várias Distinções e Condecorações internacionais. Assumiu diversos cargos e funções na administração pública cabo-verdiana. Foi Ministro da Justiça e Ministro da Informação, Cultura e Desportos; Deputado na Assembleia Nacional, Representante do Parlamento Cabo-Verdiano na Assembleia Parlamentar dos Países da África, Caraíbas e Pacífico (ACP) e na Assembleia Parlamentar Paritária dos Países da África, Caraíbas e Pacífico (ACP) e da União Europeia (EU), de 2006 a 2011. Co-Promotor da Sociedade Para o Ensino, Ciência e Cultura, SA (Entidade Titular da Universidade de Santiago), de que é Presidente do Conselho de Administração; Co-Promotor da EFE, Sociedade para o Ensino, Formação e Educação (Entidade Titular do Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais), de que é Presidente da Assembleia Geral. Autor de diversos livros: *Canto a Cabo verde* (poesia); *Cabo-Verdianidade e Tropicalismo* (ensaio), *A questão presidencial em Cabo Verde – uma questão de regime* (ensaio); *Vivências* (poesia); *Pela cultura e pela identidade – em defesa da cabo-verdianidade*; *Cabo Verde – revisão constitucional de 2010 e 0*

advento da Nova República (ensaio); *A construção do Estado e a democratização do poder em Cabo Verde* (ensaio); *Cabo Verde e os caminhos do futuro* (ensaio); e *Papa por uma noite* (romance).

Dina Salústio

Bernardina de Oliveira Salústio é natural da Ilha de Santo Antão. É Assistente Social. Como escritora, publicou: *Mornas eram as Noites*, contos, 1994 (traduzido em espanhol); *A Louca de Serrano*, romance, 1998; *Violência Contra as Mulheres*, estudo 2001; *Filhas do Vento*, romance, 2009. A sua obra é objeto de estudo e teses de licenciatura, mestrado e doutoramento no Brasil, Portugal, Itália e Cabo Verde. Membro fundador da Academia Cabo-Verdiana de Letras. 1º Prémio em literatura juvenil (1994), Cabo Verde, e 2º Prémio em literatura juvenil dos PALOP (2000). Galardoada pelo Governo de Cabo Verde com a Ordem do Mérito Cultural (2005) e com a 1ª Classe da Medalha do Vulcão por S. Exa o Presidente da República (2010). Recebeu o prémio Rosalia de Castro para a Literatura em Língua Portuguesa, na Espanha, em 2016.

Fátima Bettencourt

Nascida na Ilha de Santo Antão, é professora do Ensino Básico e Preparatório, e exerceu ainda o cargo de professora de Pedagogia na Escola do Magistério Primário, em 1975/76, Mindelo. Realizou alguns estágios em universidades portuguesas (Universidade Nova de Lisboa e Instituto Superior de Educação de Setúbal). É contista, cronista, autora infanto-juvenil e jornalista na imprensa escrita e radiofónica como locutora e produtora de programas em Portugal, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Angola. Em 1988 e 1989, já residindo em Santiago, trabalhou na Organização das Mulheres de Cabo Verde como responsável dos Departamentos de Informação e Relações Exteriores. Nesse cargo, editou uma revista e teve intensa atividade jornalística e de comunicação, o que a levou a todas as ilhas do arquipélago. Em 2011 foi homenageada pela OMCV e pelo Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género pelo contributo prestado à luta pela emancipação da mulher cabo-verdiana. Em 2000 voltou ao quadro de origem – a Educação – colocada na Rádio Educativa, integrando um programa de ensino a distância e acabando por se especializar em jornalismo educativo até a aposentação (1995). Em parceria com Dina Salústio, produziu e apresentou o programa cultural *O Mundo da Palavra*, financiado pelo Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa (CPLP), divulgando autores cabo-verdianos. Foi membro da FAIC, que geria fundos de cooperação

suíça e financiou dezassete projetos culturais. Membro da Associação dos Escritores Cabo-Verdianos a cujo Conselho Coordenador pertenceu durante dois mandatos; membro da Associação dos Amigos de Angola; membro do Conselho da Comunicação Social; membro Fundador da Academia Cabo-Verdiana de Letras, a cujo Conselho Diretivo pertence. Manteve uma coluna em vários jornais de 1992 a 2002; apresentou na RTC uma crónica radiofónica no ano de 2010. Intensa atividade cultural/literária dentro e fora do país, com comunicações na Alemanha, Madeira, Açores, Brasil, Marrocos e Canárias. Realização de um estudo sobre a Gastronomia Nacional e outro sobre a Rede de Leitura Pública. É muito solicitada para apresentação de livros, palestras, sessões de animação com alunos das Escolas e Liceus, cursos de formação, júris de concursos literários. Seus contos e crónicas têm sido objeto de estudos e teses por investigadores da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Recebeu o Prémio Eugénio Tavares da Crónica Jornalística em 2005. No mesmo ano foi condecorada com o 1º Grau da Medalha de Mérito pelo Governo de Cabo Verde pela sua intervenção no domínio da Cultura. Em 2010 foi condecorada pelo Presidente da República com a 1ª classe da Medalha do Vulcão. Publicou: *Semear em Pó* (contos), em 1994; *A Cruz do Rufino* (infanto-juvenil), em 1996; *Um Certo Olhar* (crónicas), em 2001; participação na *Antologia dos Pós-claridosos* em 2002; *Mar – Caminho Adubado de Esperança* (contos), em 2006; *Lugar de Suor, Pão e Alegria* (crónicas), em 2007; *Clareza – a Palavra dos Outros* (recolha, organização e apresentação), em 2010; *Prosas Soltas* (Acácia Editora, 2016). Participou em várias antologias: *Antologia de Ficção Cabo-verdiana dos Pós Claridosos*, em 2002; *Elas contam*, organizada por Ondina Ferreira; *Tchuba na Desert*, organizada por Francisco Fontes; *Literatura Cabo-verdiana: seleta de poesia e prosa em língua portuguesa*, organizada por Simone Caputo Gomes e Érica Antunes Pereira; e algumas outras. Tem colaboração dispersa em jornais e revistas nacionais e estrangeiras. Tem em preparação um livro infanto-juvenil e uma coletânea de contos.

João Lopes Filho

Natural da Ilha de São Nicolau, tem Agregação em Antropologia, com especialidade em Estudos Africanos, pela Universidade Nova de Lisboa, em 2001; Doutor em Antropologia, especialidade Etnologia, pela Universidade Nova de Lisboa, em 1992. Professor Titular da Universidade de Cabo Verde; Docente na Universidade Nova de Lisboa e na Universidade de Cabo Verde. Recebeu os seguintes prémios: Prémio AIUÉ de Etnologia Africana, 2003; Medalha de 1ª Classe da Ordem do Vulcão, concedida pelo Presidente da

República de Cabo Verde, em 2004.; Medalha de Reconhecimento, concedida pela Câmara Municipal da Cidade da Ribeira Brava, S. Nicolau, em 2007; Cidadão Honorário da Cidade Velha de Cabo Verde (Património da Humanidade pela UNESCO), Santiago, 2011; Grande Prémio Sonangol de Literatura dos PALOPs (Romance), Luanda 2011; Prémio Investigação Cabo Verde – Galardão “Somos Cabo Verde”, Praia, 2015. Diversos livros publicados, entre eles: *Cabo Verde - Apontamentos Etnográficos*, 1976 ; *Estória, Estória... Contos Cabo-Verdianos*, 1978 (2ª ed. - 1983, Ed. em inglês - 1995); *Introdução à Antropologia Cultural* (co-autores Mesquitela Lima e Benito Martinez), 1980 (Dez edições entre 1980 e 1991); *Cabo Verde - Subsídios para um Levantamento Cultural*, 1981; *Cabo Verde. Retalhos do Quotidiano*, 1995; *Ilha de S. Nicolau de Cabo Verde. Formação da Sociedade e Mudança Cultural*, 1996 (2 vols.); *Vozes da Cultura Cabo-verdiana*, 1998; *Vamos Conhecer Cabo Verde*, 1998 (2ª ed. Secretariado das Multiculturas, 1998; Ilhéu Editora, 2001); *Olhares Partilhados*, 2002; *Subsídios para o estudo da abolição da escravatura*, 2006; *In Memoriam João Lopes*, 2007; *Crónicas do Tempo que Passou*, 2009; *O Gatinho Medroso*, 2012; *António Carreira – Etnógrafo e Historiador*, 2015.

Jorge Tolentino

Nascido em Mindelo, na Ilha de São Vicente, Jorge Homero Tolentino Araújo é jurista e diplomata de carreira. Exerceu diversas funções no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Foi Conselheiro do Presidente da República e do Primeiro-Ministro. Trabalhou na Missão de Cabo Verde junto da Organização da ONU, em Nova Iorque, e foi Delegado na Comissão dos Direitos Humanos, em Genebra. Foi Embaixador de Cabo Verde em vários países, nomeadamente Alemanha, Finlândia, Polónia, República Checa e Espanha. Assumiu, num total de cerca de dez anos, vários cargos no Governo, designadamente os de Ministro Adjunto do Primeiro-Ministro (respondendo pelos sectores da Presidência do Conselho de Ministros e da Comunicação Social), Ministro da Cultura e dos Desportos, Ministro da Presidência do Conselho de Ministros e Ministro da Defesa Nacional, Ministro das Relações Exteriores (até abril de 2016). Foi Editor Cultural do Jornal *Voz di Povo* (1980/82); Membro do Conselho Executivo da Associação Cabo-Verdiana de Escritores (1992/94); Membro do Conselho de Leitura do Instituto Cabo-Verdiano do Livro (1991/92). Foi vencedor do Concurso Literário Nacional pelo 5 de Julho de 1980 (5º aniversário da Independência). Foi sócio-fundador da “Spleen Edições” (1995). Igualmente, é Membro-fundador da Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (2004). É Membro da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Tem colaboração dispersa por diversos periódicos e figura em algumas

antologias. Desses periódicos, destacam-se as Revistas *Raízes*, *África – Literatura, Arte e Cultura*, *Ponto & Vírgula*, *Direito e Cidadania*. Publicou: *Direitos Humanos ou uma certa saudade do futuro*, 1999; *Cidadania e Liberdade – palavras que escrevi*, 2005; *António Aurélio Gonçalves – o Mestre entre nós*, 2014; *Tempos de InCertezas*, 2016; *Mascarenhas Monteiro – O Discreto Artífice*, 2017.

Manuel Veiga

Manuel Monteiro da Veiga nasceu na Ilha de Santiago, no Concelho de Santa Catarina. É doutor em linguística geral aplicada na Universidade francesa de Aix-en-Provence, com uma tese de análise descritiva e contrastiva sobre o crioulo de Cabo Verde. Foi, sucessivamente, director-geral da Cultura, director-geral do Património Cultural, presidente do Instituto Nacional da Cultura. Foi responsável pelo Departamento de Linguística durante vários anos e Presidente do Grupo de Padronização da Língua Cabo-verdiana, grupo este proponente do ALUPEC (alfabeto unificado para a escrita do cabo-verdiano). Foi deputado à Assembleia Nacional na 6ª e 7ª legislaturas. Foi presidente da Comissão Especializada de Educação, Ciência e Cultura durante a 6ª legislatura. Foi Vice-Presidente do Fórum Africano de Parlamentares para a Educação. Foi membro do Bureau do Parlamento da CEDEAO (2003-2004). Foi Vice-Presidente do Comité Internacional de Estudos Crioulos (1996-2005). É membro fundador das seguintes instituições: Associação de Escritores Cabo-verdianos; Cátedra Amílcar Cabral; Cátedra Baltasar Lopes; Academia das Ciências e Humanidades; Academia Cabo-verdiana de Letras. Foi Coordenador do 1º Mestrado de Crioulística e Língua Cabo-verdiana na Uni-CV (2010-2013), ex-Director da Cátedra Amílcar Cabral, ex-Vice-Presidente da Mesa de Assembleia Geral da Academia Cabo-verdiana de Letras (2013-2015); ex-Director da revista *Desafios*, órgão de difusão científica da Cátedra Amílcar Cabral. Publicou dezenas de ensaios e de artigos na área da linguística e da cultura, em revistas nacionais e estrangeiras. Foi conferencista em vários colóquios nacionais e internacionais, nas áreas da linguística e da literatura. Para além do romance *Odju d’Agu* (1987), em crioulo, e do romance *Diário das Ilhas* (1997, em português, escreveu *Diskrison Strutural di Língua Kabuverdianu* (1982); *A Sementeira* (1994); *Introdução à Gramática do Crioulo* (1995 e 1996); *Le Créole du CapVert: Etude Grammaticale Descriptive et Contrastive*, 2000; *O Cabo-verdiano em 45 Lições* (2002); *A Construção do Bilinguismo* (2004); *Dicionário Cabo-verdiano-Português*, a 1ª edição é de 2011 e a 2ª de 2012; *A Palavra e o Verbo* (2016), um repositório do pensamento cultural do autor, entre 1990-2015); coordenou a edição da obra

Cabo Verde – Insularidade e Literatura, que foi traduzido em França para *Cap-Vert: Insularité et Littérature*, 1998. Tem no prelo um estudo sobre *Autonomização da Língua Cabo-verdiana* a partir das Matrizes Africana e a Lusitana. Exerceu funções de Ministro da Cultura de 2004-2010. É cidadão honorário da Cidade de Ribeira Grande de Santiago, pelo contributo dado no reconhecimento da Cidade Velha como Património da Humanidade. Foi galardoado, em outubro de 2017, com a Medalha de Mérito Cultural, de Primeiro Grau, pelo atual Primeiro-Ministro, Dr. José Ulisses Correia e Silva. Foi distinguido, em 2009, pelo canal de televisão TIVER, como uma das figuras de sucesso, no plano cultural. Recebeu, por três vezes, o *Prémio Língua Cabo-verdiana*, da Associação de Escritores Cabo-verdianos e galardoado, em 2000, com o 1º lugar do prémio do Fundo Bibliográfico da Língua Portuguesa. Foi condecorado com a medalha de Mérito e com a Medalha do Vulcão, respectivamente, pelos Presidentes da República António Mascarenhas Monteiro e Pedro Verona Rodrigues Pires. Foi ainda distinguido, em 2014, pelo então Primeiro-Ministro de Cabo Verde, Dr. José-Maria Neves, com a Medalha de Serviços Distintos, pelo contributo dado ao dossier de candidatura que conduziu a Cidade Velha a Património da Humanidade. É Professor Jubilado da Uni-CV desde Outubro de 2014.

Samuel Ferreira Fontes Gonçalves

Nasceu na Ilha do Fogo. Médico de profissão. É sócio da Academia de Letras e Artes do Nordeste (Brasil), da Sociedade Portuguesa dos Escritores e Artistas Médicos, e membro da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Tem as seguintes obras publicadas: *Chinho e Colixo*, 2003, primeiro romance e Primeiro prémio da literatura africana pelo Instituto Marquês de Valle Flor-Lisboa; *Aquele retrato*, 2005, 2º romance; *Recado das ilhas*, 2011, contos; *O curandeiro do Monte Piorro*, 2013, romance. Além disso, tem as seguintes obras ainda inéditas: *O hospital*, romance; *S. Tomé*, romance.

Vera Duarte

Natural da Ilha de São Vicente, Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina é Juíza Desembargadora, presidente da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa em 1978. Desempenhou, entre outros, os cargos de Ministra de Educação e Ensino Superior, Presidente da Comissão Nacional para os Direitos Humanos e Cidadania, Conselheira do Presidente da República

e Juíza conselheira do Supremo Tribunal de Justiça. Ao longo da sua carreira, integrou organizações nacionais e internacionais ligadas ao direito, à mulher, à cultura e aos direitos humanos, nomeadamente, a Associação Cabo-Verdiana de Mulheres Juristas, a Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos e a Comissão Internacional de Juristas e Centro Norte-sul do Conselho da Europa. Foi galardoada com a medalha de mérito cultural no 30º Aniversário da independência (2005), o prémio Norte-sul dos Direitos Humanos (1995) e condecorada pelo Presidente da República com a Medalha da Ordem do Vulcão no 35º aniversário da Independência. Estreou na publicação com a obra poética *Amanhã Amadrugada* (1993), a que se seguiram *O Arquipélago da Paixão* (poesia, 2001, “prix Tchicaya U Tam’si de poésie africaine”), *A Candidata* (ficção, 2004, prémio Sonangol de Literatura), *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (poesia, 2005), *Construindo a Utopia* (2007), *A Palavra e os Dias* (crónicas, 2013); *A matriarca – uma estória de mestiçagem* (romance, 2017). Tem no prelo o *guia Cabo Verde Um Roteiro Sentimental* e em preparação um livro de poemas.

DA ACADEMIA GLORIENSE DE LETRAS (AGL)

Cacia Valeria de Rezende

Primeira ocupante da Cadeira nº 12, cuja patronesse é a educadora gloriense Maria da Glória Costa. Embora tenha nascido no município de Gararu, foi registrada como natural de Nossa Senhora da Glória. Filha de Manoel Elias de Rezende e Maria de Lourdes Santos Resende, sua paixão pelo sertão nasceu ainda na infância, através das idas e vindas à residência de seu avô, que lhe contava histórias de sua juventude e do lugar onde vivia. Licenciou-se em Pedagogia e História, pela Universidade Tiradentes, especializou-se em Psicopedagogia Clínica e Institucional, pela Faculdade São Luís de França, e Docência e Tutoria em Ensino a Distância, pela Universidade Tiradentes. Em 2014, concluiu o Mestrado em Educação, também pela Universidade Tiradentes, defendendo a pesquisa intitulada “Educação no sertão: memórias e experiências das professoras no alto sertão sergipano (1950-1970)”. Entre suas publicações acadêmicas, destacam-se “A contribuição da Escola Estadual Cícero Bezerra para a sociedade gloriense: (1963 a 1990)” e “Um grito no sertão: o cotidiano e arte de Véio”, produzido em co-autoria com as colegas Shaquele Santos Barros e Fernanda dos Santos. Atualmente, participa de dois

Grupos de Pesquisa: “Sociedade, Educação, História e Memória” e “Políticas Públicas, Gestão Socioeducacional e Formação de Professor”. Como se pode verificar, seu objeto de estudo é sempre o sertão, tema que desencadeia nessa dedicada estudiosa a paixão e muita pesquisa.

Carlos Alexandre Nascimento Aragão

Primeiro ocupante da Cadeira nº 13, cuja patronesse é a educadora Montelegrense Maria Etelvina Nunes Ferreira. Natural do município de Capela, Sergipe, é filho de Carlos Andrade de Aragão, agricultor e açougueiro, e Rose Meire Nascimento Aragão, lavradora e dona de casa. É o segundo dos sete filhos do casal. Formou-se em Letras Português/Inglês pela Universidade Tiradentes em 2003 e concluiu o Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe em 2012. Além disso, fez Especialização em Letras e Educação a Distância. Atualmente, é professor efetivo da rede estadual, lecionando no Colégio Estadual 28 de Janeiro, em Monte Alegre, e é professor tutor II da Universidade Tiradentes no polo desse município desde 2006. Trabalha com pesquisa na área de Língua Portuguesa com ênfase em Análise do Discurso e é Membro efetivo da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), Titular da Cadeira nº 28. Organizou o I Concurso de poesia do Colégio Estadual 28 de Janeiro (2014), coordena o grupo de estudo "Poetas Modernos", que desenvolve o projeto “A Poesia indo à Escola” com alunos do Ensino Fundamental e Médio. É um dos idealizadores do Encontro de Escritores Monte-Alegrenses e Convidados e organizador da 1ª antologia, fruto desse encontro. Organizou, com Christina Ramalho, o livro *Jovens cronistas do sertão* (2016), fruto de projeto aprovado pelo Ministério da Cultura e realizado com jovens estudantes do sertão sergipano. É autor de *O professor de língua portuguesa e as imagens de si: uma abordagem discursiva* (2017).

Domingos Pascoal

Primeiro ocupante da Cadeira no. 10, cuja patronesse é a educadora e escritora sergipana Maria Lígia Madureira Pina. Natural da cidade de Groaíras, no noroeste de Ceará, filho de Sebastião Ximenes Melo e Lídia Ximenes de Melo, o terceiro de uma família de 12 filhos. Formou-se em Direito, pela UNIFOR, pós-graduou-se em Gestão de Pessoas, atuou como advogado e professor até ser admitido, por concurso público, para servidor do TRT, onde ocupou destacadas funções, como a de diretor da secretaria da 3ª junta.

Aposentado, passou a se dedicar à literatura. Atuou também como radialista e fundou o jornal *O Ceará*. Foi correspondente da *Tribuna do Ceará*, *O Povo* e do *Diário do Nordeste*. Atualmente, é articulista da revista *Perfil* e do portal *Infonet*. Em 2008, lançou o livro *Experimente Mudar*. Tendo sido bem recebido pelo público e pela crítica, lançou também *A Janela Azul* e *A Mudança Começa em Você*. É ainda organizador de algumas antologias, como as *seletas do 1º e 2º Encontro Sergipano de Escritores* e, mais recentemente, a *1ª Antologia Loja Maçônica Cotinguiba de Conto, Crônica e Poesia*. É sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, da Associação Cearense de Escritores, da Associação Cearense de Jornalistas do Interior, da Associação Sergipana de Imprensa, sócio honorário da Academia Arapiraquense de Letras e Artes, diretor cultural da Sociedade Amigos da Marinha e ocupa também a cadeira de número 11 do Movimento de Apoio Cultural da Academia Sergipana de Letras, da qual tornou-se membro efetivo, sucedendo o escritor e poeta Mário Cabral na cadeira de nº. 17. Partidário das ideias de expansão de Luiz Antônio Barreto, Pascoal iniciou o processo de criação das academias de letras no interior de Sergipe, tornando-se seu grande incentivador e articulador. Graças ao seu incansável trabalho, Sergipe conta, em 2017, com mais de uma dezena de Academias de Letras, entre as quais as de Itabaiana, Lagarto, Tobias Barreto, Laranjeiras, Nossa Senhora das Dores, a Academia Regional do Amplo Sertão Sergipano e a pioneira delas, a AGL. Sempre envolvido com o incentivo ao interesse de crianças, adolescentes e jovens pela literatura, participou da fundação da Academia de Letras Estudantil de Sergipe.

Edson Magalhães Bastos Júnior

Natural de Aracaju (SE), nasceu em 28/06/1981. Filho de Edson Magalhães Bastos e Maria Oliveira Bastos, é casado com Rosana Valdira Ribeiro Costa Bastos, e pai de Hannah e Ayla, três flores do seu jardim. Geógrafo (UFS), Especialista em Geotecnologias (IFS) e Mestre em Geociências (UFS/PGAB). Membro-fundador da Academia Gloriense de Letras (AGL), em 2012, ocupa a cadeira nº 05, que tem a educadora sergipana Laura Amazonas como patronesse. Em 2010 seu poema “Navegar é preciso” foi premiado no IV Festival de Arte Espírita, em Aracaju. Finalista do 27º Concurso de Poesia da Cidade de Propriá/SE em 2013, com o poema “Caminhe”, e, em 2015, na 29ª edição do mesmo concurso, com o poema “Não há pílula maior”. Em 2016, integrou a Antologia do II Encontro Gloriense de Escritores e Leitores com a poesia “Tímpanos Cegos”. Em 2017, participou da antologia *II Encontro Sertanejo de Escritores*, com o texto “Minha Alheia Vida Tua”. Participa de

atividades do movimento espírita em Nossa Senhora da Glória, desde 2007. Atualmente integra a equipe do Centro Espírita Yvonne Pereira (CEYP). Integra a equipe técnica da Gerência de Operações Regional Sertão, da Companhia de Saneamento de Sergipe (DESO).

Euvaldo Lima dos Reis

Primeiro ocupante da Cadeira nº 6, cujo patrono é o poeta cearense Patativa do Assaré. Natural de Feira Nova (SE). Estudante de Letras Português/Espanhol da Universidade Tiradentes, comerciante e poeta. Estreou na literatura aos 21 anos, com o lançamento de *Conversão de um Jovem Ateu*, o primeiro de uma série de cordéis, que se soma aos mais popularizados, *Herói sem Título*, *Gotinha de Luz* e *Zé*. Em 2008, ganhou o concurso de poesia organizado pela Federação Espírita de Sergipe com o poema “Viva Chico Xavier”. Em 2009, lançou seu livro de poemas, *Um sopro em Verso: Memória e Poesia*. Em 2010, no encontro cultural organizado pela Federação Espírita de Sergipe, classificou em primeiro lugar seu cordel: *A peleja do instinto contra o sentimento*. Também integrou as antologias *Retalhos* e *Unidos na Fé*, ambas publicadas em 2011. Em 2012, classificou quatro dos cinco poemas que inscreveu no concurso nacional organizado pela Gráfica e Editora Veloso, que levou a público a *Antologia Veloso 2012*. Ainda em 2012, idealizou e tornou-se Editor-chefe da *Revista Mais Glória*, empresa do grupo Enium Interativa, Portal e Revista Mais Glória.

Jorge Henrique

Natural de Nossa Senhora da Glória (SE), Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), especialista em Mídias em Educação (UFS) e em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (FACINTER), membro Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade - GELINS/UFS e do Núcleo de Pesquisa em Inclusão Escolar da Pessoa com Deficiência – NUPIEPED/UFS, Jorge Henrique Vieira Santos é professor e poeta. Mantém uma intensa vida cultural. É membro fundador e foi primeiro presidente da Academia Gloriense de Letras, onde atua desde 2012 promovendo eventos de incentivo à leitura e ministrando oficinas de escrita criativa, membro correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni e, em 2017, tornou-se também membro fundador da Academia Sergipana de Cordel. Tem duas obras literárias individuais publicadas: *Mutante in Sanidade* (poemas, 2001) e *Glória Cantada em Versos* (cordel, 2008). Integra ainda diversas antologias literárias e acadêmicas,

dentre as quais o *I Prêmio Banese de Literatura* (2004) e a *II Antologia de Poetas Lusófonos* (2009), publicada na cidade de Leiria, em Portugal. Em 2016, lançou o livro “A Polidez no discurso sobre a inclusão da pessoa com deficiência na escola” (Paco Editorial), fruto de sua pesquisa de mestrado.

José Sergival Silva

Primeiro ocupante da Cadeira nº 2 de Membros Correspondentes, cujo patrono é o poeta sergipano João Silva Franco (João Sapateiro). Natural de Nossa Senhora da Glória, Sergival é poeta e declamador. Participou de diversos saraus e antologias literárias nacionais e internacionais, conquistando prêmios em concursos literários como no Concurso Nacional Gregório de Matos, Concurso Internacional Hermanos, O poeta o vinho e o violão, Aperitivo Poético, e, recentemente, obteve o primeiro lugar no Prêmio de Poesia Popular João Sapateiro, com o poema “Ode ao Sapateiro”. Na Literatura de Cordel, conquistou o primeiro lugar no concurso cultural de aniversário do Petroclube de Aracaju/SE, com um livreto que narra a história do clube, além de ter realizado projetos institucionais na Petrobras Sergipe, em parceria com os principais cordelistas deste estado, como o lendário Mestre João Firmino (em memória), e ter elaborado trabalhos didáticos para os funcionários, utilizando deste formato literário para tratar de saúde, segurança e meio-ambiente. Boa parte de suas composições musicais utilizam-se das principais métricas do cordel, além da apresentação de xilogravuras em seu figurino e nos painéis de cenários de seus shows. É autor do livro *Sementear*, de poemas e contos, que foi lançado na Feira Internacional do Livro de Salvador e na Feira Internacional do Livro de Havana, em Cuba, onde esteve autografando sua obra. É membro do M.A.C (Movimento de Apoio Cultural) da Academia Sergipana de Letras, em que ocupa a Cadeira nº 7, e da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, em que ocupa cadeira do Quadro de Pesquisadores daquela casa. Faz parte também de vários grupos, como o Grupo Cultural Pórtico de Poesias (BA) e da Casa Lima Barreto (RJ).

Kelber Rodrigues de Souza

Primeiro ocupante da Cadeira nº 18, cujo patrono é o poeta sergipano Joaquim do Prado Sampaio Leite. Natural de Aracaju, nascido em 10 de maio de 1976. Filho de Pedro Rodrigues de Souza e Maria de Deus Gouveia de Souza. Graduado em Letras/Português e Pós-Graduado em Docência e Tutoria em Ensino a Distância pela UNIT. Trabalhou como Coordenador de Educação

Especial e como Coordenador do Ensino Médio na Diretoria Regional de Educação - DRE7, e como Professor Tutor na UNIT, vinculado ao curso de Letras. Atuou como professor - Ensino Médio - no Colégio Estadual Manoel Messias Feitosa, em Nossa Senhora da Glória, e no Colégio Estadual Professor José Augusto da Rocha Lima, em Gararu/SE, pela SEED/SE. Atuou como Professor Tutor do CESAD/UAB/UFS, vinculado ao curso de Letras Português. Atualmente leciona na Escola Estadual Bráulio Cavalcante, em Pão de Açúcar/AL. Ministrou um curso no Instituto Superior Antonio Ruiz de Montoya na Argentina. Tem poemas publicados na *Revista Juglaría* em Pousadas/Misiones/Argentina, e nas Antologias: *Abrindo ALAS, II Encontro de Escritores Canindeenses e Convidados, Seleta do III Encontro Sergipano de Escritores* e na antologia do I Encontro dos Escritores Monte-Alegrenses e Convidados, dentre outras. É Membro Correspondente da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS).

Leunira Batista Santos Sousa

Leunira Batista Santos Sousa nasceu no dia 23 de março de 1950, em Nossa Senhora da Glória, Sergipe, Brasil, onde ainda reside. É escritora, poetisa e jornalista. Graduada em Letras Português/Espanhol pela UNIT. De Professora/Educadora a Auditora Tributária da SEFAZ de Sergipe, na qual se aposentou. Como marco dos 50 Anos de Emancipação Política, escreveu simultaneamente o primeiro registro sistemático *Nossa Senhora da Glória e sua História* (1978). Integra as antologias do I, II, III, IV e V Encontros Sergipano de Escritores; Instalação e Aniversários da ALAS- ABRINDO ALAS I, II e III; 1º, 2º, 3º e 4º Encontros dos Escritores Canindeenses & Convidados; EGE - *Um Sertão de Escritores, uma Glória de leitores*, EGEL *A Glória das letras, no Sertão das palavras* e EGEL - *Um mar de expressão de um SERTÃO de GLÓRIA e literatura*; I e II Encontro de Escritores Monte-alegrenses & Convidados; I Antologia Poética de Sergipe- *Poetizando a Vida*; 1º e 2º Encontros Sertanejo de São Miguel do Aleixo, *Sertão Leitor*; I Antologia Poética do Sarau Sergipano de Mulheres; Fénix Logos nº 24, 25 26 e 27; Poesia Sem Fronteira do VIII Concurso Literário Poesia Sem Fronteiras; FÉNIX Edição Especial “Mulheres pela Paz”; Criticartes 2017; I Antologia de Escritores Santanenses e Convidados de Santana do Ipanema, AL. Publicações nas Revistas: Criticartes nº 6 e 7 Edição; Lilite nº 2; Maisgloria 13ª Edição; *Perfil* agosto/setembro 2014, Barbante Ano5 - nº 17; EISFLUENCIAS de fevereiro, abril e agosto/ 2017; AVESSA nº 15. Continua em destaque a sua obra *O Espelho da Felicidade* (2014). Membro Fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS), ocupando a cadeira nº 3, patrono Marcelo Déda Chagas. Membro

efetivo da Academia Gloriense de Letras (AGL), ocupando a cadeira n. 16, patrona Maria Helena de Andrade Pereira.

Lucas Lamonier

Nascido em Nossa Senhora da Glória, Lucas Lamonier Silva Santos é o primeiro ocupante da Cadeira nº 14 da Academia Gloriense de Letras, cuja patronesse é a educadora gloriense Maria Iracema Santos. Licenciado em Letras/Português, Bacharel em Administração, Formado em Teologia pela EFTEL – Diocese de Propriá, Pós-graduado em Literatura Brasileira e Portuguesa, Pós-graduando Gestão e Empreendedorismo Turístico, Mestrando em Ciências da Educação pela UNASUR, Professor de Língua Portuguesa, Locutor na FM Boca da Mata, Mestre de Cerimônias, Secretário Executivo da Paróquia Nossa Senhora da Glória e Membro do Conselho Municipal de Educação. Autor do livro de poemas *Janelas da Alma* (2015) e do *Unidos pelo amor, abraçados pela fé* (2015). Integra várias antologias estaduais e nacionais. É membro fundador da Academia Literária do Amplo Sertão Sergipano (ALAS). Idealizador do Encontro Gloriense de Escritores e Leitores, do Encontro Gloriense de Blogueiros, e da Geladeiroteca em Nossa Senhora da Glória. Organizador das Antologias EGEL (I, II e III) e *O florescer das letras no Jardim do Sertão*.

Luiz Alves da Silva

Luiz Alves da Silva, conhecido como Gauchinho, é o primeiro ocupante da Cadeira nº 09, cujo Patrono é o poeta sergipano João Firmino Cabral. Natural da Baixa Limpa, município de N. Sra. da Glória (SE), filho de Sebastião Alves da Silva e Sauvelina Alves da Silva. Tendo sido alfabetizado pelos seus irmãos, ainda adolescente aventura-se pelo mundo das letras e escreve seu primeiro cordel: "A luta de Sebastião pelo amor de Sauvelina", no qual narra a trajetória de vida de seus pais. Há muito que o poeta vem lutando com as palavras diariamente, elaborando uma das obras poéticas mais significativas do cordel gloriense. Demonstra ter consciência de seu papel como poeta do cordel e não só estuda essa tradição literária, como também estreitou laços com seus representantes mais significativos. Teve folhetos revisados pelo poeta Manoel d'Almeida Filho, um ícone do cordel brasileiro, e manteve um estreito laço de amizade com o grande poeta sergipano João Firmino Cabral, seu Patrono na AGL. É autor de diversos livros, segundo são mais de 20 títulos. Teve obras publicadas pela *Editores Luzeiro*, de São Paulo, outras pela *Editores Tupynanquim*, de Fortaleza, e outras foram editadas artesanalmente e

publicadas pelo próprio autor. Destacam-se em sua obra: "A volta de Camões e as novas perguntas do Rei", "As proezas de seu Lunga: o rei da ignorância", "Encontro de Frei Damião com Pe. Cícero no céu", "O itabaianense valente" e "O romance do rei que voltou a palavra atrás".

Ramon Diego

Natural de Sousa (PB), Ramon Diego Câmara Rocha é mestrando em estudos literários pela UFS e membro fundador da AGL – Academia Gloriense de Letras. O poeta reside na cidade de Nossa Senhora da Glória, no estado de Sergipe. Por duas vezes consecutivas participou das antologias TOC140 – Poesia no Twitter, organizado pela FLIPORTO. Em 2012 lançou seu primeiro livro de poesia, intitulado *Viagem rasa* e, em 2016, *Argamassa do silêncio* (Ed. Multifoco). Também teve parte de seus poemas publicada em revistas como a *Cumbuca*, a revista *Blecaute*, a revista *Mallarmargens*, a revista *Germina*, entre outras.

DA ORGANIZADORA

Christina Bielinski Ramalho

Carioca (1964) e cidadã aracajuana (2016) e sergipana (2017), é Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2004). Possui pós-Doutorado em Estudos Cabo-Verdianos pela USP (2010/2012, bolsa FAPESP), com a pesquisa "A cabeça calva de Deus: o epos cabo-verdiano na poesia de Corsino Fortes" (supervisão da Profa. Dra. Simone Caputo Gomes) e Pós-Doutorado em Estudos Épicos com a pesquisa "A proposição épica à luz do anacronismo em literatura" (2016-2017), pela Université Clermont-Auvergne, França (supervisão do Prof. Dr. Saulo Neiva). Atua como professora universitária desde 1998. Em 01/03/2012, passou a integrar, como Professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa e Estágio Supervisionado, a Universidade Federal de Sergipe/UFS, campus Itabaiana. Atuou, ainda, em 2016, como professora convidada no curso de mestrado da Université Clermont-Auvergne, França. Membro do Grupo de Estudos em Literatura e Cultura/GELIC/UFS, do grupo de pesquisa Estudos Portugueses e Africanos, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e do REARE (*Réseau Euro-Africain de Recherches sur l'Épopée*). Criadora e coordenadora do CIMEEP, Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos

Épicos (www.cimeep.com). A partir de março de 2017, assumiu a função de Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UFS). É autora e organizadora de 28 livros (crítica literária, com ênfase na poesia épica e na poesia lírica, e de livros de poesia, crônicas e contos). Dentre suas obras, destacam-se *A cabeça calva de Deus, de Corsino Fortes*, o epos de uma nação solar no cosmos da épica universal (2015 e 2017), *História da epopeia brasileira* (vol 1, 2007 e vol. 2, 2015, com A. V. Silva) e *Poemas épicos: estratégias de leitura* (2013). Possui mais de 80 publicações em livros e periódicos nacionais e internacionais, além de ter prefaciado diversos de livros (poemas, contos, romance, crônicas). Suas mais recentes publicações são *Poesia nordestina contemporânea* (2017, organizada em parceria com Éverton de Jesus Santos) e *fio de teNsão* (poemas, 2017). Participou como jurada de concursos literários brasileiros de grande porte, como a Bolsa FUNARTE de Estímulo à Criação Literária (2007), o Prêmio Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional (2007) e o Prêmio Jabuti, categoria contos e crônicas (2015). Pintora e fotógrafa amadora com diversas exposições realizadas. Membro Honorário da Academia Gloriense de Letras e da Academia Cabo-Verdiana de Letras.

